UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

***CAMPUS* CHAPECÓ**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS (PPGEL)

CURSO DE MESTRADO

ANGÉLICA KAUFMANN

MANUTENÇÃO DO *DEITSCH* E *DEUTSCH* EM CONTATO COM O PORTUGUÊS EM MONDAÍ/SC E SAUDADES/SC

CHAPECÓ

2019

ANGÉLICA KAUFMANN

MANUTENÇÃO DO *DEITSCH* E *DEUTSCH* EM CONTATO COM O PORTUGUÊS EM MONDAÍ/SC E SAUDADES/SC

Dissertação apresentada à banca do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dr. Cristiane Horst

CHAPECÓ

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kaufmann, Angelica
Manutenção e Substituição linguística no contato Deitsch/Deutsch/Português em Mondaí/SC e Saudades/SC / Angelica Kaufmann. -- 2019.
117 f.

Orientador: Doutora em Filologia Românica/Letras Cristiane Horst.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos-PPGEL, Chapecó, SC , 2019.

1. Línguas em contato. 2. Alemão/Português. 3. Dialetologia Pluridimensional. 4. Oeste Catarinense. I. Horst, Cristiane, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANGÉLICA KAUFMANN

MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTATO DEITSCH/DEUTSCH/PORTUGUÊS EM MONDAÍ/SC E SAUDADES/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendida em banca examinadora no dia 02/10/2019.

Orientadora: Cristiane Horst

Profª Drª Cristiane Horst

Aprovada em: 02/10/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS – membro interno

Profª Drª Sanimar Busse – UNIOESTE – membro externo

Profª Drª Cláudia Finger-Kratochvil – UFFS – membro interno (suplente)

Chapecó, outubro de 2019

RESUMO

Com a presente dissertação apresentamos uma pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado em Estudos Linguísticos, em que objetivamos estudar o uso dos termos de parentesco por falantes das variedades alemãs *Deitsch* e *Deutsch*, em contexto de contato português-alemão na região oeste de Santa Catarina, envolvendo os municípios de Saudades e Mondaí. A escolha dos pontos ocorreu por meio do predomínio do uso das variedades em questão em municípios que foram colonizados por alemães e seus descendentes (HORST; KRUG; FORNARA, 2017). Pretendemos observar a relação dessas variedades com a língua portuguesa, a partir de variáveis sociais, como nível de escolaridade, faixa etária e gênero. Esses fatores serão relevantes no momento de analisar até que ponto essas variedades são mantidas, a partir da influência da língua majoritária do país, o português, e identificar se existem diferenças entre um fator e outro. Os termos que integram a pesquisa são os de parentesco do tipo sanguíneo, ou seja, de acordo com Geckeler (1973 *apud* HORST, 2011), são aqueles que constituem laços de sangue, como pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, tio, tia, avôs, bisavôs, sobrinhos, entre outros, totalizando vinte termos. Essas informações foram coletadas através de entrevistas gravadas com a finalidade de desenvolver esta dissertação e, com isso, fazem parte do banco de dados do projeto de pesquisa ao qual esse estudo está vinculado, intitulado Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF). Nesse sentido, a pesquisa também ampliou esse acervo de dados em construção. Foi realizado um estudo sincrônico, ou seja, neste momento, foram analisados apenas dados coletados em 2019. Possivelmente, em trabalhos futuros, será possível realizar um estudo diacrônico a partir destes resultados. O projeto de pesquisa toma como base pesquisas já realizadas sobre contato linguístico, como a de Altenhofen e Oliveira (2011) e Horst e Krug (2012, 2016), Altenhofen (2011). O fundamento teórico concentra-se nas teorias de bilinguismo/plurilinguismo: visto em Mackey (1972), Coseriu (1982), Romaine (1995); línguas em contato: visto em Altenhofen, Raso, Mello (2011), Margotti (2011); dialetologia pluridimensional de Thun (1996, 1998, 2005, 2010). Para este trabalho, são consideradas quatro dimensões de análise dos dados, abordadas pela dialetologia pluridimensional, sendo elas: a diatópica (diferentes localidades), a diageracional (GI – entre 18 e 36 anos e GII – com 55 anos ou mais), a diassexual (homem e mulher) e a diastrática (nível de estudo dos informantes: Ca - com ensino superior e Cb - com, no máximo, Ensino Médio). Nas análises, os dados estão organizados e relacionados a partir dessas dimensões, o que nos permite observar se existem diferenças. Os resultados nos mostraram que não houve nenhuma disparidade na manutenção e substituição de termos de parentesco. E, a partir da relacionalidade dos dados, foi possível identificar que a maior manutenção em alemão está nos homens (dimensão diassexual), na classe alta (dimensão diastrática), na geração II (dimensão diageracional) e na localidade de Saudades (dimensão diatópica). De forma geral, vemos que as variantes em alemão são mais mantidas do que substituídas. Assim, temos um resultado de 72% de manutenção do alemão por falantes teuto-brasileiros bilíngues e 28% de substituição, somando os dados de todos os informantes em um contexto de contato alemão-português com base em questões metalinguísticas e lexicais referentes aos termos de parentesco de contato sanguíneo.

Palavras-chave: Línguas em contato; Português/Alemão; Línguas minoritárias; Dialetologia Pluridimensional; Oeste catarinense.

ZUSAMMENFASSUNG

Mit dieser Dissertation präsentieren wir eine Forschung, die in dem Rahmen des Masterstudiengangs Sprachwissenschaft entwickelt wurde, in der wir die Verwendung von Verwandtschaftsbegriffen von den Sprecher der deutschen Varianten *Deitsch* und *Deutsch* im Kontext des portugiesisch-deutschen Kontakts im Westen Santa Catarina untersuchen wollen, an der die Gemeinden Saudades und Mondaí beteiligt sind. Die Auswahl der Punkte beruhte auf der überwiegenden Verwendung der oben genannten Varianten in Gemeinden, die von Deutschen und ihren Nachkommen besiedelt wurden. (HORST; KRUG; FORNARA, 2017). Wir beabsichtigen, das Verhältnis dieser Varianten zur portugiesischen Sprache zu beobachten, basierend auf sozialen Variablen wie Bildungsniveau, Alter und Geschlecht. Diese Faktoren werden relevant sein, wenn es analysiert wird, inwieweit diese Varianten erhalten bleiben, basierend auf dem Einfluss der Hauptsprache des Landes, Portugiesisch, und um festzustellen, ob es Unterschiede zwischen den Faktoren gibt. Die Begriffe, die Teil der Forschung sind, beziehen sich auf Blutsverwandtschaft, das heiβt, laut Geckeler (1973 apud HORST, 2011), sind diejenigen, die Blutsbindung haben, wie Vater, Mutter, Sohn, Tochter, Bruder, Schwester, Onkel, Tante, Großeltern, Urgroßeltern, Neffen, unter anderem, es gibt insgesamt 20 Begriffe. Diese Informationen wurden durch aufgezeichnete Interviews zum Zweck der Entwicklung dieser Dissertation gesammelt und sind als solche Teil der Forschungsprojektdatenbank, mit der diese Studie verknüpft ist, mit dem Titel Atlas der Kontaktsprachen an der Grenze. In diesem Sinne, hat die Forschung auch diese im Aufbau befindliche Datenerfassung erweitert. Es wurde eine synchrone Studie durchgeführt, das heiβt, in dieser Moment haben wir nur die 2019 erhobenen Daten analysiert. Möglicherweise wird es in zukünftigen Arbeiten möglich sein, eine diachrone Studie anhand dieser Ergebnisse durchzuführen. Das Forschungsprojekt basiert auf bereits durchgeführten Forschungen zum sprachlichen Kontakt wie Altenhofen und Oliveira (2011), Horst und Krug (2012, 2016) und Altenhofen (2011). Die theoretische Grundlage konzentriert sich auf Zweisprachigkeits- / Mehrsprachigkeitstheorien: gesehen in Mackey (1972), Coseriu (1982), Romaine (1995); Kontaktsprachen: gesehen in Altenhofen, Raso, Mello (2011), Margotti (2011); und Thuns multidimensionale Dialektologie (1996, 1998, 2005, 2010). In dieser Studie werden vier Dimensionen der Datenanalyse betractet, die die multidimensionale Dialektologie anliegt: diatopisch (verschiedene Standorte), diagenerativ (GI - zwischen 18 und 36 Jahren und GII - 55 Jahren oder älter), diasexuell (männlich und weiblich) und diastratisch (Bildungsniveau der Informanten: Ca - mit Hochschulabschluss und Cb - höchstens mit Hochschulabschluss). In den Analysen, werden die Daten anhand dieser Dimensionen organisiert und in Beziehung gesetzt, sodass wir feststellen können, ob es Unterschiede gibt. Die Ergebnisse zeigten uns, dass es keine Unterschiede bei der Aufrechterhaltung und Ersetzung von Verwandtschaftsbegriffen gab. Anhand der Relationalität der Daten konnte festgestellt werden, dass der größte Aufrechterhaltung in Deutsch bei Männern (diasexuelle Dimension), in der Oberschicht (diastratische Dimension), in der Generation II (diagenerationale Dimension) und in der Gemeinde Saudades (diatopisch) liegt. Im Allgemeinen, sehen wir, dass die deutschen Varianten eher gepflegt als ersetzt werden. Somit haben wir ein Ergebnis von 72% der Aufrechterhaltung der deutschen Sprache durch zweisprachige deutsch-brasilianische Sprecher und 28% der Ersetzung, wobei die Daten aller Informanten in einem deutsch-portugiesischen Kontaktkontext basierend auf metalinguistischen und lexikalischen Fragen in Bezug auf den Verwandtschaftbegriffen von Blutkontakt.

Stichwörter: Kontaktsprachen; Portugiesisch/Deutsch; Minderheitensprachen; Multidimensionale Dialektologie; Westen Santa Catarina.

ABSTRACT

With this dissertation we present a research developed in the Masters Program in Linguistic Studies, in which we aim to study the use of kinship terms by speakers of the German varieties *Deitsch* and *Deutsch*, in a context of Portuguese-German contact in the west of Santa Catarina, involving the communities of Saudades and Mondaí. These communities were chosen due to the preponderance of the use of the varieties in question, in counties that were colonized by Germans and their descendants (HORST; KRUG; FORNARA, 2017). We intend to observe the relationship of these varieties with the Portuguese language, based on social variables such as educational level, age and gender. These factors will be relevant when analyzing the extent to which these varieties are maintained, based on the influence of the country's major language, Portuguese, and identifying whether there are differences or not between one factor and another. The terms that are part of the research are those of kinship related by blood, which means, according to Geckeler (1973 apud HORST, 2011), those that constitute blood ties, such as father, mother, son, daughter, brother, sister, uncle, aunt, grandparents, great-grandparents, nephews, among others, adding up to twenty terms. This information was collected through recorded interviews with the purpose of developing this dissertation and, as such, are part of the research project database to which this study is linked, it is entitled Atlas of the Languages in Contact on the Border (ALCB). In this sense, the research also expanded this data collection under construction. A synchronous study was performed, that is, at this moment, only data collected in 2019 were analyzed. Possibly, in future works, it will be possible to perform a diachronic study from these results. The research project is based on researches already conducted on linguistic contact, such as Altenhofen and Oliveira (2011), Horst and Krug (2012, 2016) and Altenhofen (2011). The theoretical foundation focuses on bilingualism / plurilingualism theories: seen in Mackey (1972), Coseriu (1982), Romaine (1995); languages in contact: seen in Altenhofen, Raso, Mello (2011), Margotti (2011); and Thun's multidimensional dialectology (1996, 1998, 2005, 2010). In this study, four dimensions of data analysis approached by the multidimensional dialectology are considered: diatopic (different locations), diagenerational (GI - between 18 and 36 years and GII - 55 years or older), diasexual (male and female) and diastratic (informants' level of study: Ca - with higher education and Cb - with, at most, high school). In the analysis, the data are organized and related based on these dimensions, allowing us to observe if there are any differences. The results showed us that there was no disparity in maintenance and replacement of kinship terms. From the relationality of the data, it was possible to identify that the greatest maintenance in German is in men (diasexual dimension), in upper class (diastratic dimension), in generation II (diagenerational dimension) and in the community of Saudades (diatopic dimension). In general, we see that the German variants are more maintained than replaced. Thus, we have a result of 72% of maintenance of German by German-Brazilian bilingual speakers and 28% of substitution, adding up the data of all informants in a German-Portuguese contact context based on metalinguistic and lexical questions regarding the terms of kinship of blood contact.

Keywords: Languages in contact; Portuguese/German; Minority languages; Multidimensional Dialectology; West of Santa Catarina.

LISTA DE SIGLAS

ALMA-H: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata - *Hunsrückisch*

ALCF: Atlas das línguas em contato na fronteira

ALCF-OC: Atlas das línguas em contato na fronteira – Oeste Catarinense

CEP: Conselho de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul

Hd: *Hochdeutsch*

Pt: Português

DP: Dialetologia Pluridimensional

Ca: Classe alta

Cb: Classe baixa

F: Feminino

M: Masculino

GI: Geração I

GII: Geração II

MO: Mondaí

SA: Saudades

RS: Rio Grande do Sul

SC: Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

199

233

255

5150

52

543

Figura 7 - Gráficos em cruz com os dados dos informantes de Saudades 89

Figura 8 - Gráficos em cruz com os dados dos informantes de Mondaí 90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Níveis de vitalidade das línguas39
.....38
Quadro 2 – Distribuição dos informantes55
.....54
Quadro 3 – Perguntas metalinguísticas que têm como resposta 646464
.....63
64
Quadro 4 – Respostas dos informantes sobre as perguntas do Quadro 365
.....64
Quadro 5 – Perguntas metalinguísticas com respostas 656565 6965
Quadro 6 – Respostas às perguntas do quadro 570
.....70

LISTA DE GRÁFICOS

809
8281
843
865
887

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** **12**

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO **16**

2.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O BRASIL 17

2.2 IMIGRANTES NO OESTE DE SANTA CATARINA 19

2.2.1 Alemães em Mondaí **21**

2.2.2 Alemães em Saudades 23

3 PERCURSO SOBRE TEORIAS LINGUÍSTICAS **26**

3.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: DO BRASIL PARA O SUL DO BRASIL 26

3.2 BILINGUISMO/PLURILINGUISMO 29

3.3 LÍNGUA MATERNA 32

3.4 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA 34

3.5 CODE-MIXING E CODE-SWITCHING 39

3.6 TERMOS DE PARENTESCO 42

3.7 NOMENCLATURA DAS VARIEDADES ALEMÃS 45

3.8 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL 47

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS **52**

4.1 SELEÇÃO DOS INFORMANTES E DIMENSÕES ANALISADAS 52

4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 54

4.3 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS 56

5 ANÁLISE DE DADOS **58**

5.1 CONVERSA LIVRE SEMIDIRIGIDA, QUESTIONÁRIO METALINGUÍSTICO, ASPECTOS DE LEITURA E ESCRITA; 60

5.2 QUESTIONÁRIO LEXICAL: TERMOS DE PARENTESCO; 71

5.2.1 Análise na dimensão diassexual **77**

5.2.2 Análise na dimensão diastrática **79**

5.2.3 Análise na dimensão diageracional **81**

5.2.4 Análise na dimensão diatópica **83**

5.2.5 Análises gerais e dados em cruz **84**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **90**

REFERÊNCIAS **94**

ANEXOS **100**

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a região sul do Brasil pode ser considerada a mais plurilíngue do país (ALTENHOFEN, 2011). A partir disso, assim como em qualquer situação de contexto multi ou plurilíngue, sempre existem as línguas minoritárias e uma, ou mais, língua dominante, que, no nosso caso, é o português. Com o intuito de conhecer um pouco mais sobre essas línguas de menos prestígio, escolhemos as variedades alemãs *Deitsch* e *Deutsch*[1] para serem abordadas neste trabalho que é de cunho qualitativo. A denominação *Deitsch* é dada pelos informantes cujas famílias migraram de São Leopoldo, Nova Petrópolis e Estrela (RS) e a denominação *Deutsch* é dada pelos informantes cujas famílias migraram de Santa Cruz, Rio Pardo, Estrela, Lajeado e da Alemanha.

A partir disso, esta dissertação tem como tema o uso de termos de parentesco utilizados, atualmente, por falantes das variedades alemãs *Deitsch* e *Deutsch*, em dois municípios da região Oeste de Santa Catarina (SC), Mondaí e Saudades, considerando questões metalinguísticas sobre as crenças dos falantes em relação a sua língua minoritária. A partir de entrevistas com dezesseis falantes, temos o **objetivo geral** de observar a manutenção dessas variedades minoritárias ou a sua substituição pelo português, usando o recorte lexical dos termos de parentesco. Também faremos a relação da manutenção ou substituição de acordo com o gênero, a escolaridade, a idade e a localização dos informantes e analisar se estes fatores influenciam ou não nos resultados.

A justificativa dessa pesquisa está baseada na importância acadêmica e pessoal de dar visibilidade às línguas minorizadas/minoritárias[2], que, há muito tempo, fazem parte da constituição do quadro linguístico brasileiro e que vêm se perdendo gradativamente. Importância pessoal porque se trata de uma língua minoritária que faz parte da trajetória de vida da pesquisadora e é falada por ela, sua família e grande parte do seu grupo de convívio de descendentes de alemães no dia a dia. Também se sentiu a necessidade de dar continuidade a um trabalho de pesquisa que teve início durante a graduação da acadêmica, com o intuito de dar profundidade ao assunto referente àquela pesquisa. Dessa forma, o trabalho percorre um trajeto histórico, seguindo com teorias que são a base do estudo para, depois, chegar às análises dos dados.

Os dados que serão analisados no decorrer do trabalho fazem parte do banco de dados do projeto de pesquisa ao qual esse estudo está vinculado, intitulado Atlas das

[1] No item 4.4, temos uma seção dedicada a essa nomenclatura.
[2] No capítulo de contextualização teórica, abordamos uma explicação sobre esta nomenclatura.

Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense e foram coletados pela pesquisadora, responsável por esta dissertação. Nesse sentido, também, iremos ampliar o banco de dados desse projeto. Faremos uma análise sincrônica de dados, ou seja, neste momento, vamos analisar apenas dados que foram coletados em 2019. Possivelmente, em trabalhos futuros, será possível trabalhar com uma amostra coletada no final do século passado, proveniente de um banco de dados semelhante ao que o ALCF está constituindo, que possibilitará uma comparação, ou seja, um estudo diacrônico.

A maioria das línguas que conhecemos na atualidade, incluindo o português brasileiro (MELLO, 2011), passaram por processos naturais de mudança antes de chegarem à sua constituição atual. Um dos fenômenos que contribui nesse processo é o contato de línguas (ALTENHOFEN, OLIVEIRA, 2011). Nos últimos anos, alguns trabalhos vêm sendo realizados em âmbito de contatos de línguas, principalmente na região Sul do Brasil, com o intuito de analisar a situação de manutenção de línguas minoritárias, que ainda estão presentes nesses espaços. Podemos ver exemplos em estudos como o de Altenhofen (2011), Horst (2011), Krug (2011), Horst e Krug (2012, 2015), Horst (2014), Machado (2016) e Klein e Horst (2016), que analisam o contato de variedades do alemão com o português, Margotti (2011), Pértile (2009), Funkler, Horst e Krug (2017), que estudam o contato linguístico entre variedades italianas e o português, Krug, Horst e Wepik (2016), que realizaram uma pesquisa do contato do polonês com o português, além de estudos de comparação de situações de contato.

Este trabalho vai ao encontro dessas pesquisas, contribuindo com os estudos realizados sobre a influência que o português exerce sobre variedades do alemão. O recorte linguístico realizado para as análises refere-se às questões metalinguísticas e lexicais. As metalinguísticas abordam questões sobre crenças e sobre partes da história dos falantes em relação às línguas minoritárias. As questões lexicais englobam o uso das variantes que compõem os termos de parentescos do tipo sanguíneo. De acordo com Geckeler (1973 *apud* HORST, 2011), esse tipo se refere aos membros da família que constituem laços de sangue, como pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, tio, tia, avôs, bisavôs, sobrinhos, entre outros. Além destas questões, também abordamos aspectos em relação à história das famílias dos informantes, bem como anotações de caderno de campo que auxiliam no momento das análises.

Como hipótese para o nosso objetivo geral, temos a de que, ao longo do tempo, cada vez mais, sejam incorporados termos de parentesco em português na fala das variedades

Deitsch e *Deutsch*. Porém, mesmo que isso ocorra, acreditamos que o predomínio das variantes seja de língua alemã, fundamentado em estudos como de Wolschick (2016), Horst (2014), Horst (2011), Luersen (2009) e outros a serem citados no decorrer do trabalho, cujos resultados apresentaram mais de 50% do total de uso de termos em alemão.

Os municípios que integram essa pesquisa são: Mondaí e Saudades, ambos localizados no Oeste de Santa Catarina. A escolha dos pontos deu-se em função do predomínio do uso das variedades em questão em municípios que foram colonizados por alemães (HORST; KRUG; FORNARA, 2017). Justifica-se, inclusive, a escolha dos pontos pelo distanciamento geográfico de uma localidade para outra, o que permite uma análise de possíveis diferenças na manutenção devido a esse fator. Os dados coletados, além de complementarem o banco de dados do projeto ALCF-OC, poderão valer para futuras pesquisas que pretendem estudar assuntos de questões linguísticas nesta região.

A situação de contato linguístico que é abordada nesse trabalho iniciou logo após a vinda dos imigrantes alemães, falantes de *Deitsch* e *Deutsch*, para o Brasil, quando se estabeleceu, progressivamente, o contato com a língua portuguesa. Com o passar do tempo, os falantes dessas variedades, a partir de interações diárias, especialmente em espaços públicos, começaram a incorporar em suas falas algumas palavras e expressões da língua com a qual mantinham contato constante. (ALTENHOFEN, 2011).

Sabemos que, de acordo com estudos já realizados, como de Thun (2005), Altenhofen (2011), Mello (2011), Luersen (2009), entre outros, mudanças linguísticas são um processo natural de qualquer língua e, quando se trata de línguas que estão em constante contato, essas mudanças podem ser ainda maiores e são inevitáveis. Tal processo também pode ser observado na língua oficial do Brasil, que teve influência de outras línguas, como as indígenas, as africanas, as de fronteira e a as línguas de imigração, incluindo as variedades *Deitsch* e *Deutsch*.

De acordo com Ponso (2017, p. 186),

> Os grandes movimentos migratórios e colonizatórios de povos que abandonam seus países de origem pelas mais diversas razões se encontram na base da maioria dos contatos entre grupos étnicos, que, convergindo para um mesmo espaço geográfico, não apenas têm de adaptar-se ao novo meio, mas também efetuar trocas culturais com os demais grupos humanos em contato. Nesse particular, a linguagem talvez seja o elemento de troca que mais sofra modificações, considerando-se a relação estreita que existe entre a estrutura social e o uso da língua pelos falantes.

O contato contínuo de falantes de diversas línguas resulta em distintas situações de multilinguismo e é responsável por diferentes fenômenos linguísticos. Estes são explicados

por diferentes teorias que contribuem para a nossa pesquisa e que serão abordadas nos capítulos seguintes, como a manutenção e substituição linguística, *language shift*, *code-switching,* empréstimos, interferências e outros.

Além destas teorias, para a coleta dos dados e posterior análises, nos baseamos na teoria da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1996), que seleciona seus informantes de acordo com diferentes dimensões, como a dimensão diageracional – com informantes de geração I (GI: 18-36 anos) e geração II (GII: 60 anos ou mais); a dimensão diastrática – com informantes que se enquadram na classe alta (Ca: com mais estudo) ou na classe baixa (Cb: com menos estudo); a dimensão diassexual – com informantes divididos entre homem e mulher e; a dimensão diatópica, que organiza os informantes de acordo com a localidade geográfica onde moram. Dessa forma, ao realizar as análises dos dados, é possível que sejam observadas as relações existentes entre as diferentes dimensões menciondas. Na seção 3.8, a teoria e metodologia da Dialetologia Pluridimensional será apresentada com detalhes[3].

Com base nesta teoria, alcançaremos os nossos **objetivos específicos** que estão elencados abaixo com as suas respectivas hipóteses para melhor visualização:

1) **Objetivo**: avaliar se existe alguma variação no uso dos termos de parentesco entre a fala de homens e mulheres (dimensão diassexual). **Hipótese**: é possível que mulheres mantenham mais a língua minoritária, compreendendo que, em épocas anteriores, de acordo com Jungblut (2011), eram elas que mais ficavam no lar, cuidando das tarefas domésticas e os homens saíam mais a campo e à cidade. Porém, se olharmos para o que afirma Labov (2008), tem-se que mulheres tendem a ser mais inovadoras e que são mais sensíveis aos padrões de prestígio. Apesar disso, opta-se pela primeira hipótese.

2) **Objetivo**: apontar qual é a variação na manutenção ou substituição dos termos de parentesco em alemão de acordo com a escolaridade (dimensão diastrática: mais estudo e menos estudo). **Hipótese**: acredita-se que a classe que possui um nível de escolaridade menor apresenta maior manutenção da fala em alemão pelo fato de, provavelmente, ter estado em menor contato com o português do que a classe com mais nível de instrução. De acordo com Labov (2008), falantes mais escolarizados tendem a aproximar mais a sua fala à variedade padrão.

3) **Objetivo**: analisar qual é a geração, de acordo com as duas faixas etárias, que

3 Ver seção 3.8

apresenta maior manutenção ou substituição dos termos de parentesco em alemão (dimensão diageracional). **Hipótese**: a geração mais nova pode apresentar maior uso da língua portuguesa, pensando que, a cada geração que passar, menor será o contato com a língua alemã. Essa hipótese se fundamenta em dados apresentados nas pesquisas de Horst (2014), Horst (2011), Luersen (2009), Wolschick (2016) e Bernieri (2017). Dentre os resultados, encontramos respostas de informantes que acreditam que a criança deve aprender desde cedo o português, julgando que a aprendizagem de uma língua minoritária só lhe trará prejuízo. (HORST, 2014).

4) **Objetivo**: verificar se uma das duas localidades em estudo mantém mais termos de parentesco em alemão do que a outra (dimensão diatópica). **Hipótese**: pela história apresentada por Jungblut (2011) e pelas páginas do município de Mondaí[4] e de Saudades[5], os imigrantes são provenientes do Rio Grande do Sul e colonizaram os municípios em anos próximos, na mesma época. A região de Mondaí foi colonizada em 1922 e a região de Saudades na década de 30. Por isso, é possível que não tenhamos diferenças significativas na porcentagem de manutenção e substituição de termos de parentesco em alemão.

Os próximos capítulos estão divididos em: Contextualização histórica da região, que apresenta um resumo da história do contexto de emigração alemã e imigração/migração de alemães para o Oeste de Santa Catarina e os conflitos com os indígenas que ocorreram naquele período, bem como o processo de colonização dos municípios de Saudades e Mondaí; Contextualização teórica, que aborda os principais temas ligados a aspectos de línguas em contato e fenômenos linguísticos; Metodologia, que explica os procedimentos metodológicos utilizados para realizar a organização do questionário, a coleta e a análise de dados; Análise de Dados, que apresenta a descrição e as análises, abordando a conversa livre semidirigida, questões metalinguísticas e lexicais, leitura, escrita e anotações em cadernos de campo; ao final, temos as Referências e os Anexos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO

Neste capítulo, faremos um breve trajeto histórico para apresentar o caminho percorrido pelos imigrantes e seus descendentes até chegarem ao destino em foco nesta pesquisa, que é o Oeste de Santa Catarina. Também vamos abordar os principais motivos que levaram esses imigrantes a saírem do país onde nasceram.

---

4 Prefeitura de Mondaí. Disponível em www.mondai.sc.gov.br/.
5 Prefeitura de Saudades. Disponível em www.saudades.sc.gov.br/.

2.1 A IMIGRAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA

Para que possamos compreender melhor a atual situação linguística da nossa região de pesquisa, é necessário que voltemos no tempo para entender os contextos históricos que contribuíram para tal cenário. É sabido que língua e história caminham juntas, tendo em vista que existe uma relação direta entre ambas. É o que esta seção se propõe a explicar, fatos da história que interviram diretamente para que as línguas tivessem o destino que tiveram.

Como, neste trabalho, vamos nos deter às variedades da língua alemã, o foco do contexto histórico está voltado para a imigração alemã, compreendendo o que levou os alemães a saírem de sua terra natal.

Entre os autores/historiadores que explicam sobre a emigração alemã, encontramos Rölke (2016) explicando que, a partir do final do século XV, com a descoberta de novos continentes, iniciou uma expansão com uma emigração vista como ordenada. Porém, o autor aponta para o século XVIII como o marco de início para as emigrações em massa oriundas da Europa para outros continentes. O autor cita dois motivos principais para que elas ocorressem: as novas colônias, com seus amplos espaços, deveriam ser ocupadas para evitar invasões e tratava-se de um período em que a Europa vivia um forte crescimento populacional.

Além disso, houve a criação da máquina a vapor, que gerou muito mais riqueza aos donos de empresas e, do outro lado, desemprego e pobreza da classe trabalhadora. A maioria dos operários eram artesãos que não tinham condições de competir com a quantidade e os preços dos produtos resultantes de máquinas e tiveram que se render ao trabalho desgastante de até 16 horas diárias e com salários baixíssimos. Juntaram-se a esses operários os filhos de colonos e de diaristas que não tinham mais espaço na lavoura. Ainda, de acordo com Jungblut (2011), entre 1800 e 1815, a Alemanha foi invadida por tropas de Napoleão Bonaparte, o que resultou em devastação, doença, mais desemprego e fome. Nesse período, "a Alemanha nem existia como país, mas como um conjunto de 39 Principados ou Reinos, cada qual com sua própria política econômica e aduaneira" (JUNGBLUT, 2011, p. 19).

Toda essa situação política e econômica resultou na emigração em massa, que permitiu com que essas pessoas pudessem sonhar com uma vida melhor para suas famílias e para o futuro de seus filhos, com terras para cultivar, retornar às suas produções artesanais e ter esperanças na nova nação a eles prometida. (RÖLKE, 2016).

Rambo (1999), em sua obra chamada 100 anos de Germanidade, apresenta a história

da imigração e posterior migração, desde 1824 até o ano de 1924. Nessa obra, ele parte da perspectiva histórica que aborda a história do Rio Grande do Sul. Inicialmente, temos toda a história que envolve os indígenas que habitavam essas terras, e o autor explica que, como se trata de uma extremidade mais meridional das possessões portuguesas, sua ocupação se deu por último, tendo em vista que o estado pertenceria aos espanhóis, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, porém os portugueses foram mais ágeis em sua ocupação. Até 1737, afirma Rambo (1999), o Rio Grande do Sul fora domínio exclusivo dos índios. O autor ainda explica que D. Pedro I alimentava a ideia de recrutar colonos europeus, especificamente alemães. Houve tentativas de colonizar Rio de Janeiro e Bahia, porém aquelas terras escolhidas não eram propícias para a agricultura.

De acordo com Rambo (1999), o primeiro grupo de 43 pessoas chegou com sucesso à São Leopoldo em julho de 1824, sendo que tentativas anteriores não tiveram êxito. Em novembro, chegou a segunda leva de imigrantes, com 81 pessoas. Dessa forma, a primeira colônia alemã, dividida em pequenas propriedades, foi estabelecida na cidade de São Leopoldo e referida como Colônia Velha ou Antiga Colônia. As novas gerações, que nasciam no Brasil, ajudavam a ampliar as áreas de ocupação e, quando não havia mais espaço na Colônia Velha, iniciaram-se as migrações em direção ao noroeste do estado do Rio Grande do Sul, seguindo ao norte em direção à Santa Catarina e Paraná.

De acordo com Jungblut (2011), no período em que os imigrantes chegaram ao Brasil, eles ainda não conheciam as novas tecnologias que passaram a ser utilizadas por aqueles que ficaram na Europa com a finalidade de melhor aproveitamento do solo, o que fez com que as gerações novas aprendessem modelos arcaicos e práticas ineficientes para a agricultura e a pecuária. Esses modelos permitiam que o solo fosse fértil por um período de 10 anos, depois disso tornava-se improdutível, o que levava os imigrantes e seus descendentes a ir em busca de novas terras férteis e migrar para outras regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e outros estados. (JUNGBLUT, 2011).

Esse processo de imigração/migração alemã compreendeu-se em quatro fases principais: a primeira foi a chegada dos imigrantes na região de São Leopoldo a partir de 1824 até 1879. A segunda fase, entre os anos de 1880 e 1922, ocorreu com a migração dos alemães para a região serrana do Rio Grande do Sul. Na terceira fase, entre 1922 e 1955, alemães saíram da Colônia Velha e da Serra, chegando ao extremo noroeste do RS e ao extremo Oeste de Santa Catarina, onde fundaram São Carlos, Palmitos, Porto Feliz e Porto Novo. Na quarta fase, entre os anos de 1955 a 1975, os alemães migraram em direção ao

Oeste do Paraná. De acordo com o Jungblut (2011), a partir de 1975, a miscigenação de etnias se intensificou, o que significa que culturas, incluindo a língua, também passaram a ter maior influência umas nas outras.

Com toda a bagagem cultural, os imigrantes alemães trouxeram consigo algumas variedades de língua alemã. Aquelas que citamos como *Deitsch* e *Deutsch* serão o foco desse estudo e levam esses nomes pois é assim que os falantes as denominam. A questão linguística foi um grande desafio com o qual os imigrantes se depararam ao chegar em terras brasileiras e vamos discutir sobre isso adiante.

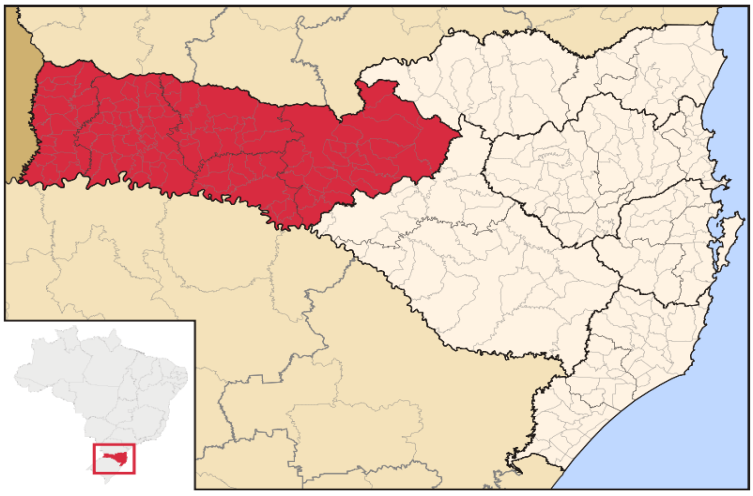
2.2 IMIGRANTES NO OESTE DE SANTA CATARINA

Desde a época da chegada dos portugueses ao Brasil houve muitos conflitos entre homens brancos e povos indígenas que povoavam toda a extensão do território brasileiro. Esses conflitos continuaram ocorrendo no período histórico que compreende a chegada dos imigrantes alemães ao Sul do país a partir do ano de 1824. As divisões territoriais não ocorreram de forma justa, tampouco de forma amigável. As terras tomadas dos indígenas eram divididas em colônias, onde os imigrantes se instalavam.

Brighenti (2015) explica que a migração para o Oeste catarinense ocorreu para devastar a mata, abrir estradas, se apropriar de terras, organizar uma família, projetos que já não tinham mais espaço para serem executados nas colônias velhas. Para os colonizadores, acrescenta o autor, a destruição das matas era sinônimo de progresso e conquista.

A seguir, podemos observar o mapa da região que corresponde ao atual Oeste de Santa Catarina (em vermelho).

Figura 1 – Região Oeste de Santa Catarina



Fonte: Wikipédia: mesorregião do Oeste catarinense.

Após estarem firmados os limites entre os dois estados, as terras no Oeste foram ocupadas por famílias vindas do RS e também por algumas que vieram diretamente da Alemanha, no período de 1920, que foi quando surgiu o Nazismo de Adolf Hitler e muitos pressentiam o que poderia vir a acontecer e fugiram desse contexto pré-bélico (JUNGBLUT, 2011).

Em períodos anteriores à imigração, o único caminho que existia eram as picadas, onde era possível a passagem de apenas um cavaleiro por vez. Durante as explorações da mata virgem, de acordo com Brighenti (2015), o olhar de quem por ali passava era de exuberância e de espanto com os perigos que a mata representava. Para os imigrantes, a mata em seu estado natural representava perigo e precisava ser explorada e vencida.

A partir dessa época de imigração/migração foram inauguradas novas formas de utilização do solo. Espaços que antes eram de mata virgem, passaram a ser cultivados com produção agrícola diversificada, juntamente com a pecuária e a criação de aves e suínos.

Renk (2000) explica que, ao migrarem as famílias, migram também as ideologias e culturas. Quando o italiano se instala em uma propriedade, constrói primeiro a igreja, e o alemão, assim que se instala, constrói a escola. Valentini (2015) aponta que o processo povoador do Oeste de Santa Catarina pode ser dividido em três fases: a indígena, a cabocla e a da colonização, sendo que a fase cabocla é considerada a fase de transição, em que houve a miscigenação de povos distintos, ocupando, temporariamente, o espaço que depois seria assumido pelos colonos.

Valentini e Muraro (2015) fazem menção aos termos “colono, agricultor, camponês e trabalhador rural”, que são tomados como sinônimos para se referir àqueles que cultivam a

terra. Porém, existe a preferência pelo termo agricultores, tendo em vista que, muitas vezes, o termo colono é utilizado de forma pejorativa. Na verdade, esse último termo, colono, possui relação com o conceito de colonização, que, nesse trabalho, remete ao sentido de demarcar amplos espaços de terra em lotes menores, denominados colônias, a fim de preparar esses espaços para que pudesse existir o cultivo da terra, a partir do plantio e colheita. (RENK, 2000).

> Como expressão de uma identidade, o termo colono foi atribuído aos imigrantes pelas leis e regulamentos que nortearam a política de colonização desde sua implementação no século XIX. Acabou se transformando numa identidade assumida pelos indivíduos que classificavam, igualmente associado à imigração européia. [...] O termo camponês foi substituído por colono, e este é o que expressa a identidade social do pequeno proprietário rural policultor, de modo análogo, a colônia é sinônimo de rural (no sentido amplo) e de pequena propriedade rural (em sentido restrito). As dimensões econômicas remetem duplamente ao passado histórico; elas estão presentes tanto no significado oficial do termo colono, como na sua forma de apropriação por parte dos imigrantes e seus descendentes". (SEYFERTH, 1993, *apud* RENK, 1995: 150).

Nesse sentido, utilizamos diferentes termos ao longo do trabalho que se referem aos descendentes de alemães que trabalham em pequenas propriedades de terra.

Quandos os descendentes de alemães chegaram no Oeste de Santa Catarina, a situação não era a mesma com a qual se depararam os primeiros imigrantes ao chegar no Rio Grande do Sul. As terras eram de outra qualidade, a vegetação era mais densa e a mata mais fechada. Assim, as dificuldades eram outras e mesmo assim os colonizadores não desistiram daquelas terras. (BRIGHENTI, 2015).

Em relação às variedades da língua alemã, também já não eram mais as mesmas que chegaram à região de São Leopoldo, tendo em vista que, de acordo com Jungblut (2011), se tratava de descendentes de terceira e quarta geração, em sua maioria, que partiram para colonizar Porto Feliz. Isso significa que a língua que chegou no Oeste de Santa Catarina já havia passado por um intenso processo de contato com outras línguas existentes no Rio Grande do Sul.

A seguir, nas subseções 2.2.1 e 2.2.2, veremos como os alemães chegaram e se instalaram na região de Mondaí, um dos nossos pontos de pesquisa.

2.2.1 Alemães em Mondaí

Antes de se emancipar, o município de Mondaí pertencia à colônia denominada Porto Feliz, fundada depois que o diretor da Empresa *Chapecó-Peperi Ltda*. pisou nas terras da nova colônia para determinar o local de sua sede. De acordo com Jungblut (2011), Porto

Feliz recebia, em sua maioria, descendentes alemães de quarta geração provenientes das colônias velhas (RS) e da região da serra gaúcha por volta de 1922.

Chegaram em Porto Feliz, principalmente famílias alemãs e de religião protestante, pois os chefes colonizadores eram dessa religião. Porém, como se tratava de um empreendimento com fins lucrativos, também aceitavam outras religiões e etnias. Por isso, houve uma minoria de italianos e de católicos que ali se instalaram também. Os italianos receberam uma área delimitada, por serem de outra etnia. No caso dos católicos, essa ideia foi cogitada, mas não chegaram ao ponto de delimitar uma área. Porém, eles mesmos mantiveram-se unidos na mesma área e mesma religião.

Jungblut (2011) aponta que depois de dois anos do início da colonização de Porto Feliz, muitos problemas atingiram a região. Entre eles a passagem da Coluna Prestes, em que os integrantes saquearam os bens da cidade antes de seguir caminho. Depois que o exército partiu, restou a sujeira, junto com cadáveres em decomposição que contaminavam o ar e a água. Além disso, a péssima qualidade da alimentação de quem ali vivia fez com que surgisse uma epidemia de Tifo, ocasionando muitas mortes e fazendo com que muitos integrantes da colônia acabassem deixando a região em busca de mais qualidade de vida. Mesmo assim, novos imigrantes chegaram à região cheios de esperança e deram continuidade a essa nova colônia que estava se desenvolvendo.

Em um livro escrito por uma moradora do município de Mondaí, Janssen (2006), a autora apresenta dois capítulos divididos em 1) relatos de imigrantes e 2) relatos de descendentes de imigrantes que vivem, ou viveram, nesta localidade. O primeiro relato dentre os imigrantes é de Paul Ramminger, membro de uma das primeiras famílias de Porto Feliz e filho do pastor missionário Karl Ramminger. Ele explica sobre o trabalho que tiveram para construir a sede de Porto Feliz e sobre como passaram miséria antes de chegar ao Brasil. Relata que sua família chegou até o Rio Grande do Sul e depois se mudou para o Oeste catarinense, onde havia mato e algumas árvores derrubadas para abrir caminho. Tudo era construído artesanalmente com a matéria-prima que havia ali em volta. Nos primeiros anos de escola, as aulas eram ministradas em alemão e português. Ele se refere, em seu relato, ao alemão como língua materna e ao português como língua oficial.

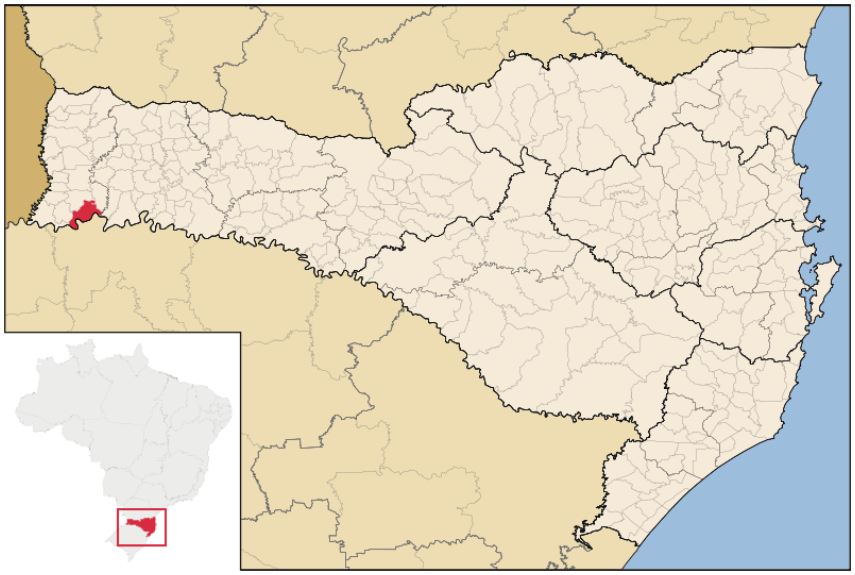
Como forma de fortificar a comunidade de Porto Feliz, era previsto que sua colonização fosse apenas evangélica, e a comunidade de Porto Novo, que abrange o município de Itapiranga e seu entorno, fosse apenas católica. (JANSSEN, 2006).

Em 30 de dezembro de 1953 ocorreu a emancipação do município de Mondaí, que

completou, em 2018, 65 anos de município. O município possui uma área de 201 Km² e conta com uma população de 11.496 habitantes, de acordo com o Censo IBGE de 2017.

Os informantes deste município relataram que suas famílias vieram de Venâncio Aires, Estrela e Lajeado, no RS, e uma informante teve o seu pai vindo da Alemanha para Mondaí. A localização do município e sua extensão de área podem ser visualizadas no mapa a seguir:

Figura 2 – Imagem da área que corresponde ao município de Mondaí/SC



Fonte: Wikipedia/Mondaí (Santa Catarina).

2.2.2 Alemães em Saudades

O município de Saudades está situado a, mais ou menos, 77 Km da cidade de Mondaí e 69 Km de Chapecó e emancipou-se em 30 de dezembro de 1961, há 58 anos. Antes disso, era considerado um distrito de Chapecó, em 1950. Depois passou a fazer parte de São Carlos, até 1961.

À medida que as famílias iam aumentando, no Rio Grande do Sul, as novas gerações se preocuparam em ir atrás de novas terras para que pudessem se desenvolver. Na página do IBGE encontramos que foi na década de 30 que chegaram os primeiros descendentes de alemães, oriundos do RS, e se instalaram às margens do rio Saudades. De acordo com relatos dos moradores dessa localidade, o nome do Município surgiu devido à grande saudade que os pioneiros sentiam de seus parentes e amigos.

Hoje, o município conta com cerca de 9.600 habitantes, de acordo com o último Censo do IBGE, de 2017. Possui uma área com cerca de 206 Km² e sua população é

predominantemente de descendência alemã, chegando a 85%.

Em seu artigo sobre colonização em Saudades/SC, Royger (1999) apresenta uma série de relatos de moradores que, de alguma forma, acompanharam esse processo. É importante ressaltar que dar atenção à história pode trazer as respostas sobre várias questões que nos fazem refletir sobre o motivo pelo qual ocorrem, incluindo fenômenos linguísticos que são o foco dessa pesquisa. Concordamos quando a autora explica que a história não é homogênea, mas sim constituída por diferentes histórias de acordo com as experiências vividas pelos indivíduos.

De acordo com as pesquisas da autora, o loteamento de terras, a partir de 1930, foi feito pela Companhia Territorial Sul Brasil, que retirou os caboclos que ali viviam com promessas de um lote de terra, daqueles que foram demarcados pela empresa. Porém, os relatos de um caboclo que aparecem no artigo de Royger (1999) mostram que essas terras ficaram apenas na promessa e eles tiveram que se deslocar e construir uma vida nas margens do rio Chapecó, na comunidade de Jacutinga, em Saudades.

Nos relatos dos colonos que saíram do RS para se instalar em Saudades, eles mencionam sobre a preocupação em preparar novas possibilidades para o futuro dos filhos, já que no RS havia poucas opções de terras para serem adquiridas e todas eram muito mais caras se comparadas à nova colônia do Oeste catarinense. Essa preocupação se devia também ao fato de não haver condições para que esses filhos pudessem frequentar universidades para depois exercer outras funções em que pudessem se amparar; era tudo demasiado recente.

Outro fato importante para a nossa pesquisa é que a Companhia Territorial Sul Brasil exigia que os novos moradores de Saudades deveriam ser descendentes de alemães e ser de religião católica. O objetivo da companhia era promover a colonização de acordo com a etnia e o credo religioso, aspecto esse que podemos confrontar posteriormente com os dados que serão analisados. Porém, nem sempre essas exigências eram aceitas, ocorrendo "misturas", principalmente no que se referia à religião. (ROYGER, 1999).

Ainda de acordo com os relatos expostos pela autora, os novos colonos de Saudades enfrentaram muitas dificuldades até conseguirem se desenvolver. Sentiam medo de se tornarem "selvagens", ou seja, perderem sua identidade cultural, pelo fato de as estradas serem de difícil tráfego e a mata ser ainda muito fechada, o que impediu que tivessem escolas, igreja e comércio. Temiam que novos migrantes não conseguiriam chegar até lá e não viam muitas alternativas como saída. Alguns que chegaram até lá, pagaram uma parte

das terras e as abandonaram, voltando às colônias antigas ou indo em busca de outros lugares.

Aos poucos, a situação foi melhorando, quando a Companhia se preocupou em melhorar as estradas e novos migrantes voltaram a entrar naquele espaço.

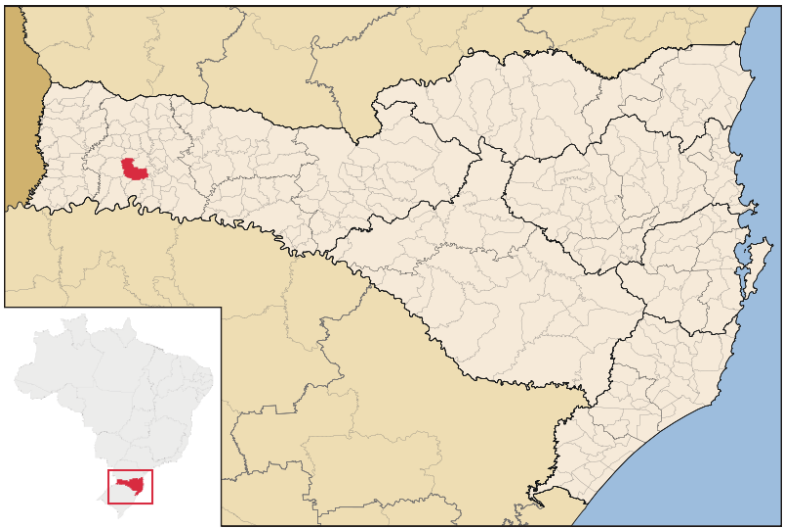
Nessa época inicial da colonização, não havia escola. Assim, as aulas começaram a ser ministradas por uma moradora local, que era vista como alguém de "boa educação", mas que não possuía formação como professora. Em relação à língua, Royger (1999) menciona que, com a falta de alguém que soubesse falar a língua portuguesa, os professores ensinavam todo o conteúdo em alemão, que foi até o ano de 1945, mesmo que o ensino em língua estrangeira já tivesse sido proibido em 1937, quando o governo promoveu a nacionalização do ensino. A partir de 1945, houve a obrigação do ensino em português e todo o material que existia em alemão foi destruído, porque os governantes do Brasil não concordavam com as ações de Hitler na Alemanha e acabaram perseguindo os imigrantes alemães que viviam no Brasil por conta de sua língua materna. Na escola também era ensinado sobre religião, onde os alunos cantavam e rezavam na língua alemã.

Em um documento histórico do município de Saudades, disponível no museu do município, encontramos relatos de uma moradora de Saudades que veio diretamente da Rússia. Ela chegou junto com outras famílias, inicialmente, ao estado do Rio de Janeiro, em 1929, e em 1930, com cinco anos, chegou ao município de Saudades, onde as famílias foram divididas de acordo com o credo religioso. Ela explica que os católicos foram mandados para Aguinhas (interior de São Carlos) e os evangélicos para Mondaí. Posteriormente, filhos de imigrantes evangélicos voltaram até Saudades para residir ali.

O fato histórico de separarem as colônias por credo religioso reflete também na língua, sendo que podemos encontrar variedades da língua alemã distintas nos municípios de Saudades e Mondaí. Os informantes de Saudades relataram que suas famílias são provenientes do RS, de cidades como Santa Cruz do Sul, Rio Pardo, Estrela, São Leopoldo e Nova Petrópolis.

A seguir, podemos visualizar o mapa para ter uma noção geográfica da localização e a área que corresponde ao município de Saudades.

Figura 3 – Imagem da área que corresponde ao município de Saudades (SC)



Fonte: Wikipedia/Saudades (Santa Catarina).

Depois de realizar este breve trajeto histórico das localidades em estudo, iremos, no capítulo seguinte, abordar as teorias mais importantes que contribuem para esta pesquisa e que darão suporte e embasamento para as análises.

3 PERCURSO SOBRE TEORIAS LINGUÍSTICAS

Neste capítulo, será realizada a contextualização teórica, apresentando as principais teorias que irão contribuir para o estudo. São abordados temas como: conceito de bilinguismo sob diferentes perspectivas; termos de parentesco, especificando aqueles de relação sanguínea; a teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional em suas várias dimensões e relações; e uma contextualização em torno da nomenclatura utilizada para as variedades alemãs: *Deitsch* e *Deutsch*.

Assim como cada grupo possui suas ideologias e culturas, a língua é parte integrante de suas identidades. Por meio do contato e da comunicação desses grupos acontece o compartilhamento de culturas e das diferentes línguas, o que é processo natural ao longo de toda história e continua sendo. Com base nisso, a seção seguinte aborda essas questões de diversidade das línguas do Brasil, chegando ao sul do Brasil, que é nosso foco, e de algumas situações históricas e políticas do país que contribuíram para o cenário linguístico atual.

3.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: DO BRASIL PARA O SUL DO BRASIL

Assim como afirma Ponso (2017), concordamos que, no panorama do contato linguístico, quando existe a dominação de um povo sobre outro, percebido principalmente em contextos de colonização, a situação de multilinguismo gera conflitos, havendo uma

subordinação das línguas e supressão de direitos linguísticos. Na colonização do Brasil, em que houve a imposição da língua portuguesa, também surgiram muitos exemplos de juízos de valor desta língua e inferiorização de línguas indígenas e africanas e, posteriormente, de línguas de imigração, chegando ao que hoje recebe a nomenclatura de línguas minoritárias e minorizadas. A autora também explica que a situação minoritária/minorizada tem relação com mudanças linguísticas decorrentes de comunidades de línguas minoritárias que foram forçadas a se tornar bilíngues de forma unilateral, ou seja, as minorias tiveram que aprender a língua majoritária, mas o contrário não aconteceu. Ponso (2017) explica que exemplos disso temos em Moçambique com o xirhonga e sua língua majoritária, o português. Aqui no Brasil, o mesmo acontece com a língua portuguesa e todas as línguas de imigração.

Salientamos que é possível que uma língua minoritária não seja minorizada e vice-versa. Minoritária se refere ao número de falantes da língua, sendo que ela pode até levar o status de oficial. Minorizada significa que essa língua, dividindo espaço geográfico com outras, tem alguns dos seus usos restringidos. Portanto, a minorização não depende do número de falantes, mas do status que goza a língua. Podem existir línguas majoritárias minorizadas, por exemplo, por terem a maioria dos falantes mas não possuírem status de oficialidade. É o caso das línguas autóctones de muitos países africanos em relação às línguas ex-coloniais. (PONSO, 2017).

Já existiram épocas em que se tentou instaurar a política de monolinguismo no Brasil. Logo o Brasil, que contava com cerca de 1.078 línguas indígenas vivas, faladas antes da colonização portuguesa (ALTENHOFEN, OLIVEIRA, 2011). Foi no período de Marquês de Pombal e, mais tarde, no governo de Getúlio Vargas[6], que foi imposta a ideologia de "um país, uma língua", obrigando o povo a usar a língua portuguesa como única língua, com o objetivo de manter o controle e o poder.

Podemos afirmar, a partir de um olhar geral para qualquer país do mundo, que "o monolinguismo é muito mais a exceção do que a regra" (ALTENHOFEN, RASO, MELLO, 2011). Nos dias atuais, podemos encontrar, no Brasil, em torno de 210 línguas indígenas e mais ou menos 56 línguas de imigração, de acordo com Altenhofen (2013). A imigração para o Brasil continua na atualidade[7] e entre os imigrantes estão haitianos, bolivianos, colombianos, argentinos, chineses, portugueses, paraguaios e norte-americanos, e cada um

6 Ver Campos (2006).

7 Site da Globo. http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html

traz consigo a sua história e sua língua com características próprias. Dessa forma, podemos perceber que, cada vez mais, estamos distantes do monolinguismo, o que também é possível de ser comprovado a partir de pesquisas realizadas, por exemplo, pelo grupo de pesquisa do ALCF, como de Hasselstron (2018), Matozo (2018), Frizzo (2017), Bernieri (2017), Schneiders (2017), Wepik (2017), Wolschick (2016), Wehrmann (2016), Bortolotto (2015), dentre outros.

As tentativas de fazer com que um país plurilíngue se tornasse um país monolíngue levaram a um linguicídio em massa (ALTENHOFEN, 2007), ou seja, a morte de várias línguas, assim como ocorreu com as de imigração, que são classificadas como alóctones, mas principalmente com as línguas indígenas, classificadas como autóctones. Hoje, caminhos já levam rumo ao plurilinguismo e à tentativa de manter essas línguas vivas, a partir de diversas pesquisas e estudos[8] que comprovam a importância de cada uma delas. Schopenhauer (2010, p. 153) já afirmava que

> [...] mediante a língua apreendida, toma-se consciência de uma quantidade infinita de sutilezas, semelhanças, diferenças, relação entre as coisas. Nosso pensamento ganha, com o aprendizado de cada língua, uma modificação e tonalidade, de modo que o poliglotismo, além de ter várias utilidades indiretas, é um meio direto de formação espiritual, pois aperfeiçoa e corrige nossas apreciações com a introdução da pluralidade e das sutilezas dos conceitos, aumentando também a flexibilidade do pensamento à medida que o conceito se torna cada vez mais livre da palavra com o aprendizado de várias línguas. As línguas antigas levam a isso muito mais do que as modernas, em função de sua grande diferença em relação às nossas, o que não nos permite reproduzi-las palavra por palavra, mas exige que façamos uma fusão de todo o nosso pensamento e o moldemos em outra forma.

Cada língua carrega consigo uma história, suas características e significados próprios. Quando morre uma língua, morre um povo e sua história. Neste estudo, nos detemos apenas a uma língua de imigração, dentre tantas existentes e vivas no Brasil. Rodriguês (1966, p. 6) defende que

> (...) o panorama lingüístico do Brasil se caracteriza não apenas pelo predomínio da Língua Portuguesa por um lado e a multiplicidade de línguas indígenas por outro, mas, para completar esse panorama, tem-se de acrescentar, ainda, uma quantidade de outras línguas européias e de línguas asiáticas, que se falam normalmente no país. [...] Várias dessas línguas vêm sendo faladas no Brasil há mais de um século, de modo que o que se tem aqui já não é a língua como se fala, ou como se falava, na Europa, mas sim a forma que lá se falou em certa região no século passado e que, desde então, aqui tem se mantido isolada de lá, sofrendo alterações que a caracterizam como nova modalidade.

Destaca-se aqui outro aspecto importante a ser ressaltado que trata da denominação

8 Muitas dessas pesquisas veremos ao longo deste trabalho.

das línguas, em que, de acordo com Altenhofen e Oliveira (2011), nomear uma língua representa incluir nesse nome inúmeras variedades dessa língua, considerando que "nadie habla 'el español' (...) lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español" (COSERIU, 1982, p. 16), ou seja, nenhuma pessoa fala o português, o italiano, o alemão, mas sim, uma variedade do português, do italiano e do alemão, por exemplo. E isso ocorre com qualquer língua existente.

A língua oficial do Brasil, o português, está distante de ser o mesmo português vindo de Portugal. Depois de chegar ao Brasil, entrou em contato com línguas indígenas e também com as línguas dos africanos escravizados que foram trazidos pelos portugueses. Todas essas línguas em contato formaram uma nova variedade da língua portuguesa: o português brasileiro, com o qual se depararam os imigrantes alemães, quando chegaram ao Brasil, a partir de 1824, de acordo com Jungblut (2004), na cidade e região de São Leopoldo (no Rio Grande do Sul), trazendo consigo distintas variedades alemãs.

A partir disso, podemos compreender a numerosa pluralidade de línguas que passaram a manter contato na região sul do Brasil, principalmente. Para que a comunicação entre as diferentes comunidades linguísticas pudesse ser efetivada, eles sentiram a necessidade de compreender a língua do outro, adquirindo dessa forma, alguma competência mínima em uma segunda ou terceira língua, o que podemos entender como um certo grau de bilinguismo ou plurilinguismo, como veremos no capítulo a seguir.

3.2 BILINGUISMO/PLURILINGUISMO

Esta seção irá apresentar aspectos e teorias de bilinguismo e plurilinguismo, principalmente, a partir da realidade vivida com tantos imigrantes que possuem variedades de línguas que são apenas faladas e não escritas. Aqui também abordaremos porque a idealização de um bilíngue "perfeito" faz com que muitos outros falantes acabem por escolher apenas uma língua para se comunicar e, por não serem bilíngues "ideais", não dão tanta importância à língua de casa, à língua minorizada.

Como podemos ver em Brighenti (2015), famílias camponesas vieram das colônias velhas do RS e se instalaram em novas colônias, em solos do Oeste catarinense com suas variedades linguísticas. Se antes já havia a comunicação entre falantes de línguas distintas, ao longo do tempo, passou a existir o contato diário do *Deitsch* e *Deutsch* com a variedade do português do Rio Grande do Sul, principalmente em locais públicos, e com o português padrão, que é ensinado nas escolas. Foi a partir dali que, de acordo com Horst e Krug (2012,

p. 5), os imigrantes se sentiram “confrontados com o dilema da manutenção e afirmação dos hábitos linguísticos de suas variedades e a adoção de hábitos da variedade nova, neste caso o Português”. Mackey (1972) afirma que quando existem diferentes comunidades monolíngues, em algum momento elas entram em contato, o que resulta em um bilinguismo, considerando que os falantes passam a se comunicar e compreender a língua do contato.

Ao longo do tempo, a língua portuguesa passou a ser a segunda língua desses imigrantes e, de uma forma ou de outra, eles passaram a ser bilíngues. Heye (2003, p. 229) defende que não podemos considerar bilíngue somente aquele que “possui domínio igual e nativo por duas línguas”, da forma como defende Bloomfield (1963). O autor considera os diferentes estágios que cada indivíduo atravessa ao longo de sua trajetória, levando em conta cada nível de proficiência dentro das habilidades: ouvir e entender, ler e entender, falar e/ou escrever. Mackey (1972) apresenta o conceito de bilinguismo como o uso alternado de duas línguas ou mais pelo mesmo indivíduo, já que ele considera uma tarefa impossível definir a partir de qual momento uma pessoa passa a ser bilíngue.

Grosjean (1994) defende que bilíngues são aqueles que utilizam mais de uma língua, sejam majoritárias ou minoritárias, no dia a dia. Este autor ainda explica seu conceito de bilíngue defendendo que não se pode vê-lo como a soma de dois monolíngues, mas “como um falante-ouvinte competente que desenvolveu uma competência comunicativa que é igual, mas diferente na natureza, àquela do monolíngue” (GROSJEAN, 1994, p. 2).

Este conceito que se refere ao uso de duas línguas no cotidiano é tomado como base para afirmar que os informantes de nossa pesquisa são falantes bilíngues, possivelmente em diferentes graus de bilinguismo.

Além dos autores já mencionados, Macnamara (1967 apud HAMERS & BLANC, 2004) defende que um bilíngue pode ser qualquer pessoa que tenha competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (compreensão auditiva, fala, leitura e escrita) em qualquer outra língua que não seja a sua primeira língua. Backer (2006) explica que podem existir bilíngues simultâneos, que aprendem duas línguas ao mesmo tempo, desde que aprendem a falar, e os bilíngues consecutivos, que aprendem a segunda (ou mais) língua depois dos três anos de idade. Assim, a partir do questionário aplicado aos informantes é possível identificar se são bilíngues simultâneos ou consecutivos. Embora o bilinguismo não seja o foco desta pesquisa, é importante considerar estas informações no momento das análises, pois elas podem trazer mais embasamento, sem contar que é inevitável tratar de

contato linguístico sem passar por uma breve abordagem sobre o bilinguismo destes falantes.

Altenhofen e Margotti (2011, p. 297) afirmam que "nenhum bilíngue é igualmente bilíngue", pois as habilidades do uso da segunda e primeira língua podem variar em diferentes intensidades de um indivíduo para o outro. Assumindo que cada denominação de língua possui diferentes variedades, deve-se questionar até que ponto um indivíduo é realmente monolíngue (ALTENHOFEN, 2011), considerando que, em muitas situações, a variação da mesma língua pode ser tamanha, em diferentes espaços, que é possível a incompreensão entre os falantes.

Muitas foram as tentativas em provar que o bilinguismo traz desvantagens aos falantes. Porém, em um estudo realizado por King e Mackey (2007), os autores desmistificam muitas dessas teorias. Entre elas, está a ideia de que crianças que são expostas a duas línguas desde cedo aprendem a falar mais tarde se comparadas à média geral. A partir de experimentos, os autores comprovam que isso até pode acontecer, porém, em um pequeno intervalo de tempo, a criança que aprende duas línguas passa a falar com a mesma desenvoltura que outra criança que aprende apenas uma língua, mas com a vantagem de possuir vocabulário mais amplo pelo fato de possuir dois sistemas linguísticos. Ou seja, as vantagens são sempre maiores para falantes bilíngues do que o contrário. Romaine (1995) também defende que o bilinguismo é muito mais uma prática a ser cultivada do que um problema a ser superado[9], pois, mesmo que se tratem de línguas minoritárias, o bilinguismo é sempre uma riqueza linguística.

Outro mito a ser desconstruído é de que o bilíngue ideal deve separar totalmente uma língua da outra, evitando mistura de línguas (KING; MACKEY, 2007), o que leva muitos falantes a acreditarem que não são bilíngues por esse motivo e reprimem, muitas vezes, a vontade de serem bilíngues. Muito disso é o que se ouve em pesquisas de campo dos falantes de línguas minoritárias, como no estudo realizado por Habel (2017), orientada por Altenhofen, em que eles denominam suas variedades como "alemão errado", "alemão quebrado", "alemão misturado", entre outras formas que indicam preconceito dos próprios falantes, a partir de um senso comum entre muitos falantes e não falantes de variedades alemãs.

---

[9] "*that bilingualism is a resource to be cultivated rather than a problem to be overcome*". (ROMAINE, 1995, p. 7).

Conforme Altenhofen e Margotti (2011, p. 291), a maior concentração de línguas de imigração está no Sul do Brasil. “O mapa de grupos étnicos indicados pelos informantes do ALERS como presentes em suas respectivas localidades atesta essa forte pluralidade de etnias e línguas, colocando essa região talvez entre as mais plurilíngues do mundo”, entre essas línguas, estão o *Deitsch* e *Deutsch*, que estão sendo analisadas nessa pesquisa. Além dos imigrantes alemães, houve a imigração italiana, espanhola, polonesa, russa, entre outras, que, de uma ou outra forma, também influenciaram o falar português no sul do Brasil.

Compreendendo a atual situação linguística do nosso país, mais especificamente da região Oeste de Santa Catarina, precisamos considerar que, assim como todas essas línguas de imigração influenciam no português brasileiro, este último também tem influência na fala e manutenção daquelas línguas, bem como as línguas de imigração também podem exercer influência umas sobre as outras. Ao final de sua pesquisa, Luersen (2009) concluiu que, gradualmente, se observa a substituição das variedades alemãs vestfaliano e pomerano pela língua portuguesa, que tem se mostrado a língua de prestígio nas localidades analisadas. O nosso estudo apresenta a mesma situação, porém trata das variedades *Deitsch* e *Deutsch* em contato com o português.

Dentre os costumes que constituem a cultura alemã, a culinária, as festas típicas e os hábitos diários parece que têm se mantidos mais vivos do que a língua. Essa observação vem ao encontro do que é apresentado no estudo de Horst (2014), em que o Westfaliano, analisado em pontos do Vale do Taquari, apresenta uma perda gradativa de números de falantes em relação ao crescimento da população e, também, a influência e substituição gradativa por outras línguas, principalmente do português.

Partindo do fato de que essas línguas mencionadas e muitas outras podem ser a língua materna de muitas pessoas, cabe abordar o conceito de língua materna. É o que faremos na seção seguinte.

3.3 LÍNGUA MATERNA

Nesta seção, apresentaremos diferentes conceitos relacionados à língua materna e qual é aquele que escolhemos como o mais adequado considerando os informantes que fazem parte desta pesquisa.

É inevitável, quando se fala em diversidade linguística e em bilinguismo, adentrar no conceito de língua materna. O que é ou qual é a língua materna de cada indivíduo? De acordo com Heredia (1989), o período da criança que se refere à aquisição da língua materna

compreende-se entre os primeiros cinco anos de vida. Esse conceito pode variar dependendo do autor que é tomado como base.

Se analisarmos alguns livros didáticos ou observarmos alguns autores das áreas de linguística inclusive, percebemos que existe um senso comum de que língua materna é sinônimo de língua oficial do país. Bortoni-Ricardo (2004) trata língua materna como sinônimo de língua portuguesa e podemos ver um exemplo disso em sua obra intitulada *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula*, quando ela aborda aspectos sobre educação e variação linguística com base na linguística voltada para a formação de professores e sobre como devem atuar perante as diversidades linguísticas de seus alunos. Porém, ela trata de língua materna apenas como português e justifica esse uso pelo fato de ser a língua majoritária do Brasil. E, por mais que essa seja uma definição de língua materna possível, não é a única.

Se os professores utilizam este conceito em seus discursos na sala de aula, é esta a ideia de língua materna que irá se difundir no âmbito de contato de cada aluno e irá se tornar algo "natural", pois tudo aquilo que é dito por uma autoridade, neste caso o professor, tem maior alcance em qualquer comunidade. O mesmo ocorre quando conceitos como este atingem o campo do governo e as políticas linguísticas.

Altenhofen (2002) nos leva a refletir sobre o poder da influência das políticas linguísticas que são adotadas pelos governos. Como foi o caso da tentativa de monolingualizar o país e fazer com que tantas línguas acabassem morrendo, assim também propagar o conceito de língua materna como sinônimo apenas da língua portuguesa em livros didáticos tem dimensões de grande alcance na área de ensino e que, muitas vezes, é necessário desconstruir depois. Se quiséssemos falar em uma única língua materna no Brasil, deveríamos então recorrer a uma língua indígena, já que eram os índios que habitavam estas terras antes de todos. Mas também não é o nosso foco.

Esse conceito de senso comum pode ter origem na história apresentada por Decrosse (1989), que abrange o mito da língua materna como única e unificante, a partir da oficialização de uma língua materna no território da França. A autora questiona essa ideia de língua materna como centralizadora, única e homogênea, tendo em vista o pluralismo linguístico existente no mundo.

Ela discorre sobre a noção do termo utilizado enquanto função e enquanto mito, sendo que este acabou se difundindo como uma noção de língua oficial, admitida pelos poderes religiosos e políticos, operando como mito de unidade de território, com poder mais

nacional do que linguístico, “de unidade de troca entre os falantes e de barreira simbólica das fronteiras” (DECROSSE, 1989, p. 21). Essa ideia de fronteira simbólica nos remete à noção de que fronteiras linguísticas respeitam fronteiras políticas, o que, de forma geral, não ocorre. Decrosse (1989) ainda afirma que essa noção de língua materna permitiu fundar o mito de uma língua natural, única, própria de um Estado, reduzindo a diversidade dos usos da língua para um uso padrão e normativo. Porém, durante muito tempo, a ideia de língua materna opôs-se às línguas de cultura, por ser a língua de casa, da mãe ou do lar.

Weinreich (1953) simplifica o conceito de língua materna afirmando ser a primeira língua que é aprendida, como se cada pessoa pudesse aprender apenas uma língua de cada vez. Altenhofen (2002) questiona essa ideia de única/primeira língua aprendida, ampliando o leque de língua materna para a possibilidade de existir mais que uma, pelo mesmo falante, principalmente quando se trata do contexto multilíngue existente no sul do Brasil.

O autor mostra que a definição de língua materna nos censos, de 1940, foi de “primeira língua aprendida e ainda falada” para “primeira língua aprendida e ainda compreendida”, em 1976 (ALTENHOFEN, 2002, p. 142). Também aparecem sinônimos desse termo, como língua aprendida no lar e língua da mãe, considerando que a origem da nomenclatura língua materna é greco-romana e se referia à língua da mulher/mãe que permanecia no lar e não possuía o domínio do latim, pois era considerado a língua de prestígio e só os homens a aprendiam (DECROSSE, 1989).

Ao contrário do que se acredita, língua materna não se resume apenas à língua da mãe. Crianças podem aprender sua língua materna com a mãe, mas também com o pai, avô ou qualquer outro membro familiar que não seja a mãe ou uma figura feminina. Esse é um dos motivos pelo qual se procura evitar o uso desse termo, unicamente, e encontramos outras nomenclaturas, como primeira língua ou língua de casa. (ALTENHOFEN, 2002).

Se recorrêssemos ao conceito de língua materna como a língua oficial do país, excluiríamos, no caso do Brasil, outras mais de 300 línguas existentes e faladas que são consideradas línguas maternas de milhares de falantes, como mencionado anteriormente. Chegamos, dessa forma, ao multilinguismo presente na região Oeste de Santa Catarina, onde se encontram dezenas de línguas de imigração, ou minoritárias.

O conceito de língua materna como sinônimo de língua oficial do país levou a políticas que obrigassem o uso exclusivo da língua portuguesa no Brasil, como vimos na seção sobre Diversidade Linguística. Na seção seguinte, explicaremos mais sobre políticas que remetem à manutenção ou que levam à substituição linguística.

3.4 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

Nesta seção, traremos alguns teóricos e estudiosos que apresentam políticas que podem auxiliar na manutenção de línguas minoritárias. Além disso, podemos compreender alguns dos principais motivos que levam à substituição da língua.

Porém, antes de adentrar nas teorias sobre manutenção e substituição linguística, é importante compreender o conceito de diglossia, pois este possui relação direta com o assunto desse capítulo.

Como mencionado na seção sobre diversidade linguística, sabemos que são muitas as línguas existentes e faladas no Brasil, principalmente na região sul, em que podemos observar muitas comunidades que possuem duas ou mais línguas coexistindo. A esses grupos de falantes de outras variedades de uma mesma língua ou de variedades de outras línguas damos o nome de comunidade diglóssica. Ferguson (1974) defende a ideia de diglossia como a presença de variedades de uma mesma língua no mesmo espaço geográfico, sendo que umas apresentam mais status social ou mais prestígio que outras. Já Fishman (1967) amplia o conceito para dialetos ou variedades que não sejam necessariamente da mesma língua e que existem na mesma comunidade.

Para Ferguson (1974), o conceito de diglossia engloba, inclusive, a fala e a escrita formal como duas variedades distintas que coexistem:

> La diglosia es una situacion linguistica relativamente estable en la cual, ademas de los dialectos primarios de la lengua (que puede incluir una lengua estadar o estadares regionales) hay uma variedade superpuesta, muy divergente, altamente codificada (a menudo gramaticalmente mas compleja) vehiculo de una considerable parte de la literatura escrita ya sea de un periodo anterior o perteneciente a otra comunidad lingistica, que se aprende en su mayor parte a traves de una ensenanza formal y se usa en forma oral o escrita para muchos fines formales, pero que no es empleada por ningun sector de la comunidad para la conversacion ordinaria. (FERGUSON, 1974, p. 260).

Considerando esse conceito do autor, nos remetemos a um leque muito mais amplo em relação às variedades de uma mesma língua, além de todas as diferentes línguas faladas na região Oeste de Santa Catarina. Essa teoria nos leva a refletir se, de fato, não deveríamos levar em consideração essa diferença significativa que existe quando saímos da fala cotidiana para a escrita formal, observando a complexidade da língua portuguesa e, possivelmente, de outras línguas.

São nessas comunidades que os falantes de distintas línguas/variedades se deparam com a escolha de manter sua variedade ou substituí-la, principalmente quando se trata de uma língua minoritária tentando resistir a uma língua com maior prestígio e status social.

Situações como essa, de substituição de uma língua de menor prestígio por outra de maior prestígio, seja por escolha ou por imposição, fazem com que algumas línguas deixem de existir com o passar do tempo. Ravindranath (2009) chama esse fenômeno de *language schift* e o define como o processo pelo qual uma comunidade de fala em uma situação de contato (que consiste de falantes bilíngues) gradualmente para de usar uma de suas línguas em favor da outra.

Ferguson (1974) argumenta que a diglossia pode ser aceita e não ser tida como um problema na comunidade onde existe até o momento em que surgem tendências na comunidade. Entre elas, o autor cita

> (1) alfabetização mais generalizada (por motivos econômicos, ideológicos ou outros), (2) maior comunicação entre diferentes segmentos regionais e sociais da comunidade (por razões econômicas, administrativas, militares ou ideológicas), (3) anseio por uma língua "nacional" padrão plenamente desenvolvida, como atributo de autonomia ou soberania. (FERGUSON, 1974, p. 113).

No momento em que essas tendências aparecerem nas comunidades, existe a grande possibilidade de unificação linguística. Entre os principais argumentos, aparece que a unificação facilita o problema educacional, uma vez que o povo já adquiriu alguma base da língua oficial desde a infância e é um instrumento de comunicação mais efetivo. Porém, enquanto tendências como essas não surgirem, é possível que a diglossia permaneça estável por muito tempo.

De acordo com Fishman (1967), o estudo de manutenção ou substituição linguística está relacionado com a mudança e estabilidade do uso habitual da língua por um lado, e processos culturais, sociais e psicológicos por outro, quando populações que diferem em suas línguas estão em contato uma com outra. Ponso (2017, p. 204) expõe que a "atitude de permanência e vitalização das línguas minoritárias pode ser uma ação deliberada na esfera de uma escolha política e coletiva de reterritorializar as línguas desterritorializadas e construir identidades linguísticas híbridas em meio a essa interculturalidade".

Um fato sobre línguas de imigração nos Estados Unidos (EUA), de acordo com Fishman (2006), é que há relativamente poucos falantes de línguas secundárias que são mais de duas gerações removidas das origens imigrantes de sua família. Até hoje, qualquer multilinguismo presente entre os seus habitantes continua a ser um marcador de status de imigrante relativamente recente no país. Ele explica que nenhuma sociedade multilíngue/multiétnica totalmente estável conseguiu se desenvolver. Aparentemente, duas gerações são suficientes para acabar com línguas de imigrantes que não seja o inglês, mas

não o tempo suficiente para apagar as memórias culturais e identidades parciais.

Fishman (2006) ainda ressalta a importância de falantes de línguas minoritárias em participações políticas para que haja a promoção dos direitos desses grupos e comunidades linguísticas em busca de um multilinguismo mais estável para o bem de todos. Isso serve não só para os EUA, mas para todos os países multilíngues. Existem amplas evidências empíricas que demonstram que o multilinguismo não leva a maiores conflitos sociais, tampouco um regresso econômico (como acredita o governo dos EUA). O autor lembra ainda que permitir o uso de outras línguas está muito aquém de promover incentivos a essas línguas minoritárias. Na verdade, essa permissividade é apenas uma decisão de "não fazer" e deixa as línguas desfavorecidas funcional e contextualmente tão desfavorecidas quanto antes. Essas línguas permanecem expostas à lei darwiniana da selva linguística: os fortes sobrevivem e, em competição com os fortes, os fracos morrem.

Situações como essa dos EUA, nos remetem ao cenário linguístico da nossa área de pesquisa, que já passou por políticas de monolinguismo em que se tentou apagar as línguas indígenas e de imigração (que são atualmente as minorias linguísticas), reduzindo todas à língua portuguesa. Hoje, o que prevalece é muito mais uma política permissiva do que uma política de inclusão e incentivo a essas variedades ainda existentes, o que acaba refletindo no desuso gradual dessas línguas com o passar das gerações, como visto em pesquisas como de Horst (2014) e Luersen (2009).

O ideal seria que houvesse políticas de estímulo e preservação das línguas minorizadas de imigração, com práticas apoiadas por governos. Altenhofen (2004, p. 86) defende que

> [...] boa parte do êxito da aplicação de medidas de política lingüística que promovam os direitos lingüísticos das minorias bilíngües depende da compreensão do que efetivamente possa motivar as micro-decisões de cunho político empreendidas pelos membros das comunidades, e que compreendem valores, ideologias, mitos, "ressentimentos", concepções e preconceitos lingüísticos presentes na interação diária entre os grupos sociais e os falantes das diversas línguas e variedades em contato.

Escolhas como ensinar ao filho a língua minoritária dos pais (em caso de pais bilíngues), ir à igreja e ouvir um sermão em alemão, participar de uma festa que leve um nome em alemão, saber que na escola é proibido falar a língua materna que não seja o português, são todas decisões de instâncias menores que o Estado, mas que já causam algum tipo de interferência na manutenção ou não-manutenção de qualquer língua minoritária e que precisam ser consideradas. Aquino (2009) também defende políticas mais igualitárias em relação à valorização dessas línguas, permitindo aos falantes se desenvolverem como

bilíngues sem se sentirem desvalorizados, pelo contrário, deveriam sentir-se prestigiados por utilizarem mais de uma língua e fazerem parte de uma cultura de tantas riquezas.

Ações como co-oficializar línguas minoritárias e mencioná-las em papéis oficiais não são políticas de incentivos. Fishman (2006) sugere que, para que o processo de transmissão linguística intergeracional seja de fato reforçado institucionalmente e efetivado, é necessária assistência na junção da transmissão como, por exemplo, em berçários, creches, cursos para pais e avós, grupos de pais e alunos, entre outros programas de incentivo e apoio. Porém, o movimento em prol do multilinguismo não pode ser mantido apenas por escolas pró ativas. Outras forças na sociedade devem contribuir: a comunidade do bairro e a família, em primeiro lugar, bem como a mídia em massa, o ambiente de trabalho, a educação superior e as agências do governo, acrescenta Fishman (2006).

Antes de partir para essas práticas de incentivo, é de fundamental importância que haja a conscientização linguística dos próprios falantes em relação à riqueza cultural que carregam consigo refletida em diferentes línguas. Como vimos na seção sobre bilinguismo/multilinguismo, várias foram as tentativas de provar que existe um bilíngue ideal e que o ensino de mais de uma língua às crianças, incluindo as línguas minoritárias, causaria possíveis confusões e danos no período de aquisição da língua. Mas foram tentativas frustradas, quando direcionamos o olhar às vantagens que o aprendizado e manutenção de línguas, indiferente de seu status social, traz aos falantes. Baker (2006) menciona argumentos favoráveis à manutenção de línguas, como a importância da preservação da diversidade, a relação com as questões de identidade dos grupos de falantes e que a língua é um aspecto fundamental como patrimônio histórico e cultural.

Em sua dissertação, Bernieri (2018) expõe um quadro de Krauss (2007) que permite uma vizualização de como a vitalidade das línguas pode ser classificada em escala.

Quadro 1 – Níveis de vitalidade das línguas

<table>
<tr><td colspan="3">Preservada</td><td>a+</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="5">AMEAÇADA</td><td colspan="2">Estável</td><td>a-</td><td>Todos falam, inclusive crianças</td></tr>
<tr><td rowspan="4">EM DECLÍNIO</td><td>Instável</td><td>a</td><td>Algumas crianças falam, todas crianças falam em alguns lugares</td></tr>
<tr><td>Definitivamente em perigo</td><td>b</td><td>Faladas apenas a partir da geração dos pais</td></tr>
<tr><td>Severamente em perigo</td><td>c</td><td>Falada apenas a partir da geração dos avós</td></tr>
<tr><td>Criticamente em perigo</td><td>d</td><td>Falada apenas por poucos, e geração dos bisavós</td></tr>
<tr><td colspan="3">EXTINTA</td><td colspan="2">AUSÊNCIA DE FALANTES</td></tr>
</table>

Fonte: Bernieri (2017) adaptado e traduzido de Krauss (2007, p. 1).

As línguas classificadas como preservadas, além de serem faladas por todos e passadas para novas gerações como língua materna, são previstas sendo aprendidas ainda no futuro. Poderemos, a partir desse quadro, fazer uma análise da situação da variedade alemã falada na nossa área de pesquisa, com os dados coletados. Somando resultados de pesquisas já realizadas na região Oeste de Santa Catarina, como de Bernieri (2017), Wolschick (2016) e Wehrmann (2017), podemos nos arriscar a dizer que a língua alemã pode ser enquadrada como instável pelo fato de ainda haver crianças que a aprendem, e a variedade da língua italiana pode ser enquadrada como definitivamente em perigo, visto que apenas alguns falantes da geração dos pais a utilizam.

É muito provável que a expressão “manutenção linguística” só será mencionada quando a língua, ou línguas, em questão sofrem algum tipo de ameaça. O que é possível observar acompanhando a trajetória dessas línguas. Na nossa área de pesquisa, por exemplo, o uso de línguas minoritárias está deixando de ser realizado em âmbito social, restringindo-se apenas ao lar e poucas vezes elas são passadas para as novas gerações. Assim, essas línguas só existirão futuramente nessas regiões se surgirem políticas e ações de manutenção e revitalização linguística. De acordo com Fishman (2006), revitalização se trata de um planejamento voltado a melhorar as circunstâncias sociolinguísticas de línguas que sofrem de forma negativa e prolongada de usuários e usos.

Na seção a seguir, abordaremos os conceitos de *code-mixing* e *code-switching*, que são fenômenos muito recorrentes em situações em que existe essa pluralidade de línguas que estão em contato.

3.5 CODE-MIXING E CODE-SWITCHING

O fato de existir o contato de línguas leva, naturalmente, a fenômenos linguísticos como o *code-mixing* e *code-switching*[10]. Veremos mais sobre estes conceitos nesta seção.

Romaine (1995) se apoia em Gumperz (1982) para definir *code-switching* como a justaposição, dentro do mesmo turno de fala, de passagens de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes, ou seja, de duas línguas distintas. No discurso do falante que apresenta o fenômeno de alternância de códigos, os mesmos fazem parte do mesmo ato de fala, em que existem relações sintática e semântica equivalentes àquelas que juntam passagens em um único ato de fala.

A autora explica que tratar de *code-switching* é diferente de tratar sobre a diglossia que apresenta Ferguson (1959), em que duas línguas ou variedades coexistem e são especializadas de acordo com a função. Há uma relação quase de um-para-um entre a escolha da língua e o contexto social, de modo que cada variedade pode ser vista como tendo um lugar ou uma função distintos dentro do repertório da fala local. Quando tal comportamento do uso da língua ocorre, as normas de seleção de código tendem a ser relativamente estáveis. Embora os falantes em situações diglóssicas devam saber mais de um código, somente um código é normalmente empregado em um determinado momento. (ROMAINE, 1995).

Romaine (1995) expõe diferentes tipos de *code-switching* apresentados por Poplack (1980), que são identificados como o intersentencial e o intrasentencial. No primeiro, a troca de código ocorre de uma sentença para outra ou de um turno de fala para outro. No segundo caso, a troca está dentro da mesma sentença, inclusive pode estar dentro dos limites da mesma palavra, em que nos deparamos com palavras de uma língua que possui morfologia flexional em outra. O conceito utilizado por Singh (1985), como explica Romaine (1995), trata esse último caso de *code-switching* intrasentencial como *code-mixing*, sendo que será essa a nomenclatura abordada em nosso estudo, tendo em vista que se trata de um misto de duas línguas sem que haja uma troca de turno de fala ou sequer uma troca de sentença.

É possível que encontremos fenômenos como esses nos resultados da nossa pesquisa. Exemplos de *code-mixing* se enquadram na nossa hipótese de que palavras ou termos de parentesco da língua majoritária são utilizados durante a fala da língua minoritária com sua flexão morfológia alterada de acordo com o padrão desta segunda língua.

---

[10] Mistura de línguas e alternância de línguas (tradução nossa).

Romaine (1995) discute também a importante questão sobre até que ponto é possível distinguir entre empréstimo, *code-mixing* e *code-switching*, uma vez que se argumenta que esses tipos de fenômenos podem ser ligados a diferentes tipos de competência e grau de fluência nas duas línguas. Ela defende que o empréstimo pode ocorrer na fala daqueles com apenas competência monolíngue, enquanto o *code-switching* implica algum grau de competência nas duas línguas. Até hoje, não existe uma concordância unânime de estudiosos da área da linguística em relação a esses conceitos. Isso faz com que cada situação exija um estudo sobre qual é o conceito que melhor abrange os diferentes fenômenos linguísticos da pesquisa em questão.

É importante compreender que, nessa pesquisa, utiliza-se o conceito de *code-switching* e *code-mixing* de forma a saber que os falantes que apresentarem esses fenômenos em sua fala possuem um grau de competência linguística que os classifica como bilíngues, ou seja, existe uma capacidade mínima de comunicação nas duas línguas de maneira que exista uma compreensão entre os falantes. O que é diferente de fazer uso de apenas uma palavra de outra língua na qual não haja uma habilidade mínima de comunicação, que seria classificado como um empréstimo.

De acordo com Poplack (2001), embora o *code-switching* seja aparentemente uma característica das comunidades bilíngues em todo o mundo, ele apenas começou a atrair atenção acadêmica séria nas últimas décadas. Os pesquisadores inicialmente consideraram a troca de código intrassentencial como aleatória e desviante (por exemplo, WEINREICH, 1953; 1968), mas agora, são unânimes na convicção de que ela é gramaticalmente restrita. A base para essa convicção é a observação empírica de que os conceitos bilíngues tendem a mudar intrassentencialmente em certas fronteiras (morfo) sintáticas e não em outras. Logo, as sentenças que apresentam *code-switching* são compostas de fragmentos coordenados de línguas alternadas, em que cada uma delas está de acordo com a gramática da língua de sua origem (POPLACK, 2001). Esses fragmentos estão organizados de maneira que haja coerência na estrutura da sentença, sem perder ou dar duplo sentido ao que pretendeu ser dito pelo falante.

De acordo com Poplack (2001), muitas pesquisas atuais defendem que os mecanismos de troca de línguas seguem diretamente os princípios gerais de uma gramática monolíngue. Mas comunidades bilíngues exibem padrões amplamente diferentes de adaptação de recursos monolíngues em suas estratégias de mixagem de código, e estes não são previsíveis por meio de considerações puramente linguísticas. A análise quantitativa dos

fenômenos de mistura em pares de línguas tipologicamente distintas mostra que itens isolados de outras línguas, especialmente palavras de conteúdo de classe principal, são de longe o componente mais importante do discurso misto.

Muysken (2007) sugere explorar uma variante mais rica em códigos mistos, que vai além da gramática e léxicos. O autor apresenta diferentes tipos de mistura de códigos, em quais condições sociais esses códigos se misturam e quais são os processos psicolinguísticos em que as misturas de códigos podem surgir.

Em relação às condições sociais apresentadas pelo autor, nos deparamos com a) morte por empréstimo, em que à medida que o número de falantes diminui e os contextos de uso se tornam mais limitados, mais e mais vocabulário e estruturas da língua predominante entram na língua minoritária; b) *semi-shift*: os falantes desistem de uma língua, mas relexicalizam a nova língua com o vocabulário da antiga, a fim de manter algo parecido com sua antiga identidade étnica; c) línguas matrimoniais misturadas: crianças nascidas em comunidades onde pais falam uma língua, e mães falam outra, podem acabar falando uma variedade linguística com uma gramática contribuída pela língua da mãe, e um léxico derivado da língua do pai; d) novas línguas comunitárias passam a existir devido à necessidade de expressar uma identidade nova e; e) línguas secretas podem ser formadas pela relexicalização de uma língua majoritária com elementos lexicais extraídos de uma língua mais antiga ou minoritária.

Ao levar em consideração os processos psicolinguísticos relacionados a misturas de códigos, o autor apresenta a) o cenário de manutenção linguística, em que podem ser adicionados itens de um léxico a outro; b) o processo de substituição linguística, em que ocorre transferência de elementos da língua antiga para a nova; c) a criação bilíngue, em que ocorre a junção do léxico de uma língua com a gramática da outra e; d) a resistência bilíngue, em que ocorre uma massiva reestruturação gramatical sob a influência de outra língua.

Todos esses importantes elementos apresentados por Muysken (2007) dariam não apenas um, mas vários novos estudos. Porém, é importante que sejam apresentados para que se tenha uma clareza da profundidade que é possível dar a estudos relacionados à alternância e mistura de códigos.

Esses estudos ainda são a minoria no Brasil, de forma que são encontrados muitos trabalhos internacionais, a maioria deles em inglês, mostrando que, em outros lugares, pesquisas que se referem ao contato de línguas andam muitos passos à frente em relação ao

nosso país. Se considerarmos o multilinguismo aqui existente, já mencionado em seções anteriores, veremos que existe muito caminho a ser percorrido com pesquisas linguísticas, tendo em vista que, muitas vezes, é o olhar do pesquisador e os resultados das pesquisas que levam ao cultivo maior de todas essas línguas que ainda são faladas.

Como este trabalho engloba os termos de parentesco que fazem parte do questionário lexical, a próxima seção se dedica a explicar aspectos importantes sobre o tema.

3.6 TERMOS DE PARENTESCO

Este estudo faz a análise do grupo lexical que aborda os termos de parentesco que são utilizados por falantes das variedades alemãs *Deutsch* e *Deitsch*. Cabe destacar que, além deste grupo lexical, ainda temos grupos de termos que se referem à alimentação, ao vestuário, à fauna e flora, dentre outros. A parte de perguntas que se refere aos termos de parentesco foi selecionada pelo fato de já haver um caminho percorrido em pesquisas e estudos que envolvem estes termos, inclusive para aprofundar e ampliar a pesquisa de TCC realizada pela autora em 2014 que envolve este grupo lexical.

Assim, os termos selecionados são os do tipo sanguíneo, ou seja, que envolvem membros da família unidos por laços de sangue, como pai, mãe, filho, avô, neto, tio e outros. Existem outros tipos de termos de parentesco que são os de aliança e espirituais. O primeiro se refere aos membros da família que se integraram por meio do casamento e o segundo por meio do batismo. Os termos do tipo sanguíneo envolvem a maior parte da família e foram escolhidos por constituir o núcleo central da família. Nesta seção, é possível compreender como se dá essa constituição de termos.

Lopes e Ferreira (2015) ressaltam que estudos de parentesco constituem uma área privilegiada para o desenvolvimento da reflexão sobre a relação que existe entre linguagem e cultura. Defendem que se trata de uma área que já foi consagrada, tanto na Antropologia como na Linguística, pelo fato de abordar um sistema de terminologia que se refere a um vocabulário que pode caracterizar fenômenos linguísticos e um sistema de atitudes que estabelece relações sociais com um grupo de indivíduos.

Horst (2011) cita Lange (1989) para explicar que o título de família era passado de geração para geração através do homem, sendo que, quando a mulher casava, ela se tornava parte da família do homem, perdendo o vínculo familiar com sua família de origem. O mesmo autor é mencionado para dizer que, com o "crescente desenvolvimento das cidades e a grande mobilidade dos integrantes da família, a definição de parentesco ultrapassou os

limites da casa e por isso passou a ser nomeado parentesco sanguíneo, que é passado de uma pessoa para outra pelo nascimento" (HORST, 2011, p. 23).

Nem sempre as famílias foram constituídas como são atualmente (considerando o modelo ocidental de família), com pai, mãe, filhos, avós, tios, irmãos, entre outros, formando um grupo mais reduzido. Ghasarian (1996, p. 20) afirma que, no período paleolítico, "os grupos humanos eram associações de várias famílias nucleares em bando de trinta a cem pessoas que praticavam a caça e a recolecção, tendo estes bandos laços de aliança entre si". E, no período neolítico, com o nascimento da agricultura e a domesticação de animais, houve uma época "marcada pelo desenvolvimento de um modo de vida pastoril e de fases culturais mais elevadas". No final da pré-história, aproximadamente em 3.000 a.C., a família entra para a história, assim como o sistema de graus de parentesco.

Ghasarian (1996) afirma também que, para sobreviver nas sociedades restritas, os indivíduos têm necessariamente de constituir grupos de cooperação. Esses grupos são formados na base do parentesco. Consequentemente, a segurança e o destino de um indivíduo estão nas mãos dos que lhe são aparentados. Ou seja, o parentesco torna-se a base da constituição de um indivíduo, e o autor acrescenta que as estruturas sociais e o funcionamento das sociedades tradicionais estão diretamente ligados ao parentesco.

O parentesco, de acordo com o autor, pode ser real (sanguíneo) ou fictício (adoção ou aliança), ressaltando que a nomenclatura não diz respeito ao nível de profundidade ou envolvimento emocional entre os aparentados, sendo que se trata apenas de uma forma de diferenciar aqueles que possuem laços sanguíneos e não-sanguíneos. Em virtude disso, os nomes utilizados nesse trabalho tomam como base as categorias propostas por Geckeler (1973).

Horst (2011) apoia-se em Geckeler (1973) para dividir os termos de parentesco em dois grupos centrais: do tipo sanguíneo e do tipo aliança (através do casamento). O primeiro tipo, tema deste estudo, traz os termos apenas relacionados a integrantes da família unidos por laços de sangue como, por exemplo, pai, mãe, irmão, irmã, avô, avó, tio, tia, primo, prima, bisavô e bisavó. O segundo grupo, por aliança, considera os parentes que se constituíram através do casamento, como marido, mulher, sogro, sogra, cunhado(a), genro e nora. Ainda no parentesco sanguíneo é possível analisar as diferentes gerações tomando um eu/*ego* como ponto de partida e fazendo a soma, ou subtração, em cada geração ascendente ou descendente, respectivamente. Por exemplo se eu sou *ego* e *ego* é igual à geração atual, então temos *ego* = G, assim G + 1 = pai/mãe, G + 2 = avô(ó), G + 3 = bisavô(ó) e G – 1 =

filho(a), G – 2 = neto(a), G – 3 = bisneto(a). O presente estudo considera termos utilizados para essas mesmas três gerações ascendentes e três descendentes (HORST, 2011).

Além desses dois grupos de parentesco apresentados, de acordo com Geckeler (1973 *apud* HORST, 2011), existe ainda o grupo do parentesco espiritual que provém do vínculo com a Igreja a partir do batismo e outros rituais religiosos que envolvem o apadrinhamento. Este se baseia na relação entre padrinho/madrinha, afilhado(a) e cumpadre/cumadre. Em alguns grupos familiares, a relação de padrinhos e afilhados é tão importante que instrui as crianças a terem com os padrinhos o mesmo respeito que eles têm com os pais. Inclusive, em caso de morte dos pais, quem se responsabiliza pelas crianças são os padrinhos. Com isso, é possível levar amigos da família ao status de parentes espirituais.

Ghasarian (1996) explica que o sistema de parentesco ocidental divide o grupo consanguíneo, ou sanguíneo, em: primários (pai, mãe, filho, filha, irmãos), secundários (avós, netos, tios, tias e sobrinhos) e terciários (ligados por dois intermediários, como primos). Depois de certo ponto, já não se consideram mais integrantes da mesma família aqueles que ficaram muito distantes no contato sanguíneo, ou se consideram da mesma família, mas como "parente distante". Em Horst (2011), observamos que Benveniste (1969) explica que, entre romanos e gregos, os membros ascendentes da família são designados com termos específicos até a sexta geração. A partir dessa linha não se aplicam mais termos e eles são considerados apenas como antepassados.

É importante ressaltar que nem todos os povos possuem a mesma constituição familiar nem utilizam as mesmas nomenclaturas que estamos acostumados a ouvir. Em um estudo realizado por Lopes e Ferreira (2015), por exemplo, as autoras apresentam resultados de uma pesquisa sobre o sistema de parentesco de povos indígenas, em que expuseram o caso da aldeia Parkatêjê, no estado do Paraná, que tem despertado o interesse de muitos estudiosos da área pela flexibilidade e criatividade do uso e sentido dos termos relacionados aos relacionamentos entre os membros. Um exemplo disso é o uso do termo *mekwu*, que se refere, de maneira geral, às relações consanguíneas e afins, como também de amizade formal e nominação. Porém, esse termo pode ser substituído por termos de relacionamento específicos. Outro grupo possui termos específicos para cada tipo de relacionamento; enquanto que os não parentes devem ser chamados pelos seus nomes próprios e destacam a importância de não chamar os membros das relações de parentesco pelo seu nome próprio. Outro exemplo nessa aldeia é que, depois de acontecer o casamento entre o marido e a

esposa, não existe a relação de cunhados pelo fato de todas as irmãs da esposa serem potenciais esposas e todos os irmãos do marido serem potenciais maridos.

Esses exemplos nos permitem refletir sobre a diversidade cultural que podemos encontrar quando nos dispusemos a pesquisar sobre termos e relações de parentescos comparando com a nossa cultura. Os termos que referimos nesta pesquisa não são necessariamente os mesmos que encontraremos em outras culturas, e até mesmo, em outras línguas, é possível que não existam termos respectivos àqueles que utilizamos na língua portuguesa, por exemplo.

Partindo da questão de diferentes línguas, a seção seguinte aborda o tema sobre o nome dado às diferentes variedades alemãs que estão envolvidas neste estudo.

3.7 NOMENCLATURA DAS VARIEDADES ALEMÃS

Sentimos a necessidade de fazer uma contextualização em torno da nomenclatura que diz respeito às variedades pesquisadas. E é este o tema que será abordado nesta seção.

Pesquisadores como Altenhofen (1995), com sua tese, e Krug, Kaufmann e Horst, com um artigo no prelo[11], estudam as variedades alemãs presentes no sul do país e vêm discutindo sobre qual/quais seriam as nomenclaturas adequadas para cada uma delas. Por muito tempo se utilizou, e ainda se utiliza, o nome *Hunsrückisch* para tratar de variedades alemãs que não são sempre a mesma variedade. É como se, dentro da variedade *Hunsrückisch*, existissem outras variedades em uso. Fala-se, hoje, em nomes como *Deitsch* e *Deutsch*, considerando que a maioria dos falantes não denominam suas línguas com o nome *Hunsrückisch*.

No trabalho realizado por Mayer (2009), sob orientação de Cléo Altenhofen, é apresentado um estudo sobre a delimitação de diferentes variedades que podem estar envolvidas dentro da língua *Hunsrückish*, com o objetivo de compreender a percepção dos próprios falantes. Como parte dos resultados, ela apresenta que foram identificados dois grandes grupos linguísticos. Um deles, que engloba a variedade *Deitsch*, está situado próximo a São Leopoldo, e o grupo que apresenta a variedade *Deutsch* está localizado no vale do Taquari. A autora explica que as variedades têm relação direta com a época em que vieram para o Brasil. A região de São Leopoldo foi a primeira a receber os imigrantes, e o vale do Taquari recebeu imigrantes tardios, e esses trouxeram uma variedade mais próxima

[11] Maiores informações sobre este estudo poderão ser lidas em breve neste artigo que está em construção.

do alemão padrão, que é o *Deutsch*. Nos resultados, ela ainda apresenta que

> O modo como os falantes denominam a sua própria língua ou aludem a outras variedades pode revelar o tipo dialetal e a valoração social que há por detrás dessas atitudes. Denominações como *Hunsbucklisch* ou *Verbrochenes Deutsch*, por exemplo, denunciam o caráter irônico ou, no segundo caso, o *status* social da língua. Nesse sentido, o tipo que convencionamos chamar *Deutsch* é, muitas vezes, aludido como *Hochdeutsch* (var. *Hochdeitsch*/*Hofdeitsch*). Distingue-se, porém, do alemão falado na Alemanha ("alemão gramatical"). Vale dizer que, apesar da tentativa de classificação entre *Deitsch* e *Deutsch* do presente estudo, nem sempre os falantes denominam sua língua dessa forma. Há muitas ocorrências de designações como *Platt* (ou *Plattdeitsch*, *Hunsrücker Platt*) e, inclusive, em português ("dialeto"). (MAYER, 2009, p. 32)

Em um estudo recente realizado por Habel (2017), também sob orientação de Altenhofen, dados apontam que os informantes julgam suas variedades como "alemão errado", "alemão quebrado", "alemão misturado", entre outras formas que indicam preconceito dos próprios falantes, a partir de um senso comum entre muitos falantes e não-falantes de variedades alemãs. Isso ocorre pelo fato de que os falantes reconhecem a utilização de termos de origem portuguesa que foi incorporada à fala das variedades alemãs e percebem isso como uma mistura de línguas ou variedades.

A partir dessa discussão, há quem continue utilizando a nomenclatura *Hunsrückisch* para diferentes variedades, talvez pela complexidade que seja distinguir uma da outra. Porém, nesta pesquisa pretende-se utilizar os nomes *Deitsch* e *Deutsch*, em que o primeiro termo se refere a uma variedade de fala que se apresenta como mais distante da fala do alemão padrão e o segundo refere-se à variedade mais próxima do alemão padrão. As especificidades de cada uma aparecerão no decorrer do desenvolvimento da dissertação, considerando que serão observados os nomes dados às variedades que são utilizados pelos próprios falantes, e isso só será possível após a realização da análise de dados.

A seção seguinte irá explicar sobre a teoria que é a base para esta pesquisa, desde a seleção das leituras até a seleção dos informantes e tratamento dos dados, que é a Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

3.8 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

De modo que possamos compreender como surgiu a dialetologia pluridimensional, nesta seção faremos um breve percurso pelas teorias que fundamentaram essa nova concepção de estudo, que é um tanto recente. Dessa forma, para que fosse possível estudar a relação entre língua e sociedade, surgiram duas correntes teóricas, que são a dialetologia e a

sociolinguística. Por mais que ambas apresentem semelhanças em seus objetivos, são perceptíveis algumas divergências.

A dialetologia, em suma, estuda diferentes variedades de uma língua distribuídas geograficamente e as organiza através de um mapeamento geográfico, observando variações fonológicas e lexicais. Isso permite que sejam realizadas delimitações geográficas para identificar possíveis isoglossas. Dialetologia significa, remetendo diretamente ao nome, "estudo dos dialetos". Coseriu (1982) defende que o dialeto é a realização de qualquer língua, tendo em vista que o termo não deveria ter um sentido de cunho pejorativo, já que ninguém fala uma língua, considerando língua histórica, mas sim, sempre uma variedade dessa língua. Ou seja, o dialeto não é inferior à língua, mas é a realização da mesma. Dessa forma, estudar os dialetos significa estudar a língua em uso.

Cardoso (2002, p. 2) explica que

> [...] a Dialectologia busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas. Esse objetivo faz com que a Dialectologia se torne, de início, a ciência da variação espacial, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização [...].

Foi dessa forma que surgiu a chamada Geolinguística, dentro da grande área da Dialetologia, que se dedicava à variação linguística relacionada à geografia, com a finalidade de descrever o uso da língua em diferentes espaços territoriais, observando os limites politicamente definidos. Cardoso (2002) explica que essa visão levou à expansão do investimento em atlas linguísticos com diferenciadas visões espaciais.

Segundo Thun (2009), a dialetologia tradicional foi extremamente monodimensional, levando em consideração apenas a dimensão espacial, também chamada de diatópica[12]. Esta contentou-se com um só informante por localidade, conhecidos como ROM por Trudgill, ou seja, os "*rural old man*"[13], concentrando-se, portanto, num mundo rural em vias de desaparição e excluindo as mulheres, os jovens e camadas sociais não camponesas das pesquisas.

O aumento da população urbana e a facilidade de locomoção e comunicação fizeram com que pesquisadores e estudiosos percebessem que a dialetologia tradicional não dava

---

12 Aqui, nesse trabalho, também analisamos as diferenças linguísticas de acordo com a questão geográfica. Porém, ela aparece como uma das várias dimensões que trata a Dialetologia Pluridimensional, chamada dimensão diatópica, que veremos adiante.

13 Tradução da autora: homem velho do campo.

conta de todas as variáveis extralinguísticas envolvidas no processo de variação linguística. De acordo com Thun (2009, p. 535), é a partir de então que surge a sociolinguística, que afirma sua identidade se distanciando da dialetologia tradicional. Trata-se, em suma, de uma disciplina mais recente que também tem como objeto de estudo as variedades linguísticas, mas sob uma perspectiva verticalizada, uma vez que o interesse não é identificar as fronteiras de uma variedade, mas como esta variedade se comporta nas diferentes estratificações da comunidade de fala. Embora tenham objetivos diferentes, ambas disciplinas se complementam, pois tomam como objeto de estudo a língua dentro da sociedade.

E é desse impasse entre as duas disciplinas que nasce a dialetologia pluridimensional. Esta procura

> [...] desenvolver sobre a variação diatópica toda uma gama de tipos de variações não areais [...] através das variações não diatópicas, que se apresentam como cortes horizontais num eixo vertical erigido em cada ponto de pesquisa, e que cobrem, desta maneira, toda a superfície de uma sucessão de estratos sobrepostos, a dialetologia pluridimensional introduz a geologia na geografia linguística e transforma a superfície plana da dialetologia monodimensional em espaço tridimensional. (THUN, 2009, p. 536).

É importante destacar que a dialetologia pluridimensional, segundo Thun (2010), não é apenas a fusão metodológica da dialetologia tradicional e dos princípios sociolinguísticos, mas o desenvolvimento de aspectos e técnicas de análise de contato de línguas.

De acordo com Thun (2005, p. 705), a geografia linguística tradicional é monodimensional, ou seja, analisa as diferenças linguísticas considerando apenas a variação no espaço, e esse modelo serviu para muitas pesquisas. Porém, o autor explica que o método da Dialetologia Pluridimensional observa as várias situações de uma realidade linguística e diz ainda que este programa "se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación con los hablantes" (p. 705).

O termo "pluridimensional" traz a ideia de várias dimensões. No nosso estudo abordaremos as seguintes dimensões, conforme Thun (1998):

Dimensão diatópica: Refere-se à localização dos informantes no espaço. Esses informantes ainda podem ser divididos em topostáticos: quando viveram toda ou praticamente toda a sua vida no mesmo local, constituindo-se como sedentários; ou topodinâmicos: para representar indivíduos com maior mobilidade espacial. Segundo Thun (1996, p. 211), tanto para os informantes topostáticos como para os informantes topodinâmicos, foi necessário flexibilizar os critérios, visto se tratarem de conceitos

relativos. Dessa forma, um informante é topostático ao passar pelo menos metade da vida em determinado lugar e obrigatoriamente os últimos cinco anos ou é topodinâmico ao estar entre dois e cinco anos em um novo lugar.

Dimensão diastrática: Aplica-se ao critério da escolaridade formal. Thun (1996) explicita que o grupo sociocultural baixo (classe baixa – Cb) está integrado por aqueles cujo grau de escolarização vai até o segundo ano de formação básica, enquanto os informantes com maior formação, como os que cursam ou concluíram o ensino superior, formam o grupo sociocultural alto (classe alta – Ca).

Dimensão diageracional: Distingue-se o grupo de jovens (18-36 anos), reconhecidos como geração I (GI), e o grupo dos mais velhos ou geração II (GII), para os que possuem 60 anos ou mais.

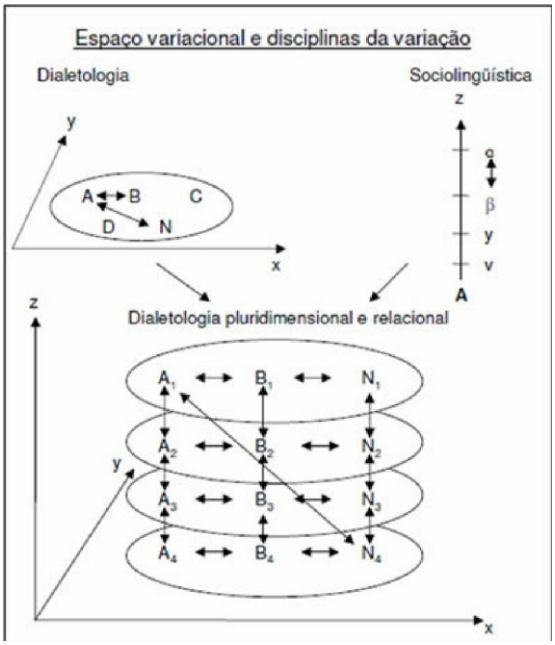
Dimensão diafásica: Refere-se ao estilo utilizado na entrevista e, consequentemente, ao nível de formalidade dos informantes. O estilo vai do mais formal, a leitura, normalmente de uma parábola bíblica, respostas às perguntas do questionário e a conversa dirigida ou livre que constitui o estilo menos formal.

Dimensão diassexual: É o contraste entre os comportamentos linguísticos de homens e mulheres que, em diversos momentos, revelam uma interessante variação linguística.

Além destas dimensões, também integram a pluridimensionalidade as dimensões **diarreligiosa**, **diarreferencial** e **dialingual**.

A dialetologia pluridimensional é também relacional, pois analisa relações de todos os tipos, não só as que unem pontos da mesma superfície (A-B) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo (a-b), mas estuda os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma outra superfície e as relações entre pontos diagonais. Podemos visualizar essas relações na figura que segue:

Figura 4 – Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional



Fonte: Thun (1998, p. 705)

A dialetologia pluridimensional e relacional também orienta outras pesquisas do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense. Ela é utilizada como parâmetro para selecionar os informantes que farão parte da pesquisa de campo. Cada pesquisa pode abordar diferentes dimensões, isso depende do enfoque que se pretende dar ao estudo.

Altenhofen (2004) ressalta que a pluridimensionalidade multiplica consideravelmente a quantidade de dados e os "cruzamentos" que se pode fazer entre as dimensões. Para isso é necessário selecionar quais dimensões serão analisadas. Existem dimensões que, segundo Thun (1998), constituem os quatro grupos que seriam "padrão" ou *standar* definidos pela dimensão sociocultural ou diastrática (escolaridade formal – Ca e Cb) e pela dimensão da idade ou diageracional (GI e GII). São essas mesmas dimensões que definem a escolha dos informantes. A partir delas, Thun (1996) elaborou um sistema em cruz, que é utilizada em trabalhos de cartografia, ou seja, para apresentação gráfica dos dados em mapas. Ele explica que a pluridimensionalidade exige uma técnica especial para a representação dos dados em mapas pontosimbólicos (diferentemente de mapas pontofonéticos, em que se faz a transcrição fonética). Para isso, utiliza-se o símbolo de cruz, considerando diferentes dimensões, para todos os grupos:

Figura 5 – Esquema em cruz

Fonte: Thun (2005).

A partir desse esquema, é possível disponibilizar uma visualização mais ampla e geral dos dados que serão analisados, de uma forma que apresente todas as dimensões escolhidas para essa pesquisa. A compreensão torna-se mais acessível quando projetarmos o modelo de cruz através dos dados, que veremos ao final da seção de análise.

Antes de iniciar o capítulo que apresenta a metodologia, cabe aqui mencionar um trecho de citação de Cardoso (2002, p. 11), que se refere à forma como tratamos os informantes que participam de coleta de dados, a partir de todas as dimensões apresentadas:

> Os parâmetros que regem, assim, a escolha e o perfil de informantes passam a se revestir de uma multiplicidade de aspectos, pondo em destaque um complexo rol de variáveis a considerar. O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções. Os instrumentos de recolha de dados, por sua vez, vão se tornando capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações. Os questionários se diversificam; a natureza do interrogatório, da inquirição, atinge alto grau de especificidade; as formas de registro de dados captam não apenas a emissão, mas também as condições de que se reveste o ato de fala naquele momento, permitindo amplas considerações de ordem pragmática.

O autor também menciona o termo "moderna cartografia" para explicar que esse caminho, além de apresentar os dados coletados, permite interpretá-los, defendendo a ideia de não partir da busca obcecante por quantidade, mas de uma forma exemplificativa e não exaustiva para complementar os próprios dados areais. Ele argumenta explicando que, no começo do século XX, o Brasil, de forma geral, era praticamente apenas rural, com pouca densidade populacional e havia maior isolamento dos grupos linguísticos. As redes de comunicação se resumiam a rádio, televisão e telefone (e eram raros), e as estradas eram

reduzidas, considerando ainda o baixo número de automóveis que circulavam. Por isso, a mobilidade das pessoas era menor e o isolamento maior, o que refletia na língua, em que mudanças linguísticas levavam muito mais tempo para acontecer. (CARDOSO, 2002).

Tudo isso comparado aos dias atuais mostra um salto, em todos os sentidos, mas, principalmente, no que diz respeito à comunicação. Os centros urbanos estão superpovoados, as redes sociais/de comunicação circulam de forma desenfreada e as estradas alcançam todas as direções do território nacional. Todos esses fatos e essa "evolução", observando o sentido amplo da situação, têm relação direta com as variedades faladas no país e com a fala de cada indivíduo em particular. Nesse sentido, se torna mais difícil falar em representatividade de variedades faladas em determinada localidade ou região, observando apenas um reduzido grupo de pessoas. Mas é possível trazer exemplos e analisar as especificidades de cada informante de forma particular, que é o que será feito nessa pesquisa.

A partir das diferentes formas existentes de fazer pesquisa com informantes, é a Dialetologia Pluridimensional que nos permitirá tratar os dados considerando todas as suas especificidades, dentro de cada dimensão e entre as várias dimensões. O capítulo a seguir, que apresenta a metodologia, explica como tudo isso é realizado na nossa pesquisa.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo iremos explicar quais foram os métodos utilizados para realizar a pesquisa e como ela foi pensada. Também apresentaremos como ocorreu a seleção dos informantes, a coleta de dados, a seleção e a transcrição desses dados e as análises.

O objetivo da pesquisa é o de analisar a manutenção ou substituição dos termos de parentesco na fala de informantes em alemão nos municípios de Saudades e Mondaí, no Oeste de Santa Catarina. Para alcançar cada objetivo específico, selecionamos as dimensões que farão parte das análises e faremos os recortes dos dados de acordo com os objetivos propostos.

Em cada localidade, temos o mesmo número e perfil de informantes, sendo que são oito informantes de Saudades e oito informantes de Mondaí, que responderam a um questionário lexical e metalinguístico, somando o total de dezesseis informantes.

4.1 SELEÇÃO DOS INFORMANTES E DIMENSÕES ANALISADAS

Os requisitos necessários para a escolha dos informantes são: ser teuto-brasileiro

(descendente de alemão nascido no Brasil), ter vivido 3/4 da vida nas localidades selecionadas e ter o alemão como língua materna. Eles foram previamente selecionados de acordo com a faixa etária, gênero e grau de escolaridade, ou seja, de acordo com as diferentes dimensões de análise. Assim, temos:

A dimensão **diatópica**, em que é possível a análise de dados de informantes de dois ou mais pontos/localidades distintos para identificar possíveis diferenças na manutenção ou substituição dos termos em alemão. São oito informantes do município de Mondaí/SC e oito informantes do município de Saudades/SC.

A dimensão **diageracional**, em que temos quatro informantes da geração mais nova (GI), com idade entre 18 e 36 anos, e quatro informantes da geração com mais idade (GII), que têm 55 anos ou mais. Ou seja, são duas gerações envolvidas nessa pesquisa, o que permite uma comparação da manutenção entre as duas faixas etárias.

A dimensão **diassexual**, que possibilita uma comparação entre possíveis diferenças de manutenção entre a fala de homens e mulheres, em que temos quatro mulheres e quatro homens.

A dimensão **diastrática**, em que analisamos se há diferença entre o nível de escolaridade dos informantes, ou seja, se existe maior manutenção entre os quatro informantes que possuem nível de instrução até o Ensino Médio (Cb) e aqueles que possuem Ensino Superior completo (Ca).

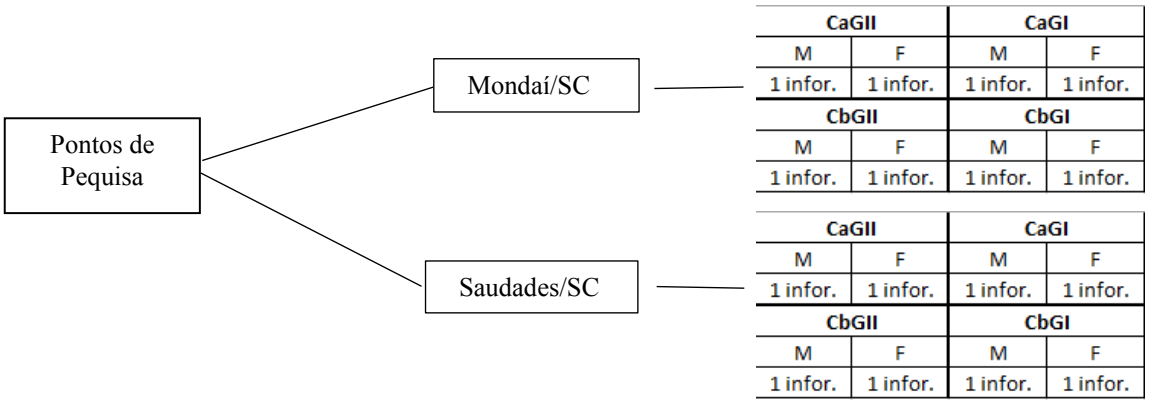
No mapa a seguir, é possível identificar a localização e a distância dos pontos da pesquisa (com marcação verde), considerando a dimensão diatópica:

Figura 6 – Mapa da região Oeste de Santa Catarina

Fonte: mapasblog.blogspot.com

A pluridimensionalidade, ou seja, as diferentes dimensões, como localidades, nível de estudo, gênero e faixa etária, em relação aos informantes, está representada no seguinte esquema:

Quadro 2 – Distribuição dos informantes



Fonte: Elaborado pela autora, baseado na Pluridimensionalidade de Thun (1996).

Esse esquema permite ter uma visão geral do quadro de informantes e como eles ficam distribuídos de acordo com cada dimensão de análise.

4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas gravadas que foram previamente agendadas com os informantes. Durante a entrevista, utilizou-se o gravador de modelo 200M Zoom Corporation H4n para posterior transcrição dos dados. Para alcançar a fala mais espontânea dos entrevistados, ou seja, com o menor monitoramento possível, os primeiros momentos de entrevista gravada foram uma conversa semidirigida, em que eles puderam contar sobre o que sabiam da história de suas famílias e de suas origens. O objetivo era fazer com que os informantes se familiarizassem com a pesquisadora e o gravador. Tarallo (2012) explica, em seu livro sobre pesquisa sociolinguística, que, quando os entrevistados se envolvem mais com o conteúdo que estão falando, eles se preocupam menos com a forma como falam, o que nos leva ao nosso objetivo, que é a fala mais espontânea. Além disso, antes de iniciar a gravação, a pesquisadora tentou estabelecer uma relação espontânea com conversas livres, fazendo anotações em caderno de campo toda vez que aparecia alguma informação que poderia ser utilizada depois.

A etapa seguinte foram as questões do questionário do ALCF (KRUG, 2013), que são de cunho metalinguístico e se referem à forma como os informantes veem/tratam sua língua. Em seguida, as questões apresentadas foram de cunho lexical, que se referiam aos termos de parentesco que correspondem aos membros da família com laços sanguíneos, como pai, mãe, filhos, tios, avós e outros, somando um total de vinte termos.

Em relação à técnica da entrevista, ela segue um princípio de três etapas: **pergunta**, **insistência** e **sugerência**. Primeiro o pesquisador pergunta e aguarda a resposta espontânea, em seguida insiste na pergunta para ampliar os dados que possivelmente eles não recordem em um primeiro momento e, por fim, sugere novas variantes de uma lista de sugerências, a fim de registrar o conhecimento passivo de certas formas. O tempo de entrevista durou em torno de uma hora e trinta minutos, variando em mais ou menos tempo, o que dependeu do diálogo que se desenvolveu.

Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos próprios informantes, que não hesitaram em receber as pesquisadoras. Outro aspecto importante é que todas as residências estavam localizadas na região urbana de cada município. Mesmo que estamos nos referindo a cidades pequenas, com cerca de 9 mil habitantes, o perímetro urbano possui casas mais próximas, maior fluxo de pessoas e maior contato com pessoas de outras localidades, e isso deve ser considerado. As entrevistas em Saudades foram realizadas em janeiro de 2019, com duas pesquisadoras da mesma linha de pesquisa, e foram realizadas em dois dias. Em Mondaí, a pesquisa foi realizada por apenas uma pesquisadora e também foi realizada em dois dias, em abril de 2019. As entrevistas com a geração de mais idade, acima de 55 anos, foram realizadas individualmente na cidade de Mondaí, apenas por questão de disponibilidade de horários.

Todas as outras entrevistas, tanto em Mondaí como em Saudades, foram realizadas com duplas de homem e mulher da mesma geração e escolaridade para, de acordo com a dialetologia pluridimensional, amenizar o paradoxo do observador, também descrito por Labov (2008). Porém, cada pergunta era dirigida ao homem ou à mulher e, após obter uma resposta, a mesma pergunta era repetida para ouvir a resposta do segundo informante, ou vice-versa. Assim, temos registrados em áudio as respostas de ambos e as expressões corporais eram registradas no caderno de campo para perder o mínimo de informações possível, por não ter sido feita uma filmagem das entrevistas.

Devido ao fato de a pesquisadora possuir uma variedade alemã como língua materna, foi possível realizar todas as entrevistas nesta mesma língua. O que tornou possível observar

que existem algumas diferenças na fala da variedade alemã da pesquisadora para a variedade alemã de alguns informantes, que será explicado na seção de análise de dados.

4.3 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Após realizadas as entrevistas, elas passaram por um filtro no momento da transcrição, de modo que só o que fosse relevante para alcançar os objetivos desta pesquisa seria transcrito para análise. Antes de compreender a estrutura e a ordem em que foram feitas as análises, falaremos sobre outra dimensão de análise que optamos por abordar neste trabalho, pela sua relevância.

A partir da dimensão diafásica, que também é uma dimensão de análise da dialetologia pluridimensional, temos quatro estilos de realização da entrevista que foram registrados: a conversa livre semidirigida, o questionário (metalinguístico e lexical), a leitura e a escrita. Também podemos acrescentar um quinto estilo, que se baseia nas anotações do diário de campo.

No primeiro estilo, os informantes são convidados a falar sobre o que sabem da história de suas famílias e, nesse caso, eles acabam se envolvendo mais com a história, porque envolvem sentimento, e não monitoram tanto a fala, como já afirmava Tarallo (1999): quando o entrevistado se envolve mais com *o que* é dito, ele não presta mais muita atenção em *como* é dito. Dessa forma, podemos ouvir alguns termos de parentesco, que é nosso objetivo, da maneira mais espontânea durante a gravação da entrevista.

No segundo estilo, que se refere ao questionário, temos questões metalinguísticas e lexicais. Nas metalinguísticas, os informantes respondem a perguntas como "O que você pensa sobre as pessoas que poderiam falar alemão e não falam?" e é quando eles dão a sua opinião e falam sobre suas crenças a respeito da própria língua. Por meio dessas respostas, podemos compreender, de forma mais acertiva, alguns fenômenos de substituição e manutenção que podem aparecer no uso dos termos de parentesco, que é o nosso objetivo principal. Nas questões lexicais, as respostas não abrem para respostas muito amplas e se restringem ao léxico, ou seja, são respostas sobre o nome que os informantes dão, na língua minoritária, aos membros que fazem parte da família por laços de sangue. Porém, em algumas respostas, alguns informantes gostam de dar mais explicações e acabam ampliando, o que, muitas vezes, contribui para a pesquisa.

O terceiro estilo se refere à leitura. Ao final da entrevista, os informantes são convidados a ler uma passagem bíblica sobre "O Filho Pródigo", que está transcrito na

variedade alemã *Hunsrückisch*, que, na nossa pesquisa, é a variedade que se aproxima mais do que nós e os informantes chamam de *Deitsch*. Aqueles que não se sentem à vontade para ler, tem o direito de recusar o convite. Assim, além de observar o uso da língua na leitura, é possível verificar quem são os informantes que possuem o hábito de ler em outra língua e também aqueles que gostariam de testar a sua habilidade leitora em outra língua.

O quarto estilo é o da escrita. Depois de aceitarem ou não o convite para realizar a leitura, os informantes são convidados a escrever algumas linhas na variedade que eles falam. Isso permite identificar se a língua que eles falam também se realiza através da escrita.

Aquele que mencionamos como uma possibilidade de quinto estilo se refere às anotações do caderno de campo. Neste estilo, o entrevistador/pesquisador faz anotações em um caderno (ou algo semelhante) sobre alguns comentários que são feitos pelos informantes em momentos que não estão sendo gravados, bem como observações de gestos e linguagens corporais que podem contribuir para o trabalho. Pode aparecer neste estilo alguma expressão que significa um sentimento de *não sei*, de *tanto faz*, de espanto, de alegria, de esquecimento, um balançar de cabeça em forma de não, entre tantos outros aspectos que podem ser identificados. As anotações de campo aparecem ao longo de todo o capítulo de análises, pois elas dão suporte para fundamentar estas análises.

Explicados os estilos que foram abordados neste trabalho, seguiremos com a estrutura que apresenta as descrições e análises dos dados. Inicialmente é feita a descrição e a análise de aspectos gerais relacionados às entrevistas.

Em seguida, abordamos o estilo da **conversa livre semidirigida**, em que os informantes contam sobre a história de suas famílias, o estilo da aplicação do **questionário** metalinguístico e os estilos de **leitura** e **escrita**, sendo que os dois últimos são abordados de forma breve.

As questões de cunho metalinguístico selecionadas para transcrição foram divididas em dois grupos, que aparecem nos quadros 3, 4, 5 e 6. O primeiro grupo de perguntas apresenta como opções as respostas *Sim* ou *Não*. O segundo grupo apresenta como opções as respostas *Português*, *Alemão*[14] ou *Ambas*. A partir de cada quadro com as respostas, é feita uma descrição e análise dessas informações, bem como alguns comentários dos informantes que são pertinentes à pesquisa.

14 Considerando qualquer variedade alemã encontrada, seja ela *deitsch* ou *deutsch*, no caso desta pesquisa.

Na seção seguinte, abordamos o estilo do **questionário** lexical que se refere aos termos de parentesco do tipo sanguíneo, onde cada termo é descrito de forma individual. Na sequência, é realizada a relacionalidade dos dados sobre esses termos, quando são somados e separados em quatro dimensões: diassexual, diastrática, diageracional e diatópica, com uma dimensão por gráfico. Ao final da seção com os dados lexicais, é apresentado mais um gráfico com os dados totais que envolvem os dezesseis informantes das duas localidades divididos apenas em português e alemão, para chegar ao objetivo geral que é o de compreender o quanto há de manutenção e de substituição dos termos mencionados nas variedades *Deitsch* e *Deutsch* em Saudades e Mondaí (SC). A última seção do capítulo das análises aborda análises gerais dos dados e apresenta a relacionalidade dos dados a partir de gráficos na cruz de Thun (1998).

Nesses gráficos, foram utilizadas apenas as respostas espontâneas, considerando que são essas as mais utilizadas pelos falantes e que as respostas por insistência ou sugerência serão abordadas de maneira mais geral e podem ser utilizadas em outros recortes de pesquisa. Os gráficos apresentam o contraste do número de respostas com termos em português e com termos em alemão.

A maioria das variantes que poderiam aparecer como respostas para se referir a determinado membro da família já estavam contempladas no próprio questionário, inclusive para serem utilizadas como sugerência. Porém, é natural terem aparecido outras variantes que os informantes utilizam, e essas foram transcritas pela própria autora.

Os dados coletados estão armazenados no banco de dados do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALFC – OC), que é parte integrante do projeto maior intitulado Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALFC)[15].

5 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, são apresentados os dados coletados na pesquisa, com o objetivo de analisar o quanto há de manutenção ou substituição linguística em relação aos termos de parentesco do tipo sanguíneo pelos falantes de *Deitsch*, *Deutsch* e português, em Saudades/SC e em Mondaí/SC. Assim, o capítulo está organizado nas seguintes seções e subseções:

5.1 Conversa livre semidirigida, questionário metalinguístico, aspectos de leitura e

15 Projeto que possui aprovação no Comitê de Ética para pesquisa de campo.

escrita;

5.2 Questionário lexical: termos de parentesco;

5.2.1 Análise na dimensão diassexual;

5.2.2 Análise na dimensão diastrática;

5.2.3 Análise na dimensão diageracional;

5.2.4 Análise na dimensão diatópica;

5.2.5 Análise geral e dados em cruz.

Antes de iniciar a seção 5.1, veremos alguns aspectos iniciais em relação aos informantes e às entrevistas realizadas.

Em Saudades, todas as pesquisas foram realizadas com casais por duas pesquisadoras: a autora desta dissertação, que é falante de uma variedade alemã, e outra pesquisadora, que é falante de uma variedade italiana e não compreende o alemão.

A partir da observação de coletas de dados em pesquisas anteriores disponíveis no banco de dados do projeto ALCF, algumas perguntas apresentavam apenas a resposta de um dos informantes, de forma oral, porque o segundo informante acabava concordando ou discordando com gestos. Esse fato torna necessário o uso de um diário de campo para realizar anotações dessas manifestações gestuais. Porém, para evitar que não houvesse apenas respostas com gestos, foi acordado com os entrevistados que a pesquisadora faria a pergunta para um deles e depois a repetiria para o outro informante. O resultado foi eficaz porque tivemos, em aúdio, a respostas de todos os informantes, mesmo que um apenas dissesse que sua resposta é a mesma que a do seu par.

Já em Mondaí, duas entrevistas foram realizadas com casais, com o mesmo método de repetir as perguntas para cada um dos informantes, e quatro entrevistas foram realizadas de forma individual. As entrevistas individuais acabavam ficando mais curtas porque a pergunta era feita apenas uma vez. Porém, havia momentos em que os informantes levavam mais tempo para chegar a uma resposta, o que pouco ocorria nas entrevistas com casais, porque um ajudava o outro a lembrar de termos utilizados. A possibilidade de realizar entrevistas com casais, ou em pares de homem e mulher, surgiu junto com a Dialetologia Pluridimensional de Thun (1996), para romper, de certa forma, com a formalidade e o monitoramento da fala que são causados pela gravação.

Como a pesquisadora é falante de uma variedade alemã, na localidade de Mondaí, ela deixava os informantes à vontade para que falassem a língua que quisessem nos momentos informais, de chegada e partida da pesquisadora, ou seja, momentos que não foram

gravados. Em todas as residências, falava-se em português a maior parte do tempo e o alemão era utilizado apenas no momento da entrevista. Em Saudades, onde a entrevista foi realizada pela pesquisadora autora deste trabalho, que fala a língua minoritária alemã, e sua colega que é de origem italiana e não compreende a variedade alemã, as conversas fora do momento de entrevista e gravação eram todas em português para que todos ali presentes pudessem compreender o que estava sendo falado.

Durante as entrevistas, realizadas em alemão, percebemos que, em nenhum momento, foi necessário fazer traduções para o português. Dos dezesseis informantes, todos sempre compreendiam tudo o que era falado e davam a resposta na língua alemã também, conseguindo se comunicar muito bem em uma das variedades, *Deitsch* ou *Deutsch*. Isso nos remete à ideia de que os informantes conseguiam também raciocinar na língua alemã, como proposto por Mackey (1972). Em raros momentos, algumas explicações mais longas eram feitas em português, como no caso do casal CaGI de Mondaí e o casal CaGII de Saudades. De todos, o único informante com mais dificuldade com a língua minoritária foi o masculino da CaGI de Saudades, que utilizava mais a língua portuguesa para responder e não conseguia concluir um turno de fala totalmente em alemão.

Em todas as entrevistas, tentamos envolver as quatro habilidades para identificar o nível do domínio da língua minoritária: a escuta, a fala, a leitura e a escrita. Dentre as falas, identificamos algumas diferenças de pronúncias daqueles que denominavam sua língua como *Deutsch* para aqueles que a denominavam como *Deitsch* e aqueles que traziam muito léxico e pronúncias do *Hochdeustsch* (alemão padrão). Portanto, temos, pelo menos, três variedades alemãs envolvidas nessa pesquisa e, ao longo do trabalho, vamos identificando as principais diferenças e alguns aspectos relacionados às diferentes variedades encontradas.

Descritas estas informações importantes, abordaremos na próxima seção a conversa livre semidirigida, as respostas do questionário que se referem às questões metalinguísticas e aspectos das habilidades de leitura e escrita.

5.1 CONVERSA LIVRE SEMIDIRIGIDA, QUESTIONÁRIO METALINGUÍSTICO, ASPECTOS DE LEITURA E ESCRITA

Nesta seção, trataremos da conversa livre semidirigida e das respostas a algumas questões que se referem ao questionário metalinguístico, ou seja, quando os informantes falam sobre aspectos referentes à própria língua. Também faremos uma breve abordagem sobre os estilos leitura e escrita, que foram realizadas (ou não) pelos informantes ao final da

entrevista, bem como algumas percepções da pesquisadora que são fundamentais para as análises.

Na conversa livre semidirigida, os informantes explicam sobre o que sabem em relação à história e origem de suas famílias. Tanto em Saudades como em Mondaí, todos os informantes relatam que suas famílias são provenientes do Rio Grande do Sul, principalmente da região das antigas colônias. Estrela, Lajeado e São Leopoldo estão entre elas. Isso comprova o que trouxemos a partir de Jungblut (2011), que explica sobre a migração alemã que houve para o Oeste de Santa Catarina. De acordo com Horst (2014), naquele período também pertenciam à Estrela os municípios de Colinas, Imigrante, Teutônia e Westfália. Por isso, é importante citar estudos que envolvem essa região para compreender alguns fenômenos linguísticos, por exemplo, denominar a língua como *Deitsch* ou *Deutsch*. Assim, temos os trabalhos de Horst (2014), Horst (2011), Krug (2011) e Luersen (2009), dentre outros.

A mulher da CaGII de Saudades conta que seu bisavô veio da Alemanha. Seu pai era de Santa Cruz e sua mãe de Rio Pardo, ambas cidades do RS, e se conheceram em Saudades, SC, e os dois eram colonos. O homem conta que nasceu em Rio Pardo e seus pais foram para Saudades quando ele era bebê em busca de novas terras para cultivar, já que também eram colonos. As duas famílias sempre foram católicas.

A mulher da CaGI de Saudades relata que tanto ela como seus pais nasceram em Saudades e que seus avós vieram de alguma região do RS, mas ela não soube dizer qual era. O homem contou que seu avô paterno veio de Estrela (RS) e sua avó também veio do RS, mas não soube dizer de qual cidade. Tanto os pais dela como os pais dele foram colonos. Em relação à religião, os pais do homem são luteranos e a família dela é católica.

Quanto ao casal da CbGII, ela conta que sua mãe veio de São Leopoldo (RS) e seu pai também veio daquela região do RS. O homem fala que seus pais também vieram de São Leopoldo (RS) e ele era pequeno quando chegaram em Saudades. Os pais do homem e da mulher sempre foram colonos e trabalhavam na roça, e os dois são de famílias católicas, assim como eles continuam sendo. Eles relataram que, em períodos anteriores, havia uma rigorosidade em relação a quem poderia comprar terras nessa localidade. Os requisitos eram que as famílias fossem alemãs e católicas. Famílias que tinham outra língua ou outras escolhas religiosas seguiam em direção à Mondaí e outros municípios ao redor. Tal fato que é confirmado nas pesquisas realizadas por Royer (1999). Hoje, explicam eles, isso não acontece mais, os povos estão bastante misturados e tem, inclusive, estrangeiros que

trabalham nas empresas locais, porque precisam de mão de obra especializada. Podemos acreditar que essa mistura de povos e talvez de línguas faz com que a maioria da população acabe utilizando a língua em comum de quase todos que vivem ali, que é o português.

Quanto ao casal da CaGI de Saudades, a mulher explica que sua mãe veio de Nova Petrópolis (RS) com sua família, em busca de novas terras, e seu pai veio de Estrela (RS) com a sua família, com o mesmo objetivo de cultivar novas terras. O homem conta que sua família também veio da região de Estrela, a família da sua mãe era católica, a família de seu pai era luterana. A família da mulher é católica. E todas as famílias eram de colonos e trabalhavam na agricultura.

Em Mondaí, o homem da CaGI explicou que faz parte da quinta geração da família depois da chegada ao Brasil. Ele soube explicar muito sobre a história da família, inclusive o ano que seus antepassados chegaram ao Brasil, que foi em 1882. Seus avós vieram da cidade de Venâncio Aires (RS) para Mondaí em 1970. Os pais da mulher sempre viveram em Mondaí e sempre foram colonos, assim como os pais do homem, que também sempre foram colonos, inclusive ele mesmo, até os dezoito anos, quando começou a estudar. O homem e a mulher são evangélicos, mas a família da mulher é católica e ela se converteu por causa do casamento. Um estudo realizado sobre a questão de aspectos religiosos e linguísticos que mudam a partir do casamento encontramos em Horst (2011) e Horst e Krug (2012), por exemplo, termos de parentesco que eram utilizados em alemão passaram a ser utilizados em português depois do casamento de um falante de alemão com um falante de português apenas.

Ainda sobre esse casal, a família da mulher sempre viveu na comunidade de Catres, que foi a área destinada para os católicos que se dirigiam para Mondaí no início da colonização. A intenção, como explicado no contexto histórico das localidades, era de que Mondaí fosse colonizada apenas por alemães evangélicos (luteranos).

As entrevistas com o grupo da CaGII de Mondaí foram feitas de forma individual, por preferência dos informantes. Assim, a mulher relata que ela veio com a sua família de Estrela (RS) para Mondaí com perspectivas de uma vida melhor. Seus pais sempre foram colonos e ela é professora aposentada. Sua religião é evangélica. O homem nasceu em Mondaí, mas seus pais vieram do interior de Lajeado (RS) para continuar os trabalhos com a agricultura. Ele é professor aposentado.

Referente ao casal da CbGI de Mondaí, a mulher conta que seus pais sempre viveram em Itapiranga e trabalhavam como colonos e vivem lá até hoje. O homem explicou que seus

pais sempre viveram em Catres, interior de Mondaí, onde se instalavam os católicos que chegavam. Eles não mencionaram cidades do RS. Falaram que as famílias dos dois são católicas.

Referente ao casal da CbGII de Mondaí, as entrevistas também foram realizadas individualmente por preferência dos informantes. A mulher é evangélica e conta que seu pai veio da Alemanha e sua mãe de Santa Cruz (RS) e estabeleceram residência onde antes era Porto Feliz, que hoje está desemembrado em Riqueza e Mondaí. O homem conta que veio com sua família do RS para Mondaí e que sempre trabalharam com a agricultura. Ele também é evangélico.

Depois de contextualizadas as histórias, profissões e religiões das famílias dos informantes, partiremos para as questões metalinguísticas, em que os informantes falam sobre aspectos relacionados à própria língua. As perguntas e respostas selecionadas para este estudo estão apresentadas em quadros (3, 4, 5 e 6) que aparecem a seguir. Selecionamos e dividimos essas perguntas em dois grupos. O quadro 3 apresenta as perguntas que têm como respostas *Português, Alemão* ou *Ambas*. Como exemplo de pergunta, temos "Qual(is) língua(s) você costuma falar na sua família?". O quadro 4 apresenta as respostas dos informantes. O quadro 5 traz as perguntas que permitem como resposta *Sim* ou *Não*. Um exemplo de pergunta é "Existem momentos em que você sente vergonha de falar alemão?". O quadro 6 mostra as respostas dos informantes e, muitas vezes, elas são seguidas de explicações, sendo que algumas aparecem nas descrições. Vejamos os quadros:

Quadro 3 – Perguntas metalinguísticas que têm como resposta *Português, Alemão* e *Ambas*

Questão	**Pergunta**
1	Que línguas você fala?
2	Qual você aprendeu primeiro?
3	Qual você fala melhor?
4	Qual você acha mais bonita?
5	Que línguas costuma falar na família?
6	Para você, qual é a mais difícil de aprender?
7	Em que língua gosta de conversar mais?
8	De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária ou português?
9	Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município?
9.1	No correio
9.2	No Supermercado e lojas
9.3	No sindicato
9.4	No restaurante

9.5	Na prefeitura
9.6	No posto de saúde
9.7	Com o padre/pastor
9.8	No posto de gasolina
9.9	No trabalho

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Krug (2013).

Quadro 4 – Respostas dos informantes sobre as perguntas do Quadro 3

	Responderam:				Alemão ●				Português ○				Ambas ◑			
	Saudades/SC								Mondaí/SC							
	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		CaGI		CaGII		CbGI		CbGII	
Questão	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**
1	○	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑
2	◑	●	●	●	●	●	●	●	●	●	◑	●	●	●	●	●
3	○	○	●	●	○	○	●	●	○	○	○	○	◑	●	○	◑
4	●	●	◑	○	●	●	●	○	●	●	◑	◑	●	●	●	◑
5	○	○	●	●	●	●	●	●	◑	◑	○	○	●	●	○	◑
6	●	●	○	◑	◑	●	◑	○	○	○	●	●	◑	◑	◑	◑
7	○	◑	●	●	●	◑	●	●	○	○	○	○	●	●	○	◑
8	○	○	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	◑	◑	○	○
9.1	○	●	◑	◑	◑	●	○	○	○	○	○	○	○	◑	○	○
9.2	○	●	◑	◑	◑	●	●	●	◑	◑	◑	◑	○	◑	○	◑
9.3	○	●	◑	◑	◑	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
9.4	○	●	◑	◑	◑	◑	◑	◑	○	○	◑	○	○	○	○	○
9.5	○	●	◑	◑	◑	◑	●	●	○	○	○	○	○	◑	○	○
9.6	○	○	◑	◑	◑	◑	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
9.7	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
9.8	○	○	◑	◑	◑	◑	◑	◑	○	○	○	○	○	○	○	
9.9	○	●	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	◑	○	○	○	◑	○	

Fonte: elaborado pela autora.

Na pergunta 1, *Quais línguas você fala?*, as respostas que obtivemos não se restringem apenas ao alemão e português. Porém, é a partir desta pergunta que chegamos ao nome que os informantes dão à sua língua minoritária. O homem da CaGII e o homem da CaGI de Mondaí mencionaram o inglês, além dessas duas línguas, e o homem e a mulher da CaGI de Saudades mencionaram o espanhol. Percebe-se que, nas respostas, apenas o homem da CaGI de Saudades diz que fala bem apenas o português, mas que fala pouca coisa em alemão, em espanhol e em inglês. Além disso, o casal da CaGII de Saudades, o homem da CbGI de Saudades e o homem da CaGI de Mondaí têm o domínio da variedade alemã padrão, o *Hochdeutsch*, além da variedade minoritária que os dois aprenderam em casa.

Mas, no momento da pergunta, eles não mencionam duas variedades do alemão, apenas dizem que falam *Deutsch*. O homem da CaGII de Mondaí disse que fala o português e o *Deutsch*, mas explica que seu alemão não é o "certo", comparando ao *Hd*. Essa crença de "alemão errado" vai ao encontro do que Altenhofen e Habel (2017), Wehrmann (2016), Horst (2014) e outros trabalhos apresentam em suas pesquisas, nas quais os informantes julgam sua língua minoritária como "alemão misturado" ou "alemão quebrado".

Na entrevista com o casal da CaGII de Saudades, eles explicam que tiveram bastante contato com a língua alemã padrão. Ela foi professora de *Hochdeutsch* e tem formação em Letras – Português e Alemão e ele tem formação em Letras – Português e Inglês. Ambos viveram por um período na Alemanha, o que intensificou o contato com a variedade padrão.

Em Mondaí, a informante feminina da CbGII afirma que há muita diferença na pronúncia de sua variedade para variedades alemãs faladas em localidades próximas, como a comunidade de Catre, interior de Mondaí. Muitos informantes percebem e mencionam o fato de a língua alemã apresentar muito léxico da língua portuguesa incorporados à fala.

Em relação ao casal da CaGI de Mondaí, a informante feminina conta que fala *Deutsch* e *Brasilianisch* e o homem menciona as línguas *Deutsch* e *Portuguesich*. A mulher explica que se considera bilíngue, mas que seu alemão é diferente quando ela conversa com alguém da Alemanha. Quanto ao casal da CbGI de Mondaí, ambos disseram que falam *Deitsch* e *Brasilianisch*.

Os informantes que denominam sua língua como *Deutsch* são: o homem e a mulher da CaGII e o homem da CbGI de Saudades; o homem e a mulher da CaGI, o homem e a mulher da CaGII e o homem e a mulher da CbGII em Mondaí. Os informantes que denominam sua língua como *Deitsch* são: a mulher da CaGI, a mulher da CbGI e o homem e a mulher da CbGII de Saudades; também o homem e a mulher da CbGII de Mondaí. Assim, temos nove informantes que falam *Deutsch* e seis informantes que falam *Deitsch*. O informante masculino da CaGI de Saudades não soube dar um nome em alemão (*Deitsch* ou *Deutsch*), apenas disse que entende e fala um pouco de alemão. Caberia aqui uma relação entre a nomenclatura das variedades e a dimensão diarreligiosa para identificar se existe alguma influência. Whermann (2016) realizou sua pesquisa a partir desta dimensão e mostrou que os luteranos apresentam maior manutenção da língua do que os católicos. A partir desta pesquisa, podemos pensar esta questão para um futuro trabalho.

O informante masculino da CbGI de Saudades disse conhecer um outro nome para a língua minoritária falada na região, que seria o *Hunsrückisch*, mas que não utiliza essa

nomenclatura. Todos os informantes de Saudades expuseram, quando questionados, que existem algumas diferenças no alemão falado ali e aquele falado em outras regiões próximas, como Mondaí ou Cunha Porã/SC, por exemplo. A informante da CbGII de Saudades explica que eles falam *Euer*, *fohre*, *wesche* e em Cunha Porã falam *Eier, fahre* e *wasche* para se referir a ovos, dirigir e lavar, respectivamente. Podemos identificar que as três primeiras variantes remetem à variedade *Deitsch*, enquanto que as três segundas remetem à variedade *Deutsch* e se aproximam mais do *Hochdeutsch*. A informante feminina da CaGI de Saudades identificou o alemão da pesquisadora como "um pouco diferente" em relação ao que eles falam. Observações semelhantes foram feitas pelo casal da CbGI de Mondaí, quando eles mencionaram que o alemão que eles falam, o Deitsch, é diferente na pronúncia de algumas palavras em relação ao alemão de comunidades vizinhas. O homem explicou que ele fala *Euer* e na outra comunidade falam *Eier*.

A pergunta da questão 2 se refere à qual língua aprenderam a falar primeiro. Apenas o informante masculino da CaGI de Saudades e o informante da CaGII de Mondaí aprenderam as duas línguas ao mesmo tempo, eles são o que Backer (2006) definiria como bilíngues simultâneos. Todos os outros informantes aprenderam primeiro o alemão e tiveram contato com o português depois de alguns anos. Assim, eles também se tornaram bilíngues, mas o que Backer (2006) denomina de bilíngue consecutivo, que aprende uma língua depois da outra.

Em Saudades, nas entrevistas com o casal CaGI, a mulher explica que a primeira língua que aprendeu em casa foi o *Deitsch*. O homem menciona que aprendeu melhor o português e seus pais falavam alemão apenas quando os filhos não deveriam entender, mas o convívio com a língua fez com que ele a aprendesse ainda pequeno. Pelo fato de eles darem importância a essa língua minoritária, o filho pequeno do casal, de quatro anos, entende tudo em alemão e consegue falar muitas palavras nessa língua, tendo em vista que falam com frequência essa variedade com os pais da informante feminina.

A mulher da CaGII de Saudades conta que a língua que primeiro aprendeu foi o *Deutsch* e que sofreu muitas punições na escola por não saber falar o português. Ela se reunia com uma amiga que sabia o português e ensinava a ela para que aprendesse mais rápido. Informantes que sofriam punições também fizeram relatos nos trabalhos de Horst (2011) e Altenhofen (2004).

Em Mondaí, o casal da CaGI conta que aprenderam primeiro o *Deutsch* e ele acrescenta que falava apenas esta língua até os dez anos de idade. Em relação ao casal da

CbGI de Mondaí, a mulher e o homem relataram que aprenderam a falar primeiro o *Deitsch* e que aprendeu o alemão depois dos sete anos, na escola.

Partindo da informação de que o alemão é a língua materna dos informantes, chama a atenção o fato de que, atualmente, onze informantes utilizam a língua portuguesa na maior parte do tempo, dois utilizam as duas de forma igual e apenas três informantes dizem utilizar a variedade da língua alemã com mais frequência do que o português. Uma das principais influências para isso é o trabalho que exercem, levando em consideração que a maior parte do tempo as pessoas passam no trabalho.

A informante da CbGI de Mondaí conta que trabalha de recepcionista na prefeitura do município e que um dos motivos pelo qual ela foi contratada foi ela saber falar bem o alemão, pois muitas pessoas de idade chegam até o estabelecimento e não sabem falar português. Assim também ocorre em outras lojas e comércio em geral, no município, tanto em Saudades como em Mondaí. Alguns informantes explicam que saber falar alemão é fator determinante para que sejam contratados, pois ainda existem muitos clientes que não sabem falar português e se fidelizam em lojas que têm atendentes falantes da língua minoritária.

Sobre a questão 3, *Qual língua você fala melhor?*, o casal da CaGII de Saudades diz que fala melhor o português, e a mulher explica: "*Veil mann lebt einfach jetz zwiche die leute die all portuguesisch schprechen tun und dan falerntman das ganz viel*"[1617]. De Saudades, apenas o casal da CbGII diz que falam melhor o alemão, e os outros seis informantes falam melhor o português. A mulher da CaGI desta localidade relata que seus primos que têm em torno de 30 anos, nos dias de hoje, querem aprender mais o alemão por entenderem a importância dessa língua e praticam-no mais agora do que quando eram pequenos. A mulher da CbGI de Saudades explica que fala melhor o português, mas que algumas palavras ela sabe falar apenas em alemão e conta que o contrário acontece muito também, ao utilizar a língua minoritária utilizam muitas palavras do português, porque desconhecem aquela nomenclatura em alemão. A mulher da CbGII de Mondaí diz que fala as duas línguas de forma igual, mas ela define o seu português como "errado". A mulher da CaGI de Saudades diz que o português "também" não é falado de forma correta em Saudades, remetendo à ideia de que o alemão também não é o correto, explicando que o português é carregado de sotaque que vem do *Deitsch*. A mulher da CbGI de Mondaí explica

[16] Tradução: Nós vivemos em um meio em que se fala, hoje, o português. Por isso, vai se perdendo muito.
[17] A transcrição em alemão foi feita pela autora, que é falante de uma língua minoritária alemã, sem se basear em um documento de transcrição de alemão.

que consegue falar melhor o alemão porque ele "funciona melhor" na sua fala.

Sobre a questão 4, *Qual língua você acha a mais bonita?*, o casal da CaGI de Saudades disse que acha mais bonito o alemão, porém o homem explicou que acha bonito o alemão sem mistura e quando colocam muitas palavras do português a língua alemã "perde o foco" e não tem mais a mesma beleza. Em relação ao casal da CaGI de Mondaí, a informante feminina disse que acha o alemão mais bonito, mas que tem mais facilidade para falar o português porque as pessoas falam mais em português no seu dia a dia, mas que a língua alemã tem uma relação muito forte com a cultura do casal e o homem acrescenta que se sente feliz em poder conversar em *Deutsch* e receber visitas da Alemanha.

Sobre a questão 5, *Qual língua costuma falar mais na família?*, a informante feminina da CaGII de Saudades explica que o casal fala muito mais alemão em casa. Mas, quando recebem a família do homem, conversam muito mais em português por conta dos casamentos interétnicos. Ela acrescenta que muitos membros da família que são mais novos estão buscando aprender a língua alemã atualmente. Para o homem da CaGII de Saudades, falar uma língua que todos entendam significa ter respeito com todos os presentes. Isso explica o fato de o informante masculino recorrer muitas vezes à língua portuguesa durante as entrevistas, pois a outra pesquisadora que acompanhava as entrevistas não compreendia a língua minoritária. A informante feminina da CaGI de Saudades conta que quando está com a família dela, seus pais, fala a maior parte do tempo em alemão e quando está com o marido e com outras pessoas fala mais o português. Com as suas colegas de trabalho ela também costuma falar mais o alemão, até porque as piadas em alemão funcionam melhor, ela explica. Na escola, esta mesma informante, como é professora, estimula o uso da língua alemão, cumprimentando e tentando iniciar um diálogo em alemão, mas ela relata que as novas turmas que estão entrando, em sua maioria, não compreendem a língua minoritária. E quando acontece de receberem crianças que só falam o alemão, as professoras conversam em alemão com a criança, mas a aula é dada em português, porque é a língua da maioria. O homem deste casal defende a importância de ter pessoas na escola que compreendam e falem a língua minoritária, porque se trata de uma região onde as crianças ainda aprendem o alemão em casa.

Em Mondaí, a informante feminina do casal da CaGI conta que com a família, em casa, eles conversam mais em português, mas quando recebem as visitas dos pais e avós a conversa é na maior parte do tempo em alemão. A informante feminina do casal da CbGI de Mondaí disse que entre o casal eles falam mais alemão e com o filho conversam mais em

português.

Sobre a questão 7, *Qual língua você gosta de falar mais?*, a informante feminina da CaGII de Saudades explica que gosta de falar mais o alemão, mas, quando tem pessoas envolvidas na conversa que não entendem alemão, ela recorre ao português. O homem relata que gosta de falar mais em alemão, defendendo que "a gente gosta de usar o alemão. É que é uma coisa que está lá no coração, na alma da gente, parece que você consegue externar melhor seus sentimentos". O casal da CaGI de Mondaí relata que gostam de falar mais em português porque eles têm mais facilidade. Mas o homem acrescentou que, quando eles passam algum tempo com pessoas da Alemanha e praticam o alemão de forma intensa, ele gosta de falar mais o alemão.

Na pergunta que se refere à questão 9, sobre o uso da língua minoritária em diferentes estabelecimentos no município de Mondaí, quando falamos do padre, o casal da CbGI, que é católico, explicou que o novo padre é de origem indiana e que o português que ele fala é o de Portugal e mistura inclusive algumas palavras do inglês em suas falas.

Quadro 5 – Perguntas metalinguísticas com respostas *Sim* ou *Não*

Questão	**Pergunta**
10	Você se considera bilíngue?
11	Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão?
12	Acha importante que os filhos aprendam alemão dos pais?
13	Quando você fala português, você mistura a variedade minoritária?
14	Quando você fala a variedade minoritária, você mistura o português?
15	Acha que deveria ter ensino de alemão na escola?

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Krug (2013).

Quadro 6 – Respostas às perguntas do quadro 5

	Responderam: Sim ● Não ○															
	Saudades/SC								Mondaí/SC							
	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		CaGI		CaGII		CbGI		CbGII	
Questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
10	○	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
11	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
12	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

13	●	●	●	●	○	●	●	●	●	●	○	○	○	○	●	●
14	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
15	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre a questão 10, *Você se considera bilíngue?*, a mulher da CaGII de Saudades disse que sim. O homem do casal explicou que utilizou por muito tempo o inglês, o que deixou subentendido que ele se considera falantes de mais de duas línguas. Com base no quadro 6, vemos que apenas um informante não se considera bilíngue, o homem da CaGI de Saudades, pois usa praticamente apenas o português e disse que entende mais do que fala na língua minoritária, porém a sua resposta foi dada em alemão. Tanto a mulher da CaGI de Saudades como a da CaGI de Mondaí, responderam que para o contexto da cidade delas, elas se consideram bilíngues e que as duas línguas funcionam muito bem.

Na questão 11, sobre ter ou não ter vergonha em falar o alemão, apenas o informante da CaGI de Saudades disse que não se sente à vontade em falar o alemão pois ele julga que não fala bem. A informante feminina da CaGI de Saudades conta que sentia vergonha quando era mais nova, mas que agora ela gosta de conversar em alemão e não sente vergonha. O casal da CaGI de Mondaí relata que ambos sentiam vergonha da língua quando eram adolescentes, mas que hoje se sentem feliz em ter aprendido a língua.

Podemos ver nas respostas da questão 12 que todos os informantes acreditam na importância de aprender e passar adiante as variedades da língua alemã que são faladas na região, por mais que seja uma tarefa difícil em meio ao predomínio da língua portuguesa. Entre as justificativas estão: para ter mais possibilidade de encontrar um emprego nesses municípios e região, para que possam viajar para a Alemanha e trabalhar no exterior, também que aprender qualquer variedade alemã facilita o aprendizado do inglês, que hoje é muito cobrado para ser qualificado em determinadas vagas de emprego. Do casal da CaGI de Saudades, a mulher fala que acha muito importante que os filhos aprendam alemão de casa, mas, pelo fato de exigir esforço e por conta do imediatismo, acabam recorrendo mais fácil ao português. Também coloca que no alemão ainda precisam pensar e explicar mais, o que não ocorre no português.

Em relação à pergunta 14, "Quando você fala a variedade minoritária, você mistura o português?", o casal da CaGII de Saudades respondeu que sim, sendo que o homem usou o termo "aportuguesar" para se referir a palavras do português que entram na fala da variedade alemã e a mulher explicou que

> [...] pegamos um verbo do português e alemoamo ele, que nem o verbo chegar não existe no alemão *und das chegt ganz oft fa uns* e misturar também vira *misturiren*, que no alemão seria *mischen*.

Isso demonstra que, muitas vezes, existe a consciência sobre a mistura de línguas e, nesse caso, a informante soube trazer exemplos para explicar como acontece esse fenômeno. O homem ainda acrescenta que "o alemão falado aqui é exclusivamente falado, ele não é escrito. É passado assim de geração para geração e a mistura vai evoluindo".

Assim como o informante masculino da CaGII de Saudades, o informante masculino da CaGI de Mondaí fez a mesma afirmação, explicando que o alemão que se fala ali é um alemão antigo, que ficou parado no tempo, pelo fato de não ter entrado mais nenhum grupo significativo de imigrantes. Assim, eles explicam que o alemão da Europa evoluiu e o nosso não e incorpora cada vez mais o português. Essas considerações demonstram que esses informantes, além de praticarem a variedade minoritária, se interessam pela história dessa língua e gostam de buscar conhecimento sobre os antepassados e as questões linguísticas. Porém, é importante destacar que, assim como o alemão da Alemanha, o alemão da região Oeste de Santa Catarina também evolui a partir do contato linguístico, principalmente com o português, tendo em vista os processos naturais de mudanças linguísticas que variam de acordo com o contexto onde ocorrem.

Ainda referente às questões 13 e 14, o casal da CaGI de Mondaí enfatizaram que sempre usam palavras em alemão durante a fala em português, como também, assim como outros informantes, explicaram que existem termos que eles não sabem o nome em alemão e, ao invés de buscarem como seria esse termo na língua minoritária, consideram mais fácil recorrer ao português e usar essas palavras nesta última língua. E muitas vezes essas palavras apenas sofrem alguma alteração na pronúncia para se integrar à fala do *Deutsch* ou *Deitsch*.

Quando questionados se existe muita diferença da língua alemã falada na região Oeste de Santa Catarina e na Alemanha, o casal da CaGI, como também o casal da CaGII de Saudades e da CbGI de Saudades, explicam que depende muito da região da Alemanha que os falantes vivem. Por exemplo, em determinada região daquele país a língua é mais fácil de ser entendida do que em outra região e justificam explicando que lá (Alemanha) existem muitos dialetos falados e que alguns deles mudam tanto que se tornam incompreensíveis. Eles inclusive fazem relação com a diferença linguística que existe nas diferentes regiões do Brasil, porém explicam que na Alemanha a diferença é muito maior do que apenas o sotaque.

A partir dessas descrições sobre perguntas metalinguísticas, é possível perceber que cada entrevista realizada se desenvolve de uma forma diferente. Há casos em que os informantes apenas respondem o que é solicitado e outras situações em que eles gostariam de contar toda a história de suas vidas e histórias sobre as quais pesquisaram e, nestes casos, aparecem muitas informações importantes que podem contribuir para esta e outras possíveis pesquisas.

Ao final da entrevista, os informantes foram convidados a ler um trecho de uma passagem bíblica transcrita em uma variedade mais parecida com o que os falantes denominam de *Deitsch* e que até então sempre foi chamada de *Hunsrückisch*. Aqueles falantes que denominavam sua fala como *Deutsch* estranharam algumas palavras e não conseguiam pronunciá-las muito bem. A informante da CbGII de Mondaí logo identificou a escrita: "Ah, mas isso aqui é aquele *Hunsrück* que falam". O casal da CaGII e o informante masculino da CbGI explicaram que eles têm o hábito de ler em *Hochdeutsch* e que não têm costume de ler algo na variedade que eles aprenderam em casa porque a escrita é muito diferente. A mulher da CaGII de Saudades utilizou seu próprio livro para ler no alemão padrão e a leitura se deu de forma mais clara e sem pausas.

Dos oito informantes de Mondaí, três aceitaram ler um trecho em alemão. E dos oito informantes de Saudades, cinco aceitaram ler, alguns com muita dificuldade, outros com menos.

Assim também ocorreu com a escrita, quando os informantes que aceitaram escrever algumas linhas em alemão escreveram da forma como falam ou se basearam no alemão padrão para escrever. Um exemplo é: *Ich voon in Mondaí schon 45 Jahrer, ich bin 65 Jahres und bin auch gesundt*[18] (CbGII-M, Mondaí). Durante as entrevistas o informante utilizava o termo *ich sin*, mas escreveu *ich bin*. O termo *ich bin* é utilizado para *eu sou/estou*, no *Hd*.

Em Mondaí, de oito informantes, seis aceitaram escrever. E em Saudades, de oito informantes, quatro aceitaram escrever. Aqueles que aceitaram escrever em alemão são os mesmos que costumam ler algumas coisas no alemão padrão. Dessa forma, podemos compreender que as variedades *Deitsch* e *Deutsch* são apenas faladas e foram passadas assim de geração para geração. Não se trata de uma língua que possui uma escrita e, por isso, também não é lida no dia a dia desses falantes.

Veremos, a partir de agora, qual é a ligação dessas respostas de cunho

[18] Tradução: Eu moro em Mondaí já fazem 45 anos, eu tenho 65 anos e também sou saudável.

metalinguístico com os resultados das questões que se referem ao uso dos termos de parentesco.

5.2 QUESTIONÁRIO LEXICAL: TERMOS DE PARENTESCO

A parte do questionário que será descrita e analisada nesta seção se refere aos termos de parentesco do tipo sanguíneo, ou seja, que se referem aos membros da família unidos apenas por laços de sangue, num total de vinte termos. Aqui também temos três tipos de respostas: a espontânea, por insistência e a sugerência (THUN, 1999). Vamos considerar para a nossa pesquisa apenas as respostas espontâneas, que são as primeiras respostas obtidas. O segundo tipo aparece quando a entrevistadora "insiste" que o informante pense em algum termo ou pergunta se conhece algum outro termo, mas sem dar exemplos. O terceiro tipo de resposta é a sugestão, quando a pesquisadora sugere algumas variantes para o entrevistado e ele pode aceitá-las ou não. Em nenhum momento, antes de fazer a pergunta sobre o termo que precisava saber, a entrevistadora menciona alguma variante, para não interferir no resultado. Um exemplo de pergunta, para que ele chegasse à variante que utiliza em alguma variedade alemã, é "Como você chama a mulher que lhe deu a vida?". Todas as respostas estão disponíveis no quadro do anexo III.

Em um primeiro momento, selecionamos os termos de parentesco que serão apresentados de acordo com a ordem de aplicação do questionário e de acordo com os mesmos grupos em que foram realizadas as entrevistas, em casais da CaGII, CaGI, CbGII e CbGI de Saudades e Mondaí. Isso permitirá acompanhar os diálogos que surgiram entre casais e que contribuem para as análises. Depois disso, vamos analisar cada dimensão separadamente, a partir de gráficos para compreender a relação de termos em alemão e em português.

A respeito das entrevistas em Saudades, é importante destacar que, como os informantes dessa localidade dominam as duas línguas, que são o português e pelo menos uma das variedades alemãs, optamos por não mencionar os termos em português que aparecem como sugestão no questionário. Nos detemos apenas aos termos em alemão.

Na questão 1, que se refere à mãe, todos os oito informantes deram como resposta espontânea o termo *Mama*. No casal da CaGI, o informante masculino explicou que utiliza o termo *Mutter* para se referir à vovó e que conhecia muitas pessoas ao seu redor que se referiam a sua avó com esse termo, a informante feminina confirma essa informação (quando chegarmos ao termo referente à vovó retomaremos esta informação). Este mesmo

casal comenta que percebem que existe muita mistura com o português, também nos termos de parentesco. Em Mondaí, com exceção do homem da CaGII, que utiliza o termo em português mãe, todos os outros sete informantes também deram como resposta espontânea o termo *Mama*.

No casal da CaGII, a resposta espontânea foi *Mutter*. Porém, ao longo do diálogo, os entrevistados disseram que no dia a dia utiliza mais o termo *Mama*, e foi o que pudemos perceber quando contavam sobre a história da família: o casal utilizava apenas *Mama*. O *Mutter* apareceu porque eles têm muito contato com o alemão padrão. A mulher do casal da CbGII comenta que "no alemão certo se fala *Mutter* e *Vatter*", remetendo à ideia de que o alemão que eles falam é errado ou não certo.

Na pergunta 2, que se refere ao pai, em Saudades, apenas a informante feminina teve sua resposta espontânea em português, pai, e por insistência falou *Papa*. Todos os outros sete informantes deram como resposta espontânea o termo *Papa*. Em Mondaí, dois homens, da CaGII e da CbGI, utilizam o termo em português, pai, e os outros seis também utilizam o termo *Paba*.

Na pergunta 3, que se refere ao casal, pais, existe uma divisão entre aqueles que falam *Eltre* (pais) e que falam *Papa und Mama* (Pai e Mãe). Em Saudades, apenas o casal da CaGI utiliza *Eltre*, os outros seis informantes têm como resposta espontânea *Papa und Mama*. Em Mondaí, três informantes utilizam o termo *Papa und Mama*, que são o casal da CbGII e a mulher da CaGII. Os outros cinco informantes utilizam *Eltre*. Percebemos que todos os que utilizam *Eltre* são, ou já foram, da religião católica, em Mondaí. Em Saudades, não é possível fazer essa relação. No trabalho realizado por Wehrmann (2017), alguns resultados também mostraram diferenças no uso de variantes em alemão de acordo com a religião católica e a luterana no termo que se refere ao filho, por exemplo, os católicos utilizaram apenas *Bubcher,* e os luteranos mencionaram *Jung*, *Sohn* e *Guricher*.

Na pergunta 4, para se referir à filha, todos os informantes utilizam o termo *Medche* (menininha), e um informante utiliza *Mede* (menina), mas que tem o mesmo significado, apenas não está no diminutivo. Aqueles informantes que tiveram contato com o *Hochdeutsch* conhecem o termo *Tochter* (filha), alguns deles até mencionaram este termo em suas respostas espontâneas. Mas, quando questionados se eles realmente o utilizam, disseram que não. É o caso do casal da CaGII, em que o homem menciona o termo em alemão e a mulher explica que eles conhecem bem esse termo, mas que no cotidiano utilizam mais *Medche*. E é o caso do homem da CbGI de Saudades, do casal da CaGI, do

homem da CaGII, do casal da CbGI e do homem da CbGII, em que todos estes conhecem os termos *Sohn* (filho) e *Tochter*, mas não os utilizam.

O mesmo ocorre com o termo que se refere ao filho, na pergunta 5. Dos mesmos informantes que utilizam *Medche* para filha, oito deles utilizam *Jung* (rapaz). *Guriche* (gurizinho) e *Bubche* (menininho) dividem as respostas dos outros oito informantes.

Assim, nos chama atenção que nenhum falante da língua minoritária utiliza algum termo em alemão que se refere especificamente à filha ou ao filho. Eles utilizam variantes que podem ser traduzidas como menina e menino, mas não ao grau de parentesco que possuem (filho e filha). Caberia pesquisar se estes termos que se referem a estes membros da família são utilizados dessa maneira também nos lugares de onde vieram os primeiros imigrantes, já que esse fenômeno ocorre em todos os informantes.

No termo que se refere a gêmeos, na pergunta 6, todos os informantes utilizam o termo em alemão *Zwilling*. O homem da CaGII de Mondaí, que realizou a entrevista de forma individual, não conseguia lembrar o termo. A entrevistadora deu um tempo para que pensasse, mas, ao final, fez a sugerência, e ele lembrou de como era aquele termo, que ele afirma utilizar. Este foi o exemplo de um momento em que, sozinho, o informante não conseguiu lembrar de nenhuma variante em alemão. Porém, é possível questionar até que ponto a entrevista em casal faz com que as respostas deles interfiram umas nas outras.

Nos termos que se referem a irmãos e irmãs, nas perguntas 7 e 8, aparecem os termos *Brider* e *Schwestre*, principalmente, entre as respostas, mas todas em alemão. Não aparece no questionário uma pergunta sobre como se chamam os irmãos que envolvem tanto homens como mulheres. Mas todos os informantes falaram utilizar o termo *Geschwister*. No português não temos essa diferenciação, sendo que utilizamos o termo irmãos quando envolve irmãos que são dos dois sexos. No alemão, *Brider* se refere a irmãos homens apenas, *Schwestre* se refere a irmãs mulheres apenas, e *Geschwister* é utilizado quando há os dois sexos. É possível observar as variantes no quadro do anexo III.

Para se referir ao avô e à avó, nas perguntas 9 e 10, tivemos muitas variantes como resposta. Porém, as que mais se destacaram foram *Der Wowwo* para vovô e *Die Wowwo* para vovó. Sendo que o termo permanece o mesmo. O que diferencia um do outro é o artigo masculino *der* e o feminino *die*. Em Saudades, seis informantes utilizam *der Wowwo* e cinco informantes utilizam *die Wowwo*. Em Mondaí, cinco informantes utilizam tanto *der Wowwo* como *die Wowwo*. Outras variantes que aparecem são *Großvatter* e *Großmutter*, que são utilizadas no *Hochdeutsch*. Mas o que nos chama a atenção são as variantes *Vatter* e *Motter*,

que no *Hd*. são utilizadas para se referir a pai e mãe, respectivamente, mas que são muito utilizadas para se referirem ao vovô e à vovó, como já havíamos mencionado anteriormente. O casal da CaGII de Saudades conta que, desde pequenos, eles utilizavam os termos *Papa* e *Mama* para pai e mãe, *Vatter* e *Motter* para vovô e vovó, e *Großvatter* e *Großmutter* para bisavô e bisavó. Assim também explica a mulher da CbGI e da CaGI de Saudades, que usavam estes termos desta forma. Outros informantes contam que não utilizavam, mas que este uso era muito conhecido onde cresceram e que, nos dias de hoje, pouco escutam estes termos em alemão. O homem da CaGII de Mondaí explica que ouvia muito e também utilizava os termos *Vatter* e *Motter* para vovô e vovó, mas que ele não utiliza mais. Situações semelhantes a esta são mencionadas no estudo realizado por Horst (2011) sobre termos de parentesco em situação de contato português-alemão. Essas mesmas informações foram encontradas em alguns informantes, em 2014, em que a pesquisadora realizou seu trabalho de conclusão de curso, coletando dados em Cerro Largo (RS) e usando dados já coletados de Itapiranga (SC) sobre o uso de *Motter* e *Vatter*.

Nas perguntas 12 e 13, em relação às variantes dos termos que se referem ao bisavô e bisavó, tivemos relatos de informantes explicando que, como não possuem mais esses parentes, quase não utilizam esses termos. Foi o que nos explicaram a informante feminina da CbGI de Saudades e da CaGII de Mondaí, assim, outros também deram essa explicação. O que chama atenção é que tivemos as variantes *Großmutter* e *Grosßvatter* mencionadas para se referir à bisavó e ao bisavô, respectivamente. Em Saudades, seis de oito informantes utilizam essas duas últimas variantes para se referir à bisavó e ao bisavô. Os outros dois informantes (casal da CaGII) tiveram *Urgroßmutter* e *Urgroßvatter* como resposta espontânea, mas explicaram que também utilizavam muito aqueles mesmos termos no dia a dia.

É sempre importante deixar claro que dificilmente conseguimos mensurar até que ponto os informantes dão as respostas que eles pensam que gostaríamos de ouvir e aquelas que de fato utilizam nos turnos de fala em alemão.

Já em Mondaí, as variantes para bisavó estão divididas em *Urgroßmutter*, *Großmutter* e *Die* Bisa. Da mesma forma acontece para bisavô, *Urgroßvatter*, *Großvatter* e *Der* Bisa. Podemos perceber que nas variantes *Die* Bisa e Der Bisa, o artigo é utilizado em alemão e o substantivo está em português. O que diferencia o feminino do masculino é o artigo utilizado antes do substantivo, que é a forma em alemão (*die* = a; *der* = o). A mulher da CaGI de Mondaí explica que ela não teve bisavós, por isso não utiliza tais termos, e seus

filhos utilizam *Vatter* e *Mutter* para se referirem aos avós da mulher, que seriam os bisavôs dos seus filhos. A mulher da CaGII de Mondaí explica que conhece os termos em alemão *Urgroßmutter*, *Urgroßvatter, Großmutter* e *Großmutter*, porém não os utiliza.

O termo que se refere ao bisneto e bisneta, na questão 14, também foi um termo que gerou dificuldade de dar uma resposta espontânea, pelo fato de pouco utilizarem esse termo quando falam em alemão. Dentre as respostas, o termo que mais aparece é bisneto e bisneta em Mondaí, com quatro respostas espontâneas e duas por insistência. Em Mondaí, nenhum informante citou um termo de parentesco em alemão para se referir a estes membros da família. O casal da CbGI disse que ouviram muito o termo *Enkelkind*, mas que não utilizam. Assim também outros termos em alemão são conhecidos, mas não são utilizados. Podemos relacionar o não uso dessas variantes ao fato de não haver esse membro na família, que foi o que os informantes relataram. Não vamos abordar aqui esses termos, mas eles podem ser visualizados no quadro anexo, que apresenta todas as respostas.

Já em Saudades, dos oito informantes, seis mencionaram termos em alemão e cada casal falou um termo diferente. Por exemplo, o casal da CaGII utiliza *Urenkelkind*, o casal da CaGI disse utilizar *Großenkelche*, o casal da CbGII utiliza *Urenkelche* e o casal da CbGI utiliza os termos em português, bisneto e bisneta. Porém, este último casal, depois de dar sua resposta espontânea, explicou que eles utilizam muito os termos *netoche* (netinho) e *netache* (netinha), que seria uma mistura do termo em português (neto/neta) e com o diminutivo em alemão.

É importante esclarecer que, nesta pesquisa, considera-se este tipo de termo, *netoche*, como um termo em alemão, pois esse termo é proveniente do contato linguístico do alemão com o português e acabou sendo incorporado à fala da língua minoritária. Esse é um exemplo de que línguas que mantém contato acabam gerando novos vocabulários.

Sobre os termos que se referem ao tio e à tia, nas questões 15 e 16, respectivamente, dos dezesseis informantes, apenas três deles, o homem da CbGI de Saudades, o homem da CaGI e a mulher da CbGI de Mondaí, utilizam os termos em português, tio e tia, os outros todos utilizam *Tante*, para tia, e *Onkel* ou *Unkel*, para o tio. Em Mondaí, três informantes utilizam *Unkel* e três informantes mencionaram *Onkel*, os outros dois falaram tio como resposta espontânea. Porém, outros que denominam sua língua como *Deutsch* utilizam o termo *Onkel*, como a mulher da CaGI de Mondaí. Em Saudades, os dois informantes que utilizam o termo *Unkel* são da Cb, o homem da CbGII e a mulher da CbGI, os outros seis falaram *Onkel* para se referir ao tio.

O que ainda chama a atenção são os quatro últimos termos, que se referem a sobrinho e sobrinha, primo e prima, nas questões 17, 18, 19 e 20. Em *Hd.*, cada um dos termos tem um nome diferente, que são, respectivamente, *Neffe, Nichte, Cousin* e *Cousine*. Todos os informantes, sem excessão, deram como resposta os próprios termos em português e muitos deles questionavam as entrevistadoras de como seriam esses termos em alemão. O casal da CaGII de Saudades disse conhecer os termos em alemão acima referidos, porém nunca os utilizaram. Os dois informantes também mencionam sobre ter muito português misturado no alemão local, principalmente nesses últimos quatro termos, que poucos sabem como seria em alemão. Outros informantes afirmam nunca terem ouvido esses termos. A mulher da CaGII de Saudades ainda explica que utiliza o termo *Prime*, quando se refere a vários primos juntos, como se fosse uma variante no plural.

Seria importante compreender porque esses termos são utilizados apenas em português e porque eles se perderam com tanta rapidez ou talvez nem chegaram a ser utilizados no Brasil. Horst (2011) e Horst e Krug (2012) abordam estudos de termos de parentesco e ilustram o uso das variantes em português. Uma das explicações está na ocorrência dos casamentos interétnicos, que fazem com que as famílias, desconhecendo ou não praticando as variantes alemãs referentes a tios, primos e sobrinhos, acabem utilizando apenas variantes em português.

Com isso, percebemos que o núcleo da família, ou os membros centrais, como pai, mãe, filho, filha, irmão e irmã, são termos utilizados de forma predominante em alemão. Já os termos que se afastam desse núcleo, como sobrinho, primo, também o bisavô e bisneto, têm uso predominante ou quase integral de termos em português. Provavelmente isso acontece pelo fato de o contato com esses membros da família ser um contato que não é diário.

Depois de analisar o uso dos termos, vamos observar, a seguir, os gráficos que apresentam a relacionalidade que foi realizada dentro de cada dimensão. Em cada gráfico, foram somados todos os termos registrados nas respostas espontâneas dos informantes e separados para que possamos observá-los focando apenas em uma dimensão. Por exemplo, no gráfico sobre a diatopia (duas localidades), estão somados os dados de homens, mulheres, geração nova e geração de mais idade, com mais escolaridade e menos escolaridade, e divididos apenas entre as duas localidades. Assim, é possível realizar a relacionalidade dos dados entre as dimensões.

O número de respostas espontâneas foi somado e convertido em porcentagem para

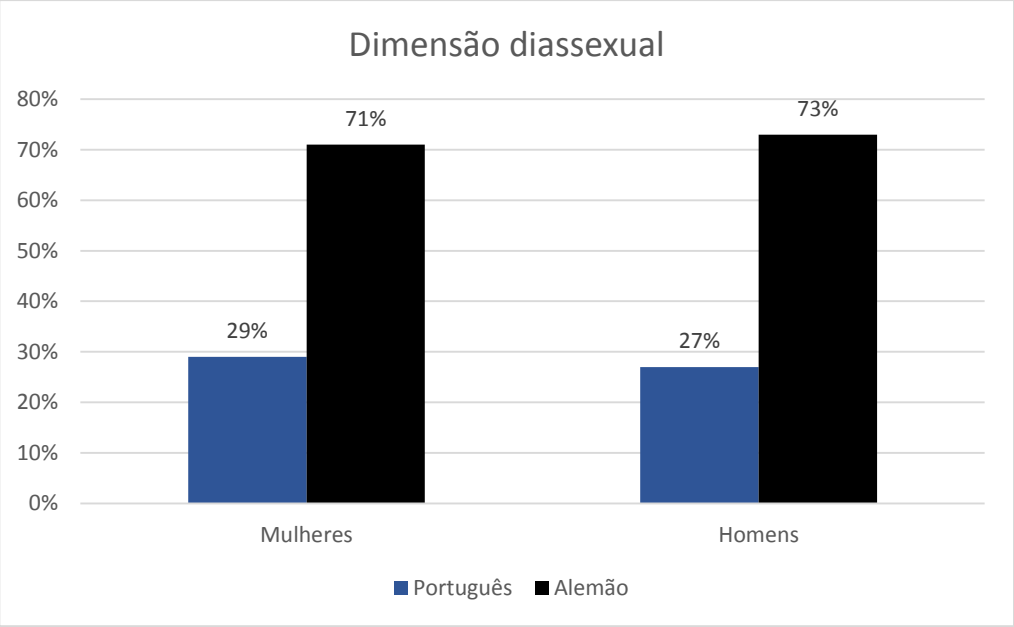
que a proporcionalidade ficasse mais clara. Abaixo de cada gráfico, na descrição, estão os números de termos envolvidos em cada dimensão. Vejamos os gráficos:

5.2.1 Dimensão diassexual

Nesta dimensão, de acordo com a Dialetologia Pluridimensional, é possível fazer uma comparação entre os dados referentes às respostas do homem e da mulher, para compreender se há alguma diferença no uso dos termos de parentesco. Os dados apresentados aqui englobam as respostas espontâneas de todos os informantes, das duas localidades.

A seguir, vemos o gráfico 1 que traz esses números em porcentagem:

Gráfico 1 – Dados referentes à dimensão diassexual



Fonte: Elaborado pela autora.

De maneira geral, é possível perceber a proximidade entre os números de variantes para os termos de parentesco utilizados por homens e mulheres, tanto em alemão (preto) como em português (azul). No grupo dos homens, do total de 171 termos mencionados como resposta espontânea, 124 variantes são em alemão e 47 são em português. No grupo das mulheres, do total de 167 termos, 118 são em alemão e 49 são em português. Em porcentagem, temos 73% de manutenção em alemão no grupo masculino e 71% no grupo das mulheres. Se olharmos para a quantidade, é pouca diferença, mas podemos analisar

quais são os termos diferentes entre homens e mulheres.

Alguns exemplos destas variantes são: os termos tio e tia, utilizados por duas mulheres, enquanto que homens mencionam *Unkel e Onkel*. Duas mulheres mencionam o termo *die* Bisa para bisavó e *der* Bisa para bisavô, enquanto que só um homem utiliza esses termos em português.

A hipótese era de que as mulheres apresentassem maior manutenção nos termos em alemão, pois de acordo com Altenhofen (2007), há alguns anos, eram as mulheres que cuidavam e ficavam mais no lar, sem ter o contato com o português ou outra língua, como tinham os homens. A diferença de apenas 2% não pode ser considerada relevante para afirmar ou refutar a nossa hipótese. Mesmo que a diferença se mostrou pequena em números, nesses dados são os homens que apresentam maior manutenção, o que pode ser explicado pela teoria de Labov (2008), que explica que as mulheres tendem a utilizar a fala de maior prestígio, que, neste caso, é o português.

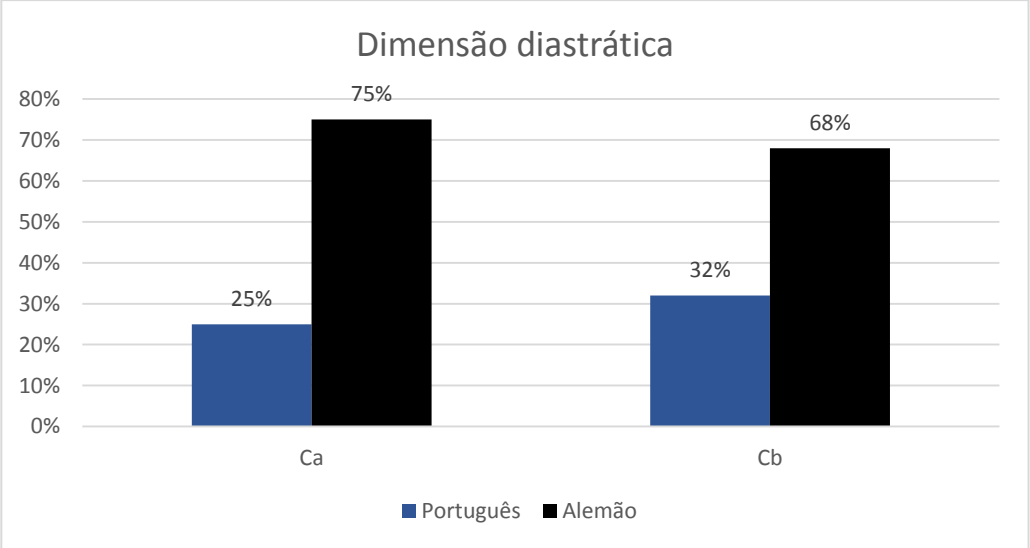
Ao contrastar com outros estudos, vemos que na pesquisa realizada por Wehrmann (2016), a diferença entre a manutenção e substituição de homens e mulheres também não apresentou grande disparidade. Porém, foram as mulheres que apresentaram 1% a mais de manutenção dos termos em alemão, ao contrário desta pesquisa, que teve 2% a mais de manutenção no grupo dos homens. Este resultado vai ao encontro do resultado obtido por Bernieri (2017), em sua pesquisa que contempla a variedade alemã em São Carlos (SC), que apresenta porcentagens muito próximas na manutenção e substituição dos termos, mas mostra que homens têm maior manutenção que mulheres, com uma diferença de 4%.

Wehrmann (2016) cita Paiva (2003) para explicar que os papéis sociais de homens e mulheres estão em constante alteração e isso varia de uma sociedade para outra. Por isso, se deve olhar para a questão linguística de forma individual para cada informante e não cabe mais, nos dias de hoje, fazer generalizações.

5.2.2 Dimensão diastrática

Nesta dimensão, de acordo com a Dialetologia Pluridimensional, é possível realizar uma comparação entre os dados dos informantes de classe baixa (Cb), com menos escolaridade, que vai até o Ensino Médio, e dos informantes de classe alta (Ca), com escolaridade maior, que tenham Ensino Superior completo. A partir desta dimensão, é possível compreender se o nível de escolaridade dos informantes interfere na manutenção ou substituição dos termos de parentesco. No gráfico 2, vemos os resultados encontrados:

Gráfico 2 – Resultados referentes à dimensão diastrática



Fonte: elaborado pela autora.

A partir desse gráfico, é possível visualizar que também não há grande diferença no uso dos termos entre os informantes de classe baixa e os informantes de classe alta, mas a diferença nessa dimensão é maior em relação à dimensão diassexual. No grupo da classe baixa, de um total de 173 termos, 118 são em alemão e 55 são em português. No grupo da classe alta, de 165 termos, 124 são em alemão e 41 são em português. Dessa forma, vemos que a maior diferença está nos números de termos em português utilizados, em que a classe baixa utiliza 14 termos a mais em português. Como explicado anteriormente, convertendo esses números em porcentagem, a proporcionalidade é a mesma nos dois segmentos. Tivemos muitas questões que apresentaram mais de uma resposta espontânea, ou seja, aquelas respostas dadas pelos informantes sem intervenção da pesquisadora, sem insistência e sem sugerência.

Em porcentagem, temos 68% de manutenção dos termos em alemão e 32% de substituição na classe baixa (Cb), com menor escolarização, e 75% de manutenção e 25% de substituição na classe alta (Ca), com maior nível de instrução.

Algumas diferenças nos usos dos termos são: a Cb apresenta maior uso dos termos mãe e pai, neto e neta, bisneto e bisneta, bisa e tio e tia, enquanto que a Ca mantém mais esses termos em alemão. É importante explicar aqui que muitos informantes pertencentes à classe alta (Ca) tiveram bastante contato com a língua alemã padrão por meio de intercâmbios ou por estudos nesta língua, por isso, apresentaram muitos termos na variedade do alemão padrão (Hd.). Dessa forma, fica a dúvida sobre até que ponto as respostas dadas

eram aquelas realmente utilizadas no seu dia a dia de fala em alemão ou se eram aquelas que pensavam ser as respostas esperadas pelas pesquisadoras. Porém, podemos perceber que, nos dados, aparecem tanto respostas na variedade padrão (*Hd.*) como na variedade da língua minoritária. Também se pode perceber que os informantes da Ca continuam utilizando a variedade minoritária no dia a dia, o que contradiz a nossa hipótese.

Para essa dimensão de análise, tínhamos como hipótese que a classe alta apresentasse maior substituição da variedade minoritária alemã por ter mais contato com a língua portuguesa por meio do ensino e produção científica, pois, de acordo com Labov (2008), falantes mais escolarizados tendem a aproximar a sua fala à variedade padrão e de mais prestígio. Porém, não foi o que encontramos.

No estudo realizado por Wehrmann (2016), o resultado também foi que a Ca apresenta maior manutenção em relação à Cb. Semelhante é o resultado apresentado por Bernieri (2017), que traz a porcentagem de 81% de manutenção do alemão na Ca e 64% de manutenção na Cb. Isso pode significar, assim como defende Thun (1998), que o nível de estudo tem levado a maior consciência linguística e possivelmente a dar mais importância ao uso de outras línguas que não seja o português. Em vários relatos, os informantes explicam sobre o quanto é importante aprender outras línguas, neste caso, a variedade alemã. Alguns também identificaram, por influência do alemão, apresentar mais facilidade no aprendizado do inglês, que eles afirmam ser uma língua importante e que está ampliando seu alcance, como foi o caso do homem da CaGI de Mondaí e o homem da CaGII de Saudades. Este último defendeu que quanto mais línguas se aprende, melhor, e que nos dias de hoje deveria existir ainda o ensino de latim. Além disso, os informantes mencionaram sobre a importância que dão para a realização de intercâmbios na Alemanha e que, mesmo que a língua por eles falada se trate de uma variedade dialetal alemã, é possível se comunicar em algumas regiões da Alemanha que utilizam variedades semelhantes.

Temos nas respostas metalinguísticas, tanto no casal da CaGI de Mondaí como no casal da CaGII de Saudades, a explicação de que eles têm o hábito de ler no *Hd.* e possuem contatos com alemães que vivem na Alemanha e na Suíça. Com isso, a partir de Mackey (1972), entendemos que o contato da língua em diferentes habilidades favorece a sua manutenção. Nestes casos, os falantes aproximam mais a sua fala à variedade padrão da língua alemã.

Nesse mesmo caminho de manutenção e substituição, Altenhofen (2011) afirma que geralmente a Cb são colonos ou descendentes de colonos e percebem a sua língua

minoritária como uma língua errada e sem prestígio, por isso tendem a ser mais suscetíveis à substituição. E foi o que alguns informantes argumentavam durante as entrevistas, que o alemão falado no sul do país é muita mistura com o português e que não é o alemão certo como aquele que é ensinado na escola ou que é falado na Alemanha. Para esse caso, vale a conscientização de que na Alemanha também existem variedades diferentes do alemão e que não existe um alemão certo.

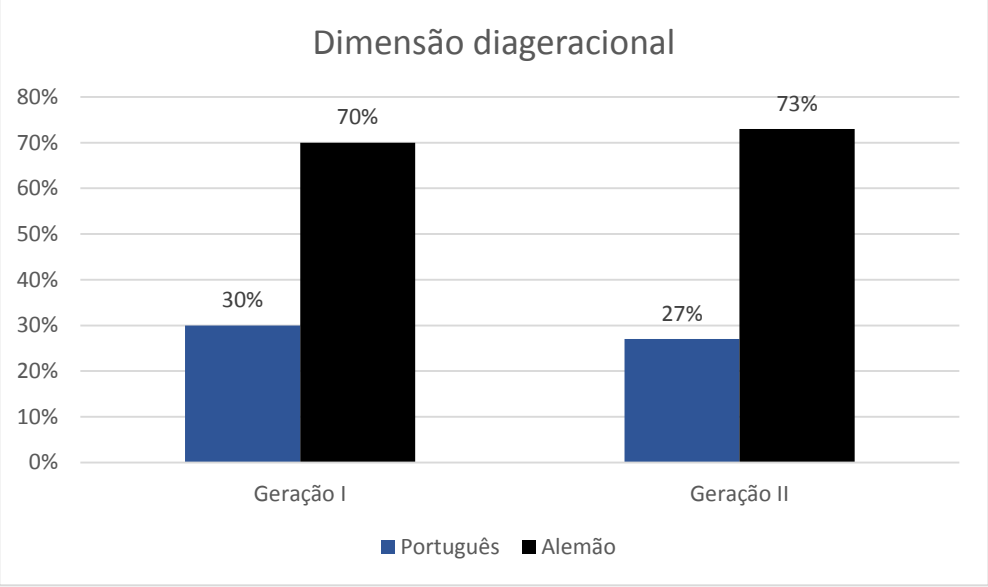
Assim como a língua possui um status de prestígio ou desprestígio, a profissão também possui. Colonos e pessoas que trabalham na agricultura não possuem prestígio social, como afirma Labov (2008) e Altenhofen (2011), e isso pode refletir na substituição linguística.

5.2.3 Dimensão diageracional

Nesta dimensão, pautados na Dialetologia Pluridimensional, veremos a relação estabelecida entre os termos de parentesco utilizados pelos informantes da geração mais nova (GI), que possuem entre 18 e 36 anos, e os informantes da geração de mais idade (GII), que possuem 55 anos ou mais. Aqui é possível analisar se existe muita diferença no uso de termos de parentesco de acordo com a idade e se isso interfere na manutenção ou substituição destes termos.

O gráfico 3 permite essa visualização:

Gráfico 3 – Resultados referentes à dimensão diageracional



Fonte: elaborado pela autora.

Neste gráfico, é possível perceber uma pequena diferença em relação ao número de uso em alemão, em que a GII utiliza mais termos nesta língua que a GI. Porém, vemos que usar a língua por mais tempo, como é o caso da geração II, não mostra uma diferença tão grande como se imaginava. No grupo da GII, de um total de 173 termos, 127 são em alemão e 46 são em português. No grupo da GI, de um total de 165 termos, 115 são em alemão e 50 são em português.

Em porcentagem, na GII, temos 73% de manutenção e 27% de substituição. Na GI, temos 70% de manutenção dos termos em alemão e 30% de substituição por termos do português. Nas duas gerações, encontramos informantes que mantêm bastante vivo o uso da variedade alemã, e a idade, neste caso, não é motivo de diferença na manutenção. Alguns termos em português que podemos mencionar aqui que têm maior uso na GI são: neto e neta, *der* bisa e *die* bisa, tio e tia, pai e mãe.

Nossa hipótese nessa dimensão era a de que, com o passar de gerações, a substituição das variantes em alemão por variantes em português seria maior e isso seria visível na comparação entre a GI e a GII, em que a GI apresentaria maior substituição em relação à GII. Neste caso também, a diferença de porcentagem de 3% não pode ser considerada relevante para confirmar nossa hipótese, mas também não a refuta. A GII mantém 3% a mais que a GI, porém não houve uma disparidade entre os números. Podemos considerar que o fato de serem informantes de cidades menores em região predominantemente rural, faz com que a geração não seja um fator relevante para substituição linguística observando a convivência familiar e da comunidade que utliza a língua minoritária no dia a dia. Pais, filhos e avós têm o costume de passar finais do dia e finais de semana juntos, o que auxilia na manutenção.

Nos resultados apresentados por Bernieri (2017), em São Carlos, também é a GII que apresenta maior manutenção, porém essa diferença aumenta um pouco. A GII possui 77% de manutenção, enquanto que a GI possui 67% de manutenção. E, nos resultados apresentados por Wehrmann (2016), também temos a GII com o maior número de manutenção, que é de 82%, e 53% de manutenção na GI.

Se compararmos os resultados desta pesquisa, percebemos que, aqui, os valores ficaram muito próximos em relação à porcentagem apresentada por outras pesquisas realizadas com estes mesmos critérios. A diferença de apenas 3% nos leva a refletir se nestas localidades o *Deitsch* e o *Deutsch* são mantidos pela maioria de seus falantes e passados para as gerações futuras ou se é este recorte de informantes, especificamente, que mantém

mais estas línguas, tanto na GII como na GI.

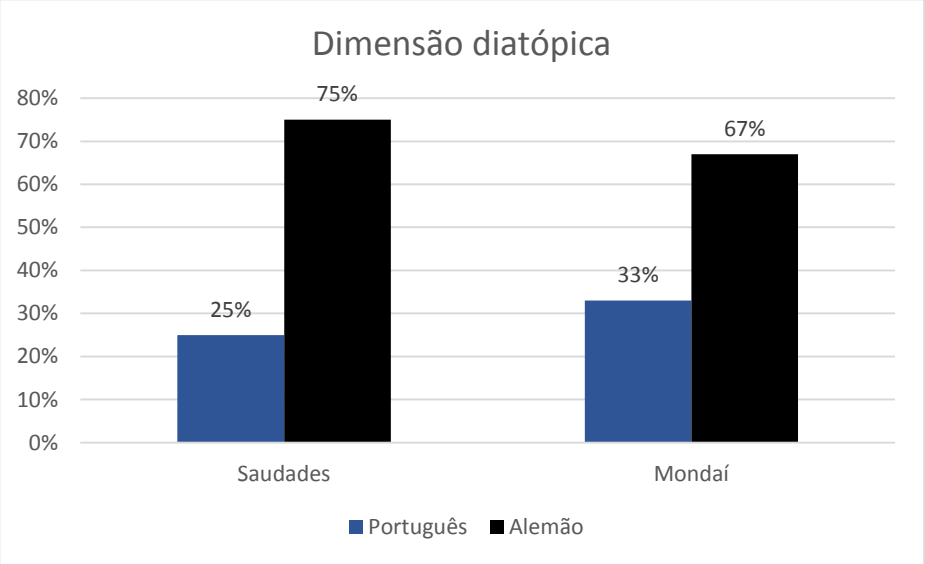
Desde pequenos, tanto a GII como a GI tiveram contatos para manter a comunicação na língua minoritária. De acordo com Fishmann (2006), poder utilizar essas línguas com frequência e em diferentes grupos favorece a manutenção.

5.2.4 Dimensão diatópica

Nesta dimensão, de acordo com a Dialetologia Pluridimensional, é possível fazer a relação do uso dos termos de parentesco nas duas localidades, sem considerar as diferenças no uso de *Deitsch* e *Deutsch*. Assim, podemos analisar se a questão geográfica tem relação com a manutenção ou substituição destes termos.

Veremos o gráfico 4 que mostra os resultados:

Gráfico 4 – Resultados referentes à dimensão diatópica



Fonte: elaborado pela autora.

A partir deste e dos gráficos que apresentam as outras dimensões, percebemos que se trata da dimensão que apresenta a maior diferença no uso dos termos de parentesco, de forma que Saudades utiliza um número maior de termos em alemão e um número menor de termos em português do que o município de Mondaí. No grupo de Mondaí, de um total de 160 termos, 108 são em alemão e 52 são em português. Já no grupo de Saudades, de um total de 178 termos, 134 são em alemão e 44 são em português. Em porcentagem, esses números ficam em 75% de manutenção e 25% de substituição em Saudades, e 67% de manutenção e 33% de substituição em Mondaí.

Ao relatarem sobre diferenças na fala da língua alemã na região, os informantes de Saudades explicavam que em cidades e comunidades próximas era possível observar uma diferença na pronúncia de algumas palavras. O homem e a mulher da CbGII trouxeram exemplos como: "Aqui nós falamos *Euer* e em Cunha Porã e Mondaí falam *Eier*. Aqui nós falamos *Wesche* e lá eles falam *Wasche*." Porém, nenhum relato apresentou diferenças no sentido de que em algum lugar utilizam mais palavras em português do que em outro.

Alguns termos em português que foram mencionados mais em Mondaí são: neto e neta, bisneto e bisneta, tio e tia. Já no caso das variantes *der* Bisa e *die* Bisa, elas são apenas utilizadas pelos informantes de Mondaí. Em Saudades, estas duas últimas variantes não aparecem nenhuma vez.

Esse resultado também contradiz nossa hipótese que era a de que Mondaí apresentasse maior manutenção da língua minoritária por ter recebido imigrantes diretamente da Alemanha, já que, pelo período histórico da colonização, não temos uma grande diferença de tempo. Mondaí foi colonizada em 1922 e Saudades na década de 1930. Mas podemos observar a região de origem das famílias dos informantes e ver se isso influencia ou não nos resultados obtidos.

Assim, as cidades de origem das famílias dos informantes de Saudades são as localidades de Santa Cruz, Rio Pardo, Estrela, Lajeado e Nova Petrópolis, todas do RS. Em Mondaí, temos informantes cujas famílias vieram das localidades de Venâncio Aires, Estrela e Santa Cruz, do RS, Itapiranga, em SC, e o pai da mulher da CbGII veio da Alemanha.

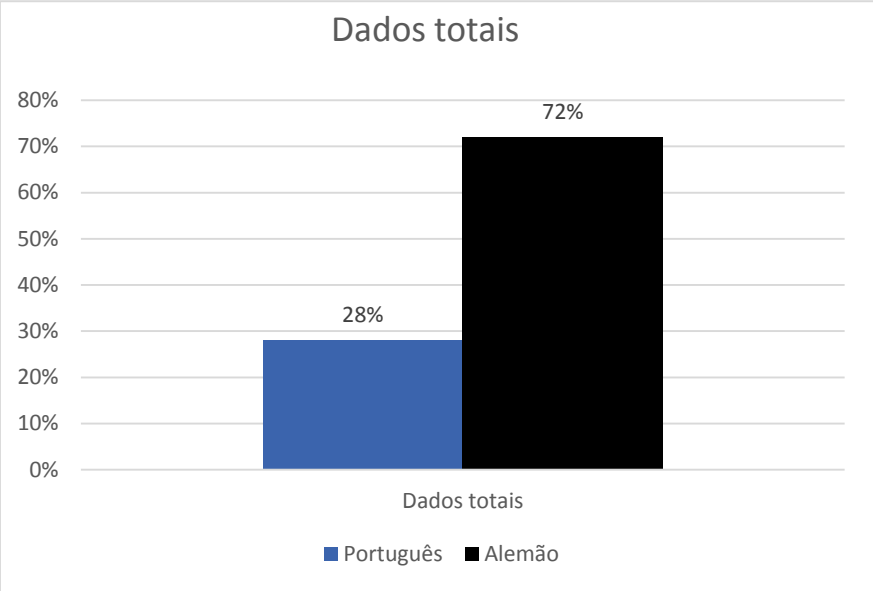
Nos resultados obtidos por Bernieri (2017), a manutenção do alemão em São Carlos (SC) foi muito maior do que a manutenção do *Talian* em Coronel Freitas (SC). Neste caso, foram verificadas duas variedades de origens distintas e é possível que haja outros motivos que expliquem a manutenção e substituição dos descendentes de *Talian*. Já no estudo realizado por Wepik (2017), em relação ao uso do polonês em Áurea (RS) e Nova Erechim (SC), houve um empate na porcentagem de manutenção dos termos nas duas localidades, que foi de 36%, número muito menor se comparado ao uso das variedades alemãs deste estudo.

Depois de analisar cada dimensão separadamente, apresentamos a organização dos dados de modo a chegar ao nosso objetivo geral, que é identificar o quanto temos de manutenção e substituição dos termos de parentesco de contato sanguíneo nas variedades alemãs *Deutsch* e *Deitsch*.

5.2.5 Análises gerais e dados em cruz

Por fim, somando todos os dados obtidos dos dezesseis informantes, estabelecemos a relação entre os termos em alemão e em português. Como vimos nos gráficos anteriores, os termos em alemão sempre prevalecem, mas no gráfico 5 esses números ficam ainda mais claros:

Gráfico 5 – Dados gerais em relação aos termos em português e alemão



Fonte: elaborado pela autora.

Em um total de 338 respostas espontâneas aos termos de parentesco de contato sanguíneo dos dezesseis informantes, 242 são em alemão e 96 são em português. Em percentual, temos 72% de manutenção dos termos nas variedades alemãs e 28% de substituição.

Os termos que aparecem em português em todos os casos são Sobrinho e Sobrinha, Primo e Prima. Também foram mencionados outros termos em português como Tio, Tia, Bisa, Neto e Bisneto.

Em relação ao nosso objetivo geral, tínhamos o de analisar o quanto a língua portuguesa influencia no uso de variantes para os termos de parentesco sanguíneo nas variedades *Deitsch* e *Deutsch*. A hipótese era a de que, por mais que essas línguas minoritárias incorporassem léxicos do português, a manutenção de variantes em alemão seria muito maior do que a substituição por variantes em português. Essa hipótese foi confirmada, a partir dos dados apresentados no gráfico 5 desta subseção, com o percentual

dos dados totais. Por mais que a substituição aconteça, a língua alemã ainda prevalece.

Podemos encontrar algumas explicações para a manutenção das variedades alemãs a partir das respostas do questionário metalinguístico. Um fator determinante está no fato de quatorze informantes terem tido apenas o alemão como língua materna e terem aprendido o português depois dos seis anos de idade ou mais. Os outros dois informantes tiveram o alemão e o português como línguas maternas, sendo que o português teve mais intensidade para um deles. Retomando o que explica Heredia (1989), a língua materna da criança é aquela compreendida entre os primeiros cinco anos de vida, que é a fase em que a criança desenvolve a habilidade da fala. A informante da CaGII de Saudades relatou que a língua portuguesa, para ela, foi como se fosse o que hoje ela conhece como *Fremdschprache* (língua estrangeira). Ela utiliza esse termo por ter sido professora de língua alemã e, para quem não tinha o alemão como língua materna, ele tratado como *Fremdschprache*. A partir deste momento de intenso contato com a língua portuguesa, que, para a maioria, ocorrreu na escola, foi quando, de acordo com Horst e Krug (2012, p. 5), os imigrantes se sentiram "confrontados com o dilema da manutenção e afirmação dos hábitos linguísticos de suas variedades e a adoção de hábitos da variedade nova, neste caso o Português". A partir disso, retomamos o relato da informante feminina da CbGII de Saudades sobre o período em que pedia ajuda de uma amiga que falava bem o português para que a ensinasse, e também o relato do informante da CaGI sobre ter aprendido o português depois dos dez anos de idade. Vemos que a instituição da escola foi um marco histórico para essas pessoas e o uso da língua portuguesa. Era na escola que o uso do português era intenso, já que no âmbito familiar, quando menores, utilizavam apenas o alemão.

Hoje, o cenário linguístico desses informantes é outro. A partir de suas respostas metalinguísticas, temos que apenas o casal da CbGII de Saudades afirma falar melhor o alemão, os outros quatorze informantes acreditam falar melhor o português. Isso nos remete ao que diz Ravindranath (2009), chamando esse fenômeno de *Language schift* e o definindo como o processo pelo qual uma comunidade de fala em uma situação de contato (que consiste de falantes bilíngues) gradualmente para de usar uma de suas línguas em favor da outra.

Também Ferguson (1974), ao tratar sobre diglossia, explica que existem algumas tendências que podem levar à unificação linguística. Dentre elas estão

> (1) alfabetização mais generalizada (por motivos econômicos, ideológicos ou outros), (2) maior comunicação entre diferentes segmentos regionais e sociais da comunidade (por razões econômicas, administrativas, militares ou ideológicas), (3)

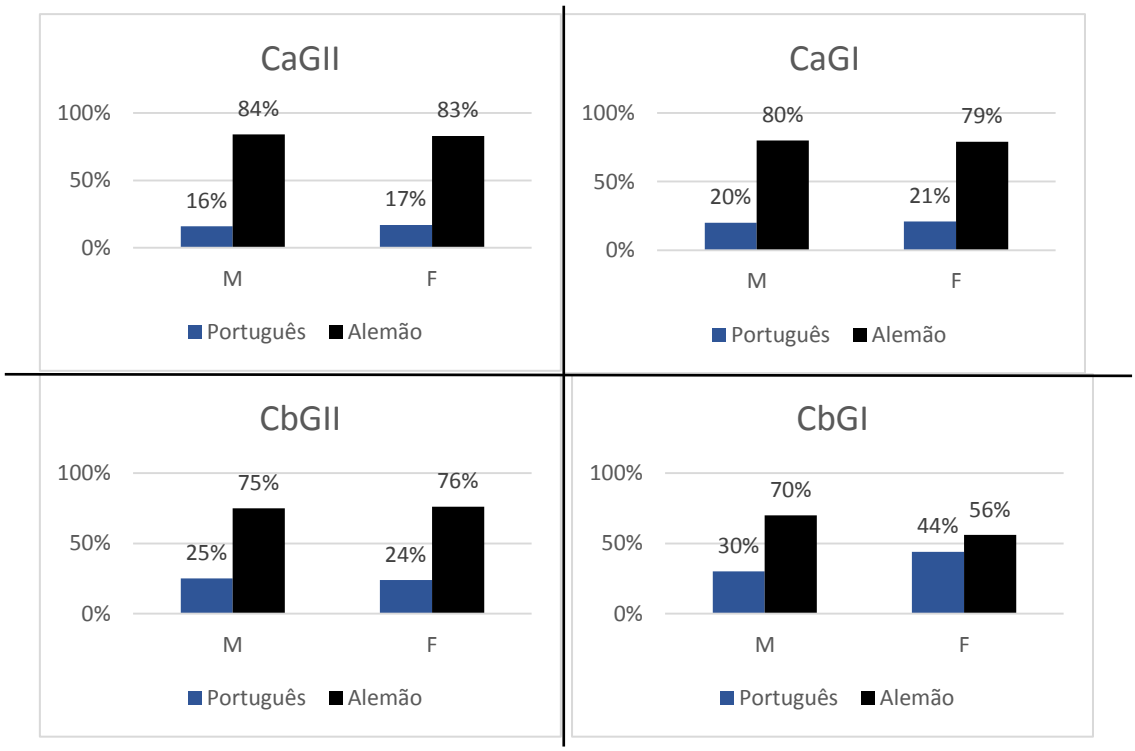
> anseio por uma língua "nacional" padrão plenamente desenvolvida, como atributo de autonomia ou soberania. (FERGUSON, 1974, p. 113).

Podemos confirmar que foi o que aconteceu na nossa região de estudo. O ensino na escola, que inicialmente era em alemão, passou a ser apenas em português, e o governo tentou fazer da língua portuguesa a língua única no país. Além disso, temos o *status* da língua portuguesa que as línguas minoritárias não possuem.

A partir do uso da língua portuguesa no seu dia a dia, os falantes de *Deitsch* e *Deutsch* passaram a ser bilíngues, considerando que, para ser bilíngue, o indivíduo não necessita ter as quatros habilidades em duas línguas. Defendendo a teoria de Grosjean (1994), bilíngues são aqueles que utilizam mais de uma língua no dia a dia. Com isso, era natural que ocorressem os fenômenos que Romaine (1995) chama de *code-switching* e *code-mixing,* ou seja, troca de códigos e mistura de códigos. Um exemplo mais superficial de *code-mixing* vemos no uso do termo sobrinho, que permanece em português, mas que é utilizado durante o período de fala em alguma das variedades alemãs. E exemplos de *code-switching* tivemos em vários momentos durante a entrevista. Um deles foi o informante da CaGII de Saudades, que falava o tempo todo em Deutsch, nas respostas sobre o questionário metalinguístico, mas proferia algumas explicações em português. Assim, ele apresentava turnos de fala em alemão e turnos de fala em português.

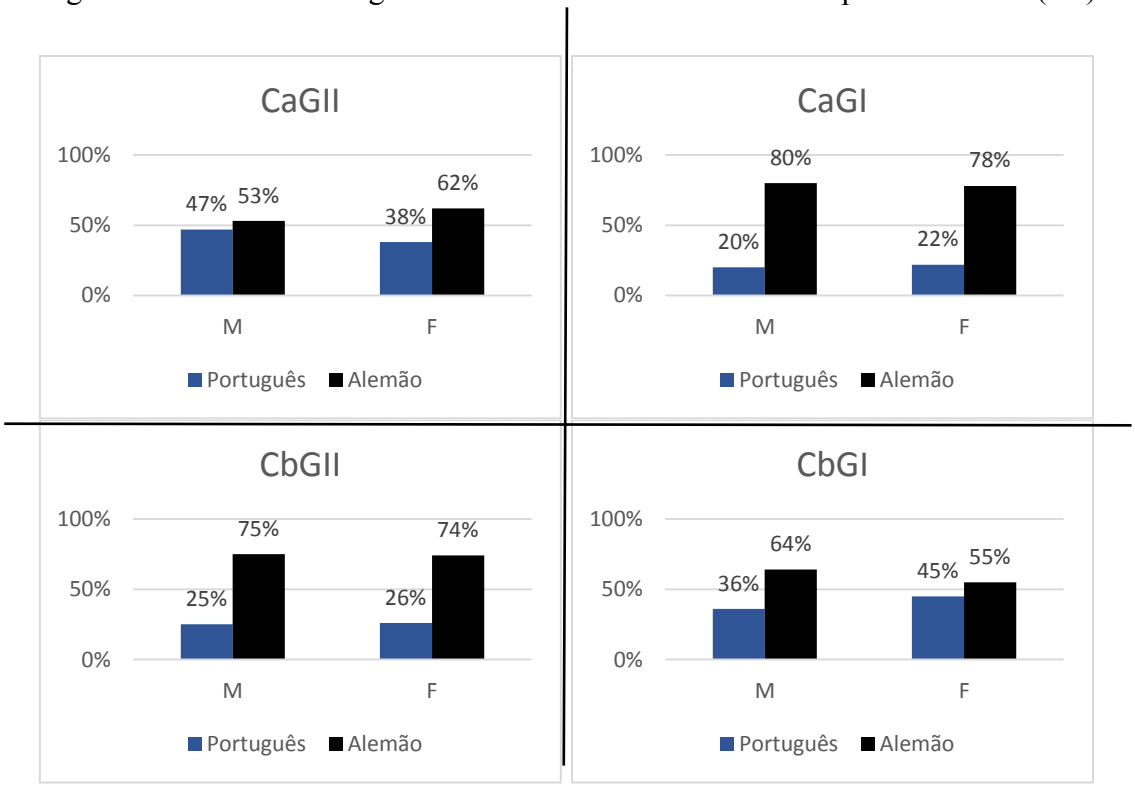
Depois de retomadas algumas teorias importantes para nossas análises, veremos a disposição dos resultados a partir do modelo em cruz, que foi explicado no capítulo da Dialetologia Pluridimensional.

Figura 7 – Dados com os gráficos em cruz no município de Saudades (SC)



Fonte: elaborado pela autora com base na cruz de Thun (1996).

Figura 8 – Dados com os gráficos em forma de cruz no município de Mondaí (SC)



Fonte: elaborado pela autora com base na cruz de Thun (1996).

A partir dos dados dispostos na cruz, é possível identificar o percentual de manutenção e substituição de cada informante, tendo em vista que a entrevista foi realizada com quatro homens e quatro mulheres em cada localidade. Assim, podemos verificar que há uma grande diferença de manutenção entre o informante masculino da CaGII de Saudades e o de Mondaí, por exemplo, sendo que o primeiro apresenta 84% de manutenção enquanto que o segundo tem 53% de manutenção. É a maior diferença encontrada entre os informantes. Se olharmos para o contexto de cada um deles, temos, no primeiro caso, um informante que ainda utiliza muito a variedade alemã *deitsch* e teve intenso contato com a língua alemã padrão por ter trabalhado muito tempo em uma companhia aérea da Alemanha. Já no caso do segundo informante, que possui formação em curso de Mestrado, o seu trabalho como professor acabou afastando-o da língua alemã que aprendeu em casa e hoje se comunica principalmente em português.

As mulheres da CaGII também apresentam grande diferença, 83% de manutenção em Saudades e 62% em Mondaí, e os motivos são quase os mesmos que explicamos no caso dos homens. A mulher de Saudades passou um tempo na Alemanha e foi professora de língua alemã em uma escola de Saudades. Ela também continua utilizando muito a variedade minoritária no seu dia a dia. A mulher de Mondaí acabou se distanciando um pouco da sua língua materna, o *Deutsch*, por ter sido professora e utilizar apenas o português para lecionar, mas ela ainda utiliza a língua na sua loja, onde trabalha atualmente, para atender clientes que entendem melhor ou apenas entendem o alemão.

Já no eixo da CaGI, temos a menor diferença entre os informantes, sendo que a mulher de Saudades possui 79% e a de Mondaí 78% de manutenção. Os homens têm o mesmo percentual de 80% de manutenção de variantes em alemão. Porém, o percentual dos homens não condiz com o uso da variedade alemã no dia a dia. O homem de Saudades, durante toda a entrevista, utilizou praticamente apenas o português, conseguindo apenas falar algumas frases em *Deitsch*, mas nos termos, soube dar muitas respostas em alemão. Já o homem de Mondaí utiliza muito o alemão em seu trabalho, principalmente o *Hochdeutsch*, pelo fato de sua empresa ter contato com fabricantes da Alemanha e, também, porque sua família tem o hábito de dar hospedagem quando esses fabricantes vêm para a cidade de Mondaí a trabalho, o que intensifica o uso da língua alemã.

Nos informantes da CbGII, o percentual de manutenção é praticamente o mesmo em Saudades e em Mondaí, apenas as mulheres mostraram uma diferença de 2%. E no eixo da CbGI, o percentual de manutenção do informante masculino de Saudades cai para 70% e o

de Mondaí chega a 64%, o que nos leva a um número maior de substituição por termos em português. As mulheres também estão no grupo de menor percentual de manutenção dos termos, mas apresentam apenas 1% de diferença entre uma e outra. A mulher de Saudades mostrou ter 56% e a de Mondaí 55% de manutenção. Porém, o percentual destas últimas mulheres não vai ao encontro da realidade do uso da língua minoritária, porque a mulher de Mondaí fala muito bem o *Deitsch* e utiliza muito a sua variedade no trabalho. Isso inclusive foi o motivo de contratação para o seu cargo atual na prefeitura de Mondaí. Ou seja, existe uma grande manutenção do uso do *Deitsch*, que não temos aqui em percentual, mas essa manutenção não está refletida no uso dos termos de parentesco em alemão. Já a mulher de Saudades usa menos a variedade alemã *Deitsch* devido ao seu trabalho.

Todos esses contextos devem ser considerados no momento de realizar uma análise e não olhar apenas para o dado isolado. Assim, conseguimos compreender melhor o uso das variedades *Deitsch* e *Deutsch*.

A partir de todas as descrições e análises realizadas, faremos um apanhado geral desta pesquisa e retomaremos os principais aspectos nas considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, faremos algumas considerações finais referentes à pesquisa, em que retomamos alguns pontos centrais. Depois de realizar as leituras, produção do embasamento teórico, coleta de dados, organização, descrição e análise, é chegada a hora de refletir sobre os resultados obtidos e relacioná-los aos objetivos inicialmente propostos. Assim, iremos, em um primeiro momento, retomar os objetivos e avaliar se as hipóteses levantadas se confirmaram ou não.

Nosso primeiro objetivo específico era o de avaliar se existe alguma variação entre a manutenção da fala alemã de homens e mulheres (**dimensão diassexual**). Na hipótese, tínhamos que é possível que mulheres mantivéssem mais a língua minoritária, compreendendo que, em épocas anteriores, de acordo com Jungblut (2011) e Altenhofen (2006), eram elas que mais ficavam no lar, cuidando das tarefas domésticas e os homens saíam mais a campo e à cidade. Porém, se olhássemos para o que afirma Labov (2008), teríamos que mulheres tendem a ser mais inovadoras e que são mais sensíveis aos padrões de prestígio. Apesar disso, optamos pela primeira hipótese por, talvez, ainda ser, em alguns casos, uma realidade vivida nas famílias da nossa região. Os resultados não foram relevantes

para confirmar ou refutar nossa hipótese, porém os homens apresentaram 2% a mais de manutenção de variantes em alemão. Dessa forma, poderia ser confirmada a teoria apresentada por Labov (2008). Trudgill (2004) também defende que as mulheres são as que começam a substituição linguística em sua comunidade e tendem a usar variantes com *status* mais alto. O mesmo resultado foi encontrado em Bernieri (2017), em que os homens apresentaram 4% a mais de manutenção de variantes em alemão do que as mulheres em São Carlos (SC).

Nesta dimensão, é importante refletir até que ponto existe ou não influência nas respostas dos homens e mulheres, tendo em vista que as entrevistas são realizadas com casais. Porém, em Mondaí, as entrevistas da GII foram realizadas individualmente, tanto na Ca como na Cb, e os resultados apresentam a mesma proximidade de porcentagens. Com isso, é possível que a dimensão diassexual não seja tão relevante em estudos que foquem na manutenção e substituição linguística, pois, assim como nesta pesquisa, os estudos há pouco citados também não apresentaram disparidade nos resultados desta dimensão.

O segundo objetivo específico era apontar qual é a variação na manutenção da língua de acordo com a escolaridade (**dimensão diastrática**: mais estudo e menos estudo). A nossa hipótese era de que a classe que possui um nível de escolaridade menor (Cb) apresentasse maior manutenção da fala por ter tido menos influência da língua portuguesa do que a classe com maior nível de instrução no meio acadêmico (Ca). De acordo com Labov (2008), falantes mais escolarizados tendem a aproximar mais a sua fala à variedade padrão. Porém não foi o que encontramos, sendo que a Ca apresentou 7% a mais de manutenção do que a Cb. O mesmo resultado foi encontrado nas pesquisas realizadas por Wolschick (2016), Wehrmann (2016) e Bernieri (2017), mostrando maior manutenção da língua alemã na Ca. Isso nos leva a acreditar que um nível de instrução acadêmica maior leva os falantes a perceberem a importância de aprender e utilizar outras línguas que não sejam o português. Nas pesquisas realizadas por Wepik (2017), com o polonês, e por Bortolotto (2015), com uma variedade do italiano, o resultado foi o contrário, sendo que a Cb apresentou maior manutenção. Este resultado vai ao encontro da teoria de Labov (2008).

Em relação ao terceiro objetivo específico, tínhamos o de analisar qual é a geração, de acordo com as duas faixas etárias, que apresenta maior manutenção da fala (**dimensão diageracional**). Nossa hipótese era de que a geração mais nova pudesse apresentar maior uso da língua portuguesa na fala alemã, pensando que, a cada geração que passar, menor será o contato com a língua minoritária e, por outro lado, maior será o contato com uma

variedade da língua portuguesa. A diferença de 3% entre GI e GII não é considerada relevante para confirmar nossa hipótese, mas também não a refuta, pois são dados que devem ser analisados. Assim, a GII, geração com idade acima de 55 anos, apresenta 3% a mais de manutenção no uso dos termos de parentesco. Esse resultado também é fundamentado pelos dados apresentados nas pesquisas de Horst (2014), Horst (2011), Luersen (2009), Wolschick (2016), Wepik (2017) e Bernieri (2017). Krug (2004) destaca que as línguas minoritárias vão passando por estágios descrescentes das gerações mais velhas para as mais novas e, se elas não forem mais utilizadas no cotidiano, podem ser perdidas completamente. As gerações mais novas tendem a não ensinar mais a sua língua minoritária para seus descendentes, pois dificilmente encontrarão alguém com quem se comunicar futuramente, de acordo com o relato de uma informante.

Em comparação com os resultados da dimensão diageracional de outros estudos, vemos que, nesta pesquisa, a diferença na porcentagem foi bem menor. Não podemos ter certeza se são as localidades, de forma geral, que mantêm estas variedades vivas ou se são estes informantes de forma específica que utilizam muito o alemão no dia a dia. Um fato que pode explicar isso é que, dos dezesseis informantes, apenas dois aprenderam uma variedade alemã junto com o português. Os outros quatorze aprenderam o português no período em que começaram a frequentar a escola, com seis, sete anos e até mais.

O quarto objetivo era verificar se alguma das duas localidades em estudo apresentaria diferença na manutenção dos termos em alemão (**dimensão diatópica**). A hipótese foi a de que a localidade de Mondaí pudesse apresentar maior manutenção na fala alemã do que a localidade de Saudades, observando que, pela história apresentada por Jungblut (2011) e pela página do município, Mondaí recebeu imigrantes diretamente da Alemanha, enquanto que, no município de Saudades, os imigrantes são provenientes do Rio Grande do Sul, ou seja, são descedentes em torno da quarta geração e já pode ter havido alguma perda linguística ao longo das gerações. Se partíssemos do período de colonização, seria possível que não tivéssemos diferenças significativas pelo fato de os municípios terem sido colonizados em épocas próximas, sendo a região de Mondaí colonizada em 1922 e a região de Saudades na década de 30. Nossa hipótese não foi confirmada, e esta dimensão foi a que apresentou maior diferença na comparação da porcentagem dos dados, que foi de 8%. Assim, temos o município de Saudades com maior manutenção de variantes em alemão.

Em relação ao objetivo geral, traçamos o de verificar o quanto o português influencia na manutenção e substituição de variantes dos termos de parentesco nas variedades alemãs

em estudo. A hipótese apresentada foi a de que, por mais que pudesse haver uma grande influência da língua portuguesa na língua minoritária alemã, os termos de parentesco são mantidos em sua maioria em alemão, o que foi confirmado com os resultados apresentados, sendo que existe uma manutenção de 72% de variantes em alemão e 28% de substituição por variantes do português. Os mesmos resultados também foram encontrados nas pesquisas realizadas por Luersen (2009), Horst (2014), Wehrmann (2016) e Bernieri (2017).

É importante destacar que os estudos que foram relacionados em cada dimensão analisada, de Bernieri (2017) e Wehrmann (2016), contemplaram, além dos termos de parentesco sanguíneo, também os de parentesco espiritual e de aliança, que são aqueles que se referem aos membros da família unidos pelo batismo e casamento, respectivamente. É possível que a maior diferença de manutenção e substituição ocorra neste último recorte de termos, já que referente aos familiares de grupo sanguíneo não houve nenhuma disparidade de porcentagem dentro de cada dimensão.

Além dessas dimensões, também fizemos uma breve abordagem sobre a dimensão diafásica, que envolve diferentes estilos de entrevista. Realizamos a conversa livre semidirigida, a aplicação do questionário metalinguístico e lexical, também pedimos para que eles se sentissem à vontade em realizar uma leitura curta e escrever algumas linhas.

Em relação à leitura, dos oito informantes de Mondaí, três aceitaram ler um trecho em alemão. E dos oito informantes de Saudades, cinco aceitaram ler, alguns com muita dificuldade, outros com menos.

Na escrita, os informantes que aceitaram escrever algumas linhas em alemão escreveram da forma como falam ou se basearam no alemão padrão (*Hd*.) para escrever, aquele ensinado nas escolas. Em Mondaí, de oito informantes, seis aceitaram escrever. E em Saudades, de oito informantes, quatro aceitaram escrever. Aqueles que aceitaram escrever em alemão são os mesmos que costumam ler algumas coisas no *Hd*.

Dessa forma, vemos que as variedades *Deitsch* e *Deutsch* se restringem à fala e assim elas foram passadas de geração para geração. Ou seja, das quatro habilidades que podem estar envolvidas em uma língua (leitura, escrita, fala e audição), temos, neste caso, a compreensão auditiva e a fala. A escrita e a leitura, quando ocorrem, deixam de ser nas variedades minoritárias e passam a ser na variedade *Hochdeutsch* (*Hd*.).

A partir das entrevistas realizadas e dos resultados obtidos, foi possível perceber que os informantes se sentiram felizes em participar da entrevista e sentiram a importância de serem falantes da uma língua minoritária. Todos eles sabem o valor e a riqueza que estão por

trás dessas línguas e lamentam não conseguirem mais passá-las adiante, pela dificuldade de manter uma comunicação nessas variedades com as gerações mais novas. Os próprios filhos lamentam por não terem aprendido aquela que foi a língua materna dos seus pais. Pensando nisso, se houvesse políticas linguísticas que incentivassem o uso e ensino dessas variedades, seria possível que elas continuassem vivas e faladas por muitas gerações.

Esperamos que esta pesquisa possa auxiliar a quem se interessa por estudos linguísticos e a quem tenta dar visibilidade às línguas minoritárias que estão, cada vez mais, sendo deixadas de lado. Este trabalho se deteve ao estudo das variedades alemãs *Deitsch* e *Deutsch* em contato com o português e poderá servir de suporte e embasamento para futuras pesquisas. Ainda há muito a ser pesquisado e explorado em relação à cultura e às línguas minoritárias/minorizadas.

Para finalizar, se ainda há alguma dúvida sobre a importância de estudos como este, deixamos aqui registradas algumas linhas escritas por uma das informantes que fez parte desta pesquisa:

Gut moit, ich sin fon Mondaí, sin froo wal tu gekom bis su mir. Bin froo geb wal ich kont taich schbrech. Winche dich en chene tach un en kudes leben. Ain kuss.[19] (CbGI-F)

[19] Bom dia, eu sou de Mondaí e estou feliz porque você veio até mim. Fiquei feliz porque eu pude falar em *Deitsch*. Desejo a você um bom dia e uma boa vida. Um beijo.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V. **Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil.** Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana, Frankfurt a.M., v. 3, p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português.** *In:* I Fórum Internacional da Diversidade Linguística – 17 a 20 de julho, 2007. Porto Alegre: UFRGS. 2007.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MELLO, H.; RASO, T. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. *In:*MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. *In:* MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V.; OLIVEIRA, Gilvan M. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. **Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual**. Revista de Letras, Sinop, n. 12, v. 6, 2013b.

AQUINO, Carla de. **Uma discussão acerca do bilinguismo e do preconceito linguítico em populações bilíngues no sul do Brasil**. Revista Letrônica v. 2, n. 1, p. 231 - 240, 2009.

BAKER, Colin. The Measurement of Bilingualism. In: _____ **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism.** New York: Multilingual Matters, 2006. cap. 2, p. 21-41.

BERNIERI, Simone R. **Crenças e Atitudes Linguísticas em Relação a Línguas Minoritárias:** Alemão em São Carlos/SC e Italiano em Coronel Freitas/SC. Universidade Federal da Fronteira Sul. Dissertação de Mestrado, Chapecó, 187f. 2017.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Compton Printing LTD: Londres, 1935. Disponível em: http://arrow.latrobe.edu.au/store/3/4/3/4/8/public/B15113309.pdf Acesso em 07 Jan. 2019.

BORTOLOTTO, Paula Cristina Merlo. **O talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco.** 2015. 187p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Processos de colonização e povos indígenas no Oeste Catarinense. In: VALENTINI, Delmir José; MURARO, Valmir Francisco. **Colonização,**

conflitos e convivências nas fronteiras do Brasil, da Argentina e do Paraguai. Porto Alegre: Letra&Vida, Chapecó.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: a proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP. 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Geolinguistica no Terceiro Milenio**: Monodimensional ou pluridimensional? Revista do GELNE. Ano 4, N. 2, 2002. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088. Acesso em 27 Nov. 2018.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

DECROSSE, Anne. Um mito histórico, a língua materna. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (orgs.). **Multilinguismo**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989, p. 19-29.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: FONSECA, S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1959] p. 99-118.

FISHMAN, Joshua A. **Bilingualism withhand without diglossia; diglossia with and without bilingualism**. Journal of Social Issues, v. 23, n.2, p. 29-38, 1967.

_____. Language maintanance, language shift and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (eds). **The handbook of bilingualism**. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 406-436.

FORNARA, Ana E.; HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. **Estratégias de manutenção e revitalização linguística no Oeste Catarinense**. Revista Organon, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/72292/42108. Acesso em 09 Mar. 2018.

FRIZZO, Celina Eliane. **Manutenção, preservação e perda do bilinguismo:** português/guarani/kaingang na terra indígena Guarita-RS. Universidade Federal da Fronteira Sul. Mestrado em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2017.

FUNKLER, Débora; HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes ítalo-brasileiros em Chapecó-SC**. Web Revista Sociodialeto, 2017. Disponível em: http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/16/17. Acesso em 09 Mar. 2019.

Globo.com. **Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>. Acesso em mar. 2017.

GHASARIAN, Christian. **Introdução ao estudo do parentesco**. (Trad. Por Ana Santos Silva). 1ª Ed., Lisboa: Terramar. 1996.

GROSJEAN, François. Individual bilingualism. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994. Disponível em: www.signwriting.org/forums/swlist/archive2/message/6760/Indiv%20bilm.rtf. Acesso em Ago. 2019.

HABEL, Jussara Maria. **Os nomes do *Hunsrückisch*:** aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. Entrepalavras: Fortaleza, v. 7, p. 314-330, ago./dez. 2017.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. Disponível em: http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam032/99012600.pdf Acesso em: 04 Jan. 2019.

HASSELSTRON, Munick M. **Línguas de Imigração em Contato com o Português no Oeste Catarinense:** Crenças e Atitudes Linguísticas. Universidade Federal da Fronteira Sul. Dissertação de Mestrado, Chapecó, 149f. 2017.

HEREDIA, Cristine de. Do biliinguimo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J.(orgs). **Multilinguismo**. Campinas: Unicamp, 1989.

HEYE, Jürgen. **Línguas em contato: considerações sobre bilingüismo e bilingualidade.** In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (org.). Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 229-235.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari.** Dissertação de mestrado, 231 f. UFRGS: Porto alegre, 2014.

HORST, Cristiane. **"Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa".** A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil. Westenseeverlag: Kiel, 2011.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. **Línguas em contato no sul do Brasil:** um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch. Papia 22(2), p. 367-383, 2012.

_____. **Identidade e comportamento étnico linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil**: teoria e prática. Nonada, Porto Alegre, n. 24, p. 173-187, 2015.

JANSSEN, Maria Gertrudes. **Desbravando caminhos**: histórias contadas pelos pioneiros. Mondaí (SC): Ed. da Autora, 2006.

JUNGBLUT, Roque. **Porto Novo:** Um documentário Histórico. Itapiranga: Ed. SEI FAI. 2011.

KING, Kendal; MACKEY, Alison. **The bilingual Edge:** Why, When and How to teach your child a second language. New York, NY, 2007, 1ª ed.

KLEIN, Daniele; HORST, Cristiane. **A percepção do indivíduo bilíngue hunsriqueano-português sul-riograndense em relação ao seu bilinguismo no oeste de Santa Catarina**. Web-Revista SOCIODIALETO, v. 6, p. 29-68, 2015.

KRUG, Marcelo J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane; WEPIK, Fernanda Fátima. ***Code-switching* na fala de polono-brasileiros de Áurea/RS**. Revista Domínios de Lingu@gem, v. 10, p. 1404-1443, 2016.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta P. Scherre; Caroline R Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, Tereza T. C.; FERREIRA, Marília De N. **Terminologia de Parentesco em Parkatêjê**. URGS: Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 10-34, 2015. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/viewFile/49409/34124>. Acesso em Jan. 2019.

LUERSEN, Werkhausen Rosane. **A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil.** In. Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora. Visões nº.7, p. 70-87, 2009.

MACHADO, Lucas Löff. **Standard e Substandard do Alemão em Contato com o Português: Variação na Competência de Fala em *Hochdeutsch* de Falantes de *Hunsrückisch***. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Dissertação de Mestrado: 166 f. 2016.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. *In:* FISHMAN, Joshua A. (ed.). **Reading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MATOZO, Drieli Laiza. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian:** contexto urbano e rural de Chapecó – SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul. Mestrado em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2018.

MELLO, Heliana. **Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato**. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MEYER, Martina. ***Deitsch* ou *Deutsch*?** Macroanálise pluridimensional da variação do *Hunsrückisch* Rio-grandense em contato com o português. 2009. 46 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

MONDAÍ. **Prefeitura de Mondaí**. Disponível em: https://www.mondai.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/14696. Acesso em 21 Nov. 2018.

MUYSKEN, Pieter. Mixed codes. *In*: Auer, P.; Li Wei (eds.). **Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication**. Berlin, N. Y.: de Gruyter, 2007, 315-339.

PONSO, Letícia Cao. **Situação minoritária, população minorizada, língua menor**: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. Niterói, v.22, n. 42, p. 184-207, 2017.

POPLACK, Shana. Code-switsching: Linguistics. In: SMELSER, Niel; BALTES, Paul (eds.). **Internacional Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**. Elsevier Science Ltda. 2062-2065, 2001.

PROJETO ALMA. **Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/pontos.html>. Acesso em mar. 2017.

RAVINDRANATH, Maya. **Language Shift and the Speech Community:** Sociolinguistic Change in a Garifuna Community in Belize. (2009). Publicly Accessible Penn Dissertations. Disponível em: http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1042&context=edissertations. Acesso em Jan. 2019.

RENK, Arlene A. **Imigração e êxodo rural**. Revista Grifos (1) - Chapecó. UNOESC, 1995.

RODRIGUES, A. **Tarefas da lingüística no Brasil**. In: Estudos lingüísticos, 1. São Paulo: 1966. p. 4-15.

RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração Alemã**: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo, Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

ROYGER, Venida. **Colonização, memória e experiências em Saudades**. Cadernos do CEOM, Unochapecó, v. 13, n. 11, 1999. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2122. Acesso em: 31 Jan. 2019.

SAUDADES. **Prefeitura de Saudades**. Disponível em: https://www.saudades.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/9741. Acesso em: 21 Nov. 2018.

SCHNEIDERS, Micheli. **Macroanálise pluridimensional da variação de <Gurke/Kummer> e <Pfirsich/Pesch> como indicadores de normatividade e/ou dialetalidade do "Hunsrückisch"**. Universidade Federal da Fronteira Sul. Mestrado em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1999.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre Ed. da UFRGS, p. 63-92, 2005.

THUN, Harald. Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera. *In*: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). **Neue Wege der Romanischen Geolingyistik**. Westense – Verl. 1996. p. 210-274.

_____. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In*: RUFFINO, Giovanni. **International Congress of Romance Linguistics and Philology.** Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, 1998.

_____. Variety complexes in contact: a study on Uruguayan and Brazilian fronterizo. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds) **Language and space**: theories and methods. Berlin/New York: de Gruyenter, 2010.

WEHRMANN, Clarí. **A situação do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa.** 2016. 161p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

WOLSCHICK, Isaura. **Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondaí e São João do Oeste – SC**. Universidade Federal da Fronteira Sul. Dissertação de Mestrado, Chapecó, 134f. 2017.

ANEXOS

ANEXO I – Conversa livre semidirigida e Questionário com questões metalinguísticas (KRUG, 2013)

DIÁLOGO INTRODUTÓRIO PARA SER GRAVADO NO INÍCIO DA ENTREVISTA
Hoje é o dia _____
Estamos em _____
Meu nome é _____
Estamos com _____
Que pertence ao grupo da _____
Você está de acordo que esta conversa seja gravada e que seja usada para fins de pesquisa e publicações de cunho científico?
Wie alt bist du? _____
Was ist dein Beruf _____
Was is deine Religion? _____
Bist du zur Uni gegangen?
_____

I – Questões de identidade (KRUG, 2013)
1. Você se considera bilíngue? **AP**: Meinst du, dass du zweisprachig bist? **VA**: Bist du zweisprachig?

2. Que línguas você fala? **AP**: Welche Sprache sprichst du? **VA**: Was fo Sprache sprechst du?

3. Qual você aprendeu primeiro? **AP**: Welche hast du zuerst gelernt? **VA**: Was fo hast du zuerst gelernt?

4. Qual você fala melhor? **AP**: Welche sprichst du besser? **VA**: Was fo sprechst du besser?

5. Qual você acha mais bonita? **AP**: Welche findest du schöner? **VA**: Was fo ist die schönste?

6. Para você, qual é a mais difícil de aprender? **AP**: Für dich, welche ist die schwieriger zu lernen? **VA**: Was fo ist die schlimmste zu lernen?

7. Que línguas costuma falar na família? (quantas vezes? Quando, com quem? (Krug, 2004, Steffen 2007) **AP**: Welche Sprachen sprechen Sie normalerweise in der Familie? (wie oft? Wann, mit wem?) **VA**: Was fo Sprach sprechst du der mehrste in die Familie? (wie oft? Wenn? Mit wem?)

8. Que tipo de alemão é? Como se chama? Poderias falar "um pouquinho sobre o que é típico alemão"? O que disso que você colocou você acha que apresenta? **AP:** Was für ein Deutsch ist es? Wie heiβt es? Können Sie ein biβchen über was typisch Deutsch ist reden? Von diesen, welche haben Sie? **VA:** Was fo Deutsch? Wie heiβt er? Was ist fo dich typisch Deutsch? Was von das, hast du?

9. Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual é a diferença? (Vide KRUG, 2004) **AP**: Gibt es einige Unterschieden zwischen das Deutsch, das man in Deutschland

spricht und das man hier spricht? Was ist der Unterschied? **VA**: Sehst du Unterschied zwische unse Deutsch und de Deutsch von Deutschland? Was ist die Unterschied?

10. Em que língua gosta de conversar mais? **AP**: Auf welche Sprache sprechen Sie lieber? **VA**: Was von Sprache sprechst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch/Portugiesisch?

11. De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária, ou português? **AP**: Im Algemeinenen sprechen Sie mehr die Minderheitensprache oder Portugiesisch? **VA**: Was von Sprache sprechst du mehr, Deustch oder Brasilianisch?

12. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide KRUG, 2004) **AP**: Wenn Besuch kommt, welche Sprache benutzen Sie lieber? **VA**: Wenn du Besuch kriegst, was von Sprache sprechst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch?

13. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala alemão? (Vide KRUG, 2004) **AP**: Und wenn der Besuch nur Portugiesisch spricht? Fühlen Sie sich besser wenn es ein Besuch ist, der auch Deutsch spricht? **VA:** Und wenn der Besuch nur Portugiesisch sprecht? Fühlst du dich besser wen de Besuch auch Deutsch sprecht?Is es besser wenn de Besuch auch Deutsch weis?

14. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua língua de casa, alemão? **AP**: Was denken Sie über Leute, die nur Portugiesisch sprechen und nie die Sprache von zu Hause, Deutsch? **VA**: Was finst du von die Mensche wo nur Portugiesisch spreche und nie die Sprach von zu Haus? /Baheim

15. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, alemão, mas insistia em só falar português? **AP**: Ist es dir schon passiert, mit jemandem zu sein, der seine Sprache von zu Hause wusste, Deutsch, aber der nur Portugiesisch sprechen wollte? **VA**: Ist dich schon passiert mit einer sein wo wusst Deutsch spreche, aber hat immer insistiert nur Português spreche?

16. Como aprendeu o português? **AP**: Wie haben Sie Portugiesisch gelernt? **VA**: Wie hast du Português gelernt?

17. Como é/foi o uso do alemão na escola e na igreja? (Vide KRUG, 2004) **AP**: Wie war/ist das Deutsch in der Schule und in der Kirche benutzt? **VA**: Wie ist/war das Deutsch in die Kirch und in die Schul benutzt?

18. Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Vide KRUG, 2004) **AP**: Was denken Sie, wie sehen die Auβenseiter die Leute, die hier leben? **VA**: Was denkst du, wie sehen die Leut von drauβen die Leut von hier?

19. Como se sente mais? Alemão, Brasileiro ou Catarinense? **AP**: Fühlen Sie sich mehr Deutsch, Brasilianer(in) oder Catarinense? **VA**: Wie fühlst du dich mehr? Deutsch, Brasilianer oder Catarinense?

20. Quem nasce em Santa Catarina é... **AP**: Wer in Santa Catarina geboren ist, ist... **VA**: Wer in Santa Catarina gebohr ist , ist...

21. E quando pensa no alemão? **AP**: Und wann denken Sie an das Deutsch? **VA**: Und wenn denkst du an die Deutschsprache?

22. Se a seleção brasileira de futebol joga contra a alemã, para quem você torce? **AP**: Wenn die brasilianische Fuβball-Nationalmannschaft gegen die Deutschemannschaft spielt, wem drücken Sie die Daumen? **VA**: Wenn die seleção brasileira gegen Alemanha Fuβball spiele tut, fo wen torciest du?

II Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade) (KRUG, 2013)
1. O que identifica o alemão típico daqui? **AP**: Was identifiziert den lokalen typischen Deutscher? **VA**: Wie ist der Deutscher von hier?

2. E o brasileiro? **AP**: Und der Brasilianer? **VA**: Und de Brasilianer?

3. Como são chamadas as pessoas que não são de origem alemã? (na língua do imigrante e no português) (Vide KRUG, 2004). **AP**: Wie nennen Sie die Leute, die nicht von Deutsche abstammen? **VA**: Wie heiβe die Mensche, wo nicht von Deutsch abstammen?

4. Características do brasileiro. Como é esse brasileiro? (Vide KRUG, 2004) **AP**: Eigenschaften des Brasilianer, wie ist er? **VA**: Wie ist der Brasilianer?

5. O que sabe da língua do (outro) alemão? Citar palavras ou expressões. (Vide KRUG, 2004) **AP:** Was wissen Sie von der Sprache der anderen? Erwähnen Sie Worte oder Ausdrücke. **VA**: Was kennst du von der andere Sprache? Sag ma Worte und Audruck.

6. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? **AP**: Im Allgemeinen, **wer erhielt am besten VA**: Von alle Menschen von hier, wer passt mehr sein Sprache uff.

7. Tem diferença entre o alemão falado em Mondaí e São João? A que se deve isso? Dê alguns exemplos. **AP:** Gibt es Unterschiede zwischen das Deutsch, das man in Mondaí spricht und das man in São João spricht? Warum ist das? Geben Sie Beispiele. **VA**: Gebt es Unterschiede zwischen das Deutsch wo man in Mondaí sprecht und São João?

8. De modo geral, quem fala melhor o português, o alemão ou o italiano? **AP**: Im allgemeinen, wer spricht besser Portugiesisch, die Deutsche oder die Italiener? **VA**: Wer sprecht besser Portugiesisch, der Deutsch oder de Italiener?

III Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura) (KRUG, 2013)
1. Acha importante que os filhos aprendam alemão dos pais? Por quê? (vide Krug 2004) **AP**: Was denken Sie, ist es wichtig, dass die Kinder Deutsch Von seinen Eltern lernen? Warum? (Vide KRUG, 2004) **VA**: Finst du important das die Kinder die Sprach Von die Elder lerne? Warum? /Fo was?

2. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão) ... O que acha disso? **AP**: Viele junge Leute sprechen die Sprache der Eltern nicht mehr (Deutsch) Wie denkst du darüber? **VA**: Viele junge Leut sprechen nicht mehr die Sprache von die Elder. Was denkst du von das?

3. Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão? **AP**: Gibt es Situationen, in den Sie sich schämen Deutsch zu sprechen? **VA**: Gibt es Momente, die du dich schämst Deutsch spreche?

4. Acha que deveria ter ensino de alemão na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por quê? (Vide Krug 2004) **AP**: Denken Sie, dass es Deutschunterricht in der Schule geben sollte? Wenn ja, würde es wichtiger sein als English? Warum? **VA**: Denkst du, das es Deutsch in die Schul gebe mist? Wenn ja, wär das besser als English?

5. Se fosse dizer o que mais identifica um alemão, diria que é o quê? **AP**: Wenn Sie sagen könnten, was ein Deutscher besser identifiziert, was würde es sein? **VA**: Wenn du sagen dest wie man ein Deutsche rauskennt, was wär es?

Suas características físicas **AP**: das Aussehen? **VA**: das Aussehen
Sua língua **AP**: seine Sprache **VA**: die Sprache
Sua Música **AP**: seine Musik **VA**: Musik
Sua casa **AP**: sein Haus **VA**: das Haus
Seu jeito de ser **AP**: **VA**:
Sua religião **AP**: seine Religion **VA**: die Religion
Seus hábitos e costumes **AP**: Gewohnheit und Tradition **VA**:
Suas festas **AP**: seine Feste **VA**: Fest
Seus nomes **AP**: Seine Namen **VA**: Name
Outro _____

IV Grau de bilinguismo dos informantes da sua comunidade e o reconhecimento da identidade (KRUG, 2013)

1. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt 1997) **AP**: Welche Sprache sprechen Sie in den folgenden Gelegenheiten in Ihrem Gebiet? **VA**: Was von Sprache sprechst du in diese ocasiões in dein Municip?

30.1 no Correio VP: Auf der Post **VA**: auf der Post
30.2 no supermercado VP: Im Supermarkt **VA**: in der Merkat
30.3 nas lojas VP: In den Laden **VA**: ins Geschäft
30.4 no sindicato VP: Im Syndikat **VA**: in der Sindicat
30.5 no restaurante VP: Im Restaurant **VA**: im Restaurant
30.6 na prefeitura VP: Im Rathaus **VA**: In die Prefeitura
30.7 no posto de saúde **VA**: in der Posto
30.8 com o padre/pastor VP: mit dem Pfarrer/Pastor **VA**: mit der Pader/Pfarrer
30.9 nas festas e nos bailes VP: auf den Festen und auf den Bällen **VA**: ufs Fest und Ball
30.10 no confessionário VP: in der Beichte **VA**: in der Beichte
30.11 no posto de gasolina VP: auf der Tankstelle **VA**: in der Gasolinapost
30.12 no trabalho VP: auf dem Arbeitsplatz **VA**: an die Arbeit

2. Quando você encontra um(a) estranho(a) na rua de sua cidade em que língua você fala com ele/ela? **AP**: Wenn Sie einem(er) Fremder(e) auf der Straβe Ihrer Stadt begegnen, auf welche Sprache sprechen Sie mit ihm/ihr? **VA**: Wenn du einer Fremder in die Straβe deine Stadt begegen tust, was von Sprach sprechst du mit ihm?

3. Em que situações você fala a língua minoritária, e o português? **AP**: Bei welchen Gelegenheiten sprechen Sie die Minderheitensprache, und Portugiesisch? **VA**: In was Von Situacionen sprechst du die Deutschsprache, und Português?

4. Quando você fala português, você mistura a variedade minoritária? Se sim, o que você mistura e por quê? **AP**: Wenn Sie Portugiesisch sprechen, mischen Sie es mit der Minderheitensprache? Wenn ja, was mischen Sie und warum? **VA**: Wenn du Português sprechen **tust**, vermischtst du es mit dem Deutsch? Wenn ja, was vormischt du und warum?

5. Quando você fala a variedade minoritária, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê? **AP**: Wenn Sie die Minderheitensprache sprechen, mischen Sie es mit Portugiesisch? Wenn ja, was mischen Sie und warum? **VA**: Wenn du Deutsch sprechst, vormischt du es mit Português? Wenn ja, was vormischt du und warum?

ANEXO II – Questionário lexical com os termos de parentesco

PARENTESCO SANGUÍNEO	**Masculino**	**Feminino**
1) Mãe (vide ALCF – Questão 168; ALGR cap. B, III16 MRhSA 28.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 165) *Wie sacht/sogt ihr vo der Froo de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezog hot?* / Como você chama a pessoa que te gerou?	A) *Motter* ( ) B) *Mutti* ( ) C) *Mammai* ( ) D) *Mama* ( ) E) *Mai* ( ) F) *Maio* ( ) G) *Manhe* ( ) H) *Maie* ( ) I) Mãe ( )	A) *Motter* ( ) B) *Mutti* ( ) C) *Mammai* ( ) D) *Mama* ( ) E) *Mai* ( ) F) *Maio* ( ) G) *Manhe* ( ) H) *Maie* ( ) I) Mãe ( )
2) Pai (vide ALCF – Questão 167; ALGR cap. B, III- 15 MRhSA 52.4; ALMA-H cap. 1 – IX - 164) *Wie sacht/sogt ihr vo der Mann de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezog hot? /* Como você denomina o homem que lhe possibilitou a vida, que lhe deu a vida, que lhe colocou no mundo, que lhe educou?	A) *Vater* ( ) B) *Vatti* ( ) C) *Pappai* ( ) D) *Papa* ( ) E) *Paio* ( ) F) Pai ( )	A) *Vater* ( ) B) *Vatti* ( ) C) *Pappai* ( ) D) *Papa* ( ) E) *Paio* ( ) F) Pai ( )
Todos nós temos uma mãe e um? 3) Pais (vide ALCF – Questão 166; ALMA-H cap. 1 – IX - 163) *Wie sacht/sogt ihr fur die zweu Leit die dich uf die Welt gebrach hon/getun hon/eich das Lewwe geb hon, die dich gezogen hon? /* E a mãe e o pai são nossos?	A) *Eltre* ( ) B) Pais ( )	A) *Eltre* ( ) B) Pais ( )
4) Filha (vide ALCF – Questão 171; MRhSA 130.2; WS 09; ALMA-H cap. 1 – IX - 168) *Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens femenin ist/ een Froo ist? /* Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?	A) *Mede* ( ) B) *Mere* ( ) C) Filha ( )	A) *Mede* ( ) B) *Mere* ( ) C) Filha ( )
5) Filho (vide ALCF – Questão 172; MRhSA 164.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 169) *Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens maskulin ist/ een Mann ist? /* Como a mãe chama para um menino que ela gerou?	A) *Jung* ( ) B) *Bub* ( ) C) Filho ( )	A) *Jung* ( ) B) *Bub* ( ) C) Filho ( )
6) Gêmeos (vide ALCF – Questão 173; ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B, III82 u. 83; ALMA-H cap. 1-IX - 170) *Wenn zweu Kinner uf eenmol uf die Welt kommen/ gebohr sind, wie sacht/sogt man uf die zwei mitsamme? /* Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?	A) *Zwillinge* ( ) B) *Zwillings* ( ) C) Gêmeos ( )	A) *Zwillinge* ( ) B) *Zwillings* ( ) C) Gêmeos ( )
7) Irmãos (vide ALCF – Questão 182 –	A) *Brieder* ( )	A) *Brieder* ( )

adaptada; MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMAH cap. 1-IX - 179) *Wie sacht/sogt ihr voo Manner alle beisamme,wo den selbigen Eltra hon, een Papa und een Mama hon? /* São filhos do mesmo pai. O que os meninos são das meninas?	B) *Brierer* ( ) C) *Maninhos* ( ) D) Irmãos ( )	B) *Brierer* ( ) C) *Maninhos* ( ) D) Irmãos ( )
8) Irmã (vide ALCF – Questão 183 – adaptada; MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA-H cap. 1- IX - 180) *Wie sacht/sogt ihr voo die Froen und die Manner alle beisammen, wo die selbigen Eltra ho, een Papa und een Mama hon? /* E o que as meninas são dos meninos?	A) *Schwestre* ( ) B) *Manas* ( ) C) Irmãs ( )	A) *Schwestre* ( ) B) *Manas* ( ) C) Irmãs ( )
9) Avô (vide ALCF – Questão 192; ALMA-H cap. 1IX – 188; ADDU 211; ALGR cap. B, III- 50-51; ALMA-H cap. 1-IX - 189) *Was ist deen Papa sein Papa von eich? /* O pai de sua mãe é seu?	A) *Großvater* ( ) B) *Opa* ( ) C) *Wowwe* ( ) D) *Wowwo* ( ) E) Avô ( )	A) *Großvater* ( ) B) *Opa* ( ) C) *Wowwe* ( ) D) *Wowwo* ( ) E) Avô ( )
10) Avó (vide ALCF – Questão 193; ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA-H cap. 1-IX - 190) *Was ist deen Papa sein Mama von eich? /* A mãe de sua mãe é sua/tua?	A) *Großmotter* ( ) B) *Oma* ( ) C) *Wowwe* ( ) D) *Mutter* ( ) E) Avó ( )	A) *Großmotter* ( ) B) *Oma* ( ) C) *Wowwe* ( ) D) *Mutter* ( ) E) Avó ( )
11) Neto / Neta (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) *Was seid ihr von deiner Oma/Wowwe? Und deen Bruder oder Schwester? /* O que seu filho é de seus pais?	A) *Enkelkind* ( ) B) *Enkelche* ( ) C) Neto, Neta ( )	A) *Enkelkind* ( ) B) *Enkelche* ( ) C) Neto, Neta ( )
12) Bisavô (vide ALCF – Questão 197; ALGR cap. B, III-54.1 u. 54.2; ALMA-H cap. 1-IX - 194) *Wie sachen/sogen deen Kinner fur dena Opa/Wowwo? /* O pai de seus avôs é seu?	A) *Ugroßvater* ( ) B) *Uropa* ( ) C) *Urwowwe* ( ) D) *Urwowwo* ( ) E) Bisavô ( )	A) *Ugroßvater* ( ) B) *Uropa* ( ) C) *Urwowwe* ( ) D) *Urwowwo* ( ) E) Bisavô ( )
13) Bisavó (vide ALCF – Questão 198; ALGR cap. B, III-54.3 u. 54.4; ALMA-H cap. 1-IX - 195) *Wie sachen/sogen deen Kinner fur dena Oma/Wowwe? /* A mãe de seus avós é sua/tua?	A) *Ugroßmotter* ( ) B) *Uroma* ( ) C) *Urwowwe* ( ) D) Bisavó ( )	A) *Ugroßmotter* ( ) B) *Uroma* ( ) C) *Urwowwe* ( ) D) Bisavó ( )
14) Bisneto / Bisneta (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) *Was sind deen Kinner voo dena Oma/Wowwe? /* O seu filho é o que de seus avós?	A) *Urenkelkind* ( ) B) *Urenkelche* ( ) C) Bisneto / Bisneta ( )	A) *Urenkelkind* ( ) B) *Urenkelche* ( ) C) Bisneto / Bisneta ( )
15) Tio (vide ALCF – Questão 185; ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMAH cap. 1-IX - 182)	A) *Onkel* ( ) B) *Unkel* ( ) C) *Vetter* ( )	A) *Onkel* ( ) B) *Unkel* ( ) C) *Vetter* ( )

Wie sacht/sogt ihr voo der Papa oder der Mama sein Bruder? / O irmão do seu pai é seu?	D) Tio ( )	D) Tio ( )
16) Tia (vide ALCF – Questão 186; ALGR cap. B, III81; ALMA-H cap. 1-IX - 183) *Wie sacht/sogt man voo der Papa oder der Mama sein Schwester? /* A irmã do seu pai é sua?	A) *Tante* ( ) B) *Bas* ( ) C) *Boos* ( ) D) Tia ( )	A) *Tante* ( ) B) *Bas* ( ) C) *Boos* ( ) D) Tia ( )
17) Sobrinho (vide ALCF – Questão 189; ALGR cap. B, III-62-63; ALMA-H cap. 1-IX - 186) *Sohn des bruders oder der schwester zu uns? Was ist der Sohn Ihres Bruders oder Ihrer Schwester von Ihnen? /* O que o filho do seu irmão é seu?	A) *Sobrinhe* ( ) B) *Neffe* ( ) C) Sobrinho ( )	A) *Sobrinhe* ( ) B) *Neffe* ( ) C) Sobrinho ( )
18) Sobrinha (vide ALCF – Questão 190; ALGR cap. B, III-64-65; ALMA-H cap. 1-IX - 187) *Was ist das Madchen von deen Bruder oder deen Schwester von eich? /* O que a filha do seu irmão é sua?	A) *Sobrinhe* ( ) B) *Nichte* ( ) C) Sobrinha ( )	A) *Sobrinhe* ( ) B) *Nichte* ( ) C) Sobrinha ( )
19) Primo (vide ALCF – Questão 187; ALGR cap. B, III-67-68; ALMA-H cap. 1-IX - 184) *Was ist der Jung von der von eich? /* O filho do seu/teu tio é seu/teu?	A) *Prime* ( ) B) *Cousin* ( ) C) Primo ( )	A) *Prime* ( ) B) *Cousin* ( ) C) Primo ( )
20) Prima (vide ALCF – Questão 188; ALGR cap. B, III-69-70; ALMA-H cap. 1-IX - 185) *Was ist das Madchen von der von eich? /* A filha do seu tio é sua/tua?	A) *Prime* ( ) B) *Cousine* ( ) C) Prima ( )	A) *Prime* ( ) B) *Cousine* ( ) C) Prima ( )

ANEXO III - Respostas dos informantes sobre o uso dos termos de parentesco em Saudades e Mondaí (SC)

Espont. (ALE) ●	Insistência (ALE) ◑	Sugestão Aceita ◔	Sugestão não Aceita ○

Questão	Termos de parentesco (sanguíneo) em **Saudades** - SC								
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos	M	F	M	F	M	F	M	F
1	*Motter*			○	○				
	Mutter	●	◑					●	
	Mutti			◑					
	Mammai								
	Mama	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mai			○	○				
	Maio								
	Manhe								
	Mai						◑		
	Mãe			○	○			●	●
2	*Vater*	●	●					●	
	Vatti								
	Pappai								
	Papa	●	●	●	●	●	●	●	◑
	Paio								
	Der Alte							●	
	Pai						◑	●	●
3	*Eltre*			●	●	○	○	◔	◔
	Eltern		●						
	Papa und Mama	●	●			●	●	●	●
	Pais								
4	*Medche*	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mere								
	Tochter	●	●					◑	
	Filha								
5	*Jung*	●	●						
	Guriche			●	●	●	●		●
	Bubche			●	●	●	●	●	
	Sohn							◑	
	Filho								
6	*Zwilling*	●	●	●	●	●	●	●	●
	Zwillings								

	Gêmeos								
7	*Brider*	●	●	◔	◔	●	●	●	●
	Geschwester	●		●	●				
	Brierer								
	Maninhos								
	Irmãos								
8	*Schwestre*	●	●	◔	◔	◔	◔	●	●
	Geschwester						●		
	Manas								
	Irmãs								
9	*Großvater*	●	●					●	
	Opa								
	Vater	◑	◑			◑	◑		●
	Wowwe								
	Der Wowwo			●	●	●	●	●	●
	Der Vô								
	Avô								
10	*Großmotter*	●	●					●	
	Oma	●							
	Mutter	◑	◑						
	Die Wowwo			●	●	●	●	●	
	Motter				◑	◑	◑		●
	Avó								
11	*Enkelkind*								
	Enkelche	●	●			◑	◑		
	Sonchie				●				
	Neto/neta					●	●		●
12	*Ugroßvater*	●	●					◑	
	Uropa								
	Urwowwe								
	Urwowwo								
	Großvatter	◑	◑			●	●	●	●
	Großwowwo			●	●				
	Bisavô								
13	*Ugroßmutter*	●	●					◑	
	Uroma								
	Urwowwe								
	Großmotter	◑	◑	●	●	●	●	●	●
	Bisavó								
14	*Urenkelkind*	●	●						
	Urenkelche	◑	◑			●	●		
	Grosenkelche			●	●				
	Bisneto / Bisneta							●	●

15	*Onkel*					●			●
	Unkel	●	●	●	●		●	●	
	Vetter								
	Tio								●
16	*Tante*	●	●	●	●	●	●	◑	
	Bas								
	Boos								
	Tia							●	●
17	*Sobrinhe*								
	Neffe								
	Sobrinho	●	●	●	●	●	●	●	●
18	*Sobrinhe*								
	Nichte								
	Sobrinha	●	●	●	●	●	●	●	●
19	*Prime*		●						
	Cousin							◑	
	Primo	●	●	●	●	●	●	●	●
20	*Prime*								
	Cousine								
	Prima	●	●	●	●	●	●	●	●

Espont. (ALE) Insistência (ALE) Sugestão Aceita Sugestão não Aceita

● ◑ ◔ ◌

Questão	Termos de parentesco (sanguíneo) em **Mondaí** - SC								
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos	M	F	M	F	M	F	M	F
1	*Motter*	◌		◌	◌	◔	◌	◌	◌
	Mutti					◔	◌	◌	◌
	Mammai								
	Mama	◌	●	●	●	●	●	●	●
	Mai	◌		◌	◔		◌		
	Maio		◌	◑	◔	◑		◔	◌
	Manhe		◔					◌	◌
	Maie					◌	◌		
	Mãe	●	◑					◑	◑
2	*Vater*	◌	◌	◌	◌	◔	◌		
	Vatti		◌						
	Pappai								
	Papa	◌	●	●	●	●	●	◔	●

	Paio	○	○	◑	◔	◔	○	◔	
	Pai	●	●					●	
3	*Eltre*	●	◔	●	●	◔	○	●	●
	Papa und Mamma		●			●	●		
	Pais								
4	*Medche*		●	●	●	●	●	●	●
	Mede	●							
	Mere								
	Filha								
5	*Jung*	●	●	●	●	●	●	◔	◔
	Bub	◑	○	○	○	◔	○	●	●
	Guri	●				◑			
	Filho								
6	*Zwilling*	◔	●	●	●	●	●	●	●
	Zwillings								
	Gêmeos								
7	*Brider*	●	◔	●		●	●	●	●
	Bruder		●	●	●				
	Brierer								
	Maninhos								
	Irmãos								
8	*Schwestre*	●	●	●	●	●	●	●	●
	Manas								
	Irmãs								
9	*Großvater*	○	○	◔	●	●	●	○	○
	Vatter	◑		●	●			●	
	Opa	○	○	○	○	○	○	○	○
	Wowwe								
	der Wowwo	●	●	○	◔	◔	●	●	●
	Vô								
10	*Großmotter*	○	○	○	○	●	●	○	○
	Motter	◑		●	●	◔	●	●	
	Oma	○	○			○		○	○
	die Wowwo	●	●		●		◑	●	●
	Avó								
11	*Enkelkind*	○	◔	●	○	◔	●	○	○
	Enkelche		◔				○		
	Enkel		●						
	Neto/neta	●	◔		◔	●	○	●	●
12	*Ugroßvater*	○	◔	●		◔	●	○	○
	Uropa	○	○				○	○	○
	Urwowwe								

	Urwowwo								
	Großvatter	●				●			
	Der Bisa	◔	●			◔	◔	●	●
13	*Ugroßmotter*	◌	◔	●		●	●	◌	◌
	Uroma	◌	◌			◌	◌		
	Urwowwe								
	Großmutter	●				●			
	Die Bisa	◔	●			◌	◔	●	●
14	*Urenkelkind*	◌	◌	◌	◌	◔	◔		
	Urenkelche	◌	◌						
	Bisneto / Bisneta	◔	●	◑	◑	◔	●		
15	*Onkel*	◔	●	◌	◌	●	●		
	Unkel	◌	◌	●	●			●	
	Vetter	◌	◌	◌	◌	◌	◌		
	Tio	●	◔				◔		●
16	*Tante*	◔	●	●	●	●	●	●	
	Bas								
	Boos	◌	◌	◌	◌	◌	◌		
	Tia	●					●		●
17	*Sobrinhe*								
	Neffe	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌
	Sobrinho	●	●	◑	●	●	●	●	●
18	*Sobrinhe*								
	Nichte	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌	◌
	Sobrinha	●	●	◑	●	●	●	●	●
19	*Prime*								
	Cousin	◌	◌	◑		◌	◌	◌	◌
	Primo	●	●	●	●	●	●	●	●
20	*Prime*								
	Cousine	◌	◌	◑		◌	◌	◌	◌
	Prima	●	●	●	●	●	●	●	●